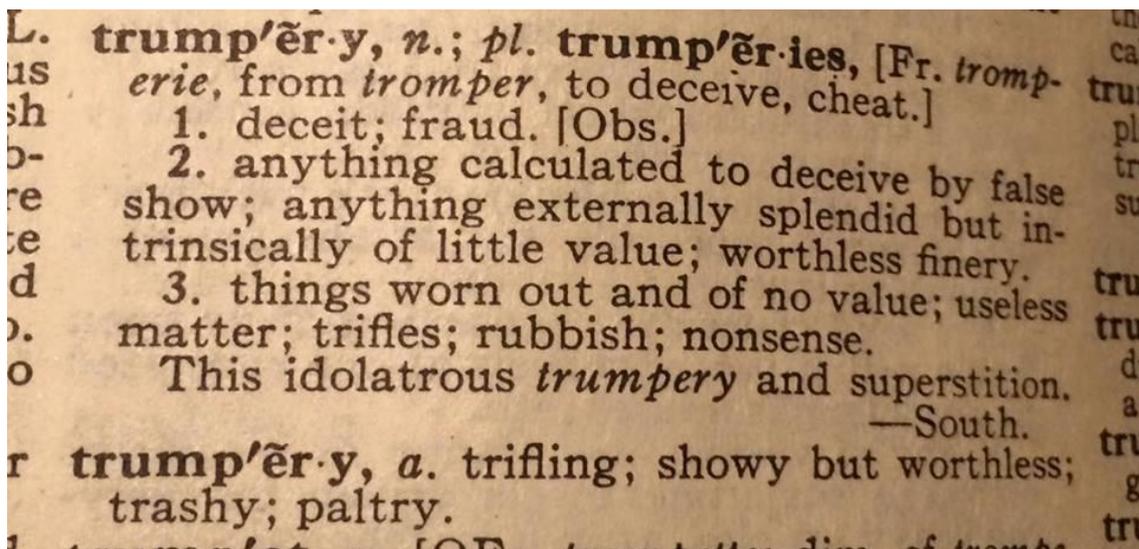


# TRUMP E AS ELEIÇÕES

Coletânea - P.TIMM Org. 2017



## A era da incerteza: Trump no poder nos EUA e Teori Zavascki morto no Brasil

William Waack recebe Rubens Ricupero, Eduardo Viola e Eduardo Giannetti para debater a era da incerteza: enquanto Donald Trump chega ao poder nos Estados Unidos, o ministro Teori Zavascki, relator da Lava-Jato no Supremo Tribunal Federal, morre em um acidente aéreo no Brasil.

<http://g1.globo.com/globo-news/globo-news->

[painel/videos/?utm\\_source=menu&utm\\_medium=gnews&utm\\_campaign=menugnews](http://g1.globo.com/globo-news/globo-news-painel/videos/?utm_source=menu&utm_medium=gnews&utm_campaign=menugnews)



[World Values Survey Brasil](#) Curtir Página

2 h ·

O confronto com a imprensa tem sido uma das características do início do governo Trump.

Na última onda de 2011-2014, o WVS questionou as pessoas sobre a confiança na imprensa. Confira, abaixo, as respostas em diferentes países:

The confrontation with the press has been one of the characteristics of the beginning of the Trump government.

In the last wave of 2011-2014, the WVS questioned people about trust in the press. Check below the answers in different countries: (light brown = trust; dark brown = don't trust)

#WVS #WvsBrasil #press #imprensa #values #valores

## A eleição de Donald Trump e o fim do neoliberalismo progressista

**Nancy Fraser | Dissent Magazine | Nova York - 12/01/2017 - 17h39**

**Resultado eleitoral nos EUA, assim como rejeição a reformas de Renzi na Itália e vitória do Brexit no Reino Unido, indica rejeição popular a aliança entre forças progressistas e forças do capitalismo cognitivo, consolidada por governos Clinton e Obama**

[Imprimir](#)

A eleição de Donald Trump faz parte de uma série de grandes revoltas políticas que, juntas, sinalizam o colapso da hegemonia neoliberal. Elas incluem a votação pelo Brexit, no Reino Unido, a rejeição das reformas do então primeiro-ministro Matteo Renzi, na Itália, a campanha de Bernie Sanders pela nomeação como candidato do Partido Democrático, nos Estados Unidos, e o crescente apoio à direitista Frente Nacional francesa, dentre outras. Embora sejam diferentes em ideologia e objetivos, estas insurreições eleitorais compartilham a mesma meta: todas elas rejeitam a globalização corporativa, o neoliberalismo e o establishment político que os promove. Em todos estes casos, os eleitores disseram “Não!” à combinação letal de austeridade, livre comércio, débito predatório e empregos precários e mal pagos, elementos que caracterizam o capitalismo financeiro dos dias atuais. Seus votos são uma resposta à crise estrutural desta forma de capitalismo, que se tornou patente a partir do colapso quase total da ordem financeira mundial em 2008.

### [Clique e faça agora uma assinatura solidária de Opera Mundi](#)

Até recentemente, no entanto, a principal resposta à crise foi o protesto popular – dramático e intenso, certamente, mas em grande medida efêmero. Os sistemas políticos, em contraste, pareceram relativamente imunes, sendo ainda controlados por funcionários partidários e pelas elites do establishment, ao menos em Estados capitalistas poderosos, como os Estados Unidos, o Reino Unido e a Alemanha. Hoje, contudo, o impacto eleitoral reverbera em todo o mundo, incluindo as grandes capitais financeiras do mundo. Os que votaram em Trump, assim como os que votaram pelo Brexit e contra as reformas na Itália, revoltaram-se na verdade contra os grandes donos da política. Torcendo o nariz para o establishment partidário, repudiaram o sistema que erodiu sua qualidade de vida ao longo dos últimos 30 anos. A surpresa não é que tenham feito isso, mas que tenham demorado tanto tempo.

Ainda assim, a vitória de Trump não é unicamente uma revolta contra as finanças globais. O que seus eleitores rejeitaram não foi simplesmente o neoliberalismo, mas o neoliberalismo progressista. A expressão pode soar como um oxímoro, mas é um alinhamento político real e perverso que explica os resultados da eleição norte-americana e, talvez, alguns dos desenvolvimentos políticos em outras partes do mundo. Nos EUA, o neoliberalismo progressista é uma aliança entre, de um lado, correntes majoritárias dos novos movimentos sociais (feminismo, antirracismo, multiculturalismo e

direitos LGBT) e, do outro lado, um setor de negócios baseado em serviços com alto poder “simbólico” (Wall Street, o Vale do Silício e Hollywood). Nesta aliança, as forças progressistas se unem às forças do capitalismo cognitivo, especialmente à “financeirização”. Embora involuntariamente, o primeiro oferece ao segundo o carisma que lhe falta. Ideais como diversidade e empoderamento, que poderiam em princípio servir a diferentes fins, hoje dão brilho a políticas que destruíram a indústria e tudo aquilo que antes fazia parte da vida da classe média.

O neoliberalismo progressista foi desenvolvido nos Estados Unidos ao longo das três últimas décadas, tendo sido ratificado pela eleição de Bill Clinton em 1992. Clinton foi o principal arquiteto e defensor dos ideais dos “Novos Democratas”, o equivalente americano do “Novo Trabalhismo” de Tony Blair. No lugar da coalização à la New Deal entre trabalhadores sindicalizados do setor industrial, afro-americanos e classes médias urbanas, Clinton forjou uma nova aliança entre empresários, a classe média dos subúrbios, novos movimentos sociais e juventude, levando-os a proclamar juntos sua boa fé moderna e progressista, sua aceitação da diversidade, do multiculturalismo e dos direitos das mulheres. Ao mesmo tempo em que apoiava estas ideais progressistas, o governo Clinton cortejava Wall Street. Entregando a economia à Goldman Sachs, ele desregulou o sistema bancário e negociou acordos de livre comércio que aceleraram o processo de desindustrialização. Isso significou o fim do cinturão da ferrugem (o “Rust Belt”), outrora a maior fortaleza da democracia social do New Deal, que corresponde à região que na última eleição entregou a vitória a Donald Trump. O cinturão, assim como os novos centros industriais do sul, sofreu um grande baque à medida que a financeirização se desenvolveu ao longo das últimas duas décadas. Continuadas por seus sucessores, incluindo Barack Obama, as políticas de Clinton degradaram as condições de vida de toda a classe trabalhadora, mas especialmente a dos funcionários do setor industrial. Em suma, o clintonismo carrega uma grande parcela de culpa pelo enfraquecimento dos sindicatos, pela queda dos salários reais, pela crescente precariedade das condições de trabalho e pelo surgimento da família com dois provedores.



"Empregos, educação, saúde": manifestante em protesto do Occupy Wall Street, em Nova York, em 2011

Aliás, conforme sugerido pelo último item, o ataque à segurança social foi reinterpretado por meio de um discurso emancipatório carismático, emprestado dos novos movimentos sociais. Ao longo dos anos, à medida que o setor industrial ruía, o país ouviu falar muito de “diversidade”, “empoderamento” e “não discriminação”. Ao identificar “progresso” com meritocracia, em vez de igualdade, o discurso igualou o termo “emancipação” à ascensão de uma pequena elite de mulheres “talentosas”, minorias e gays na hierarquia corporativista exclusivista. Esta compreensão individualista e liberal de “progresso” gradualmente substituiu o entendimento de emancipação mais abrangente, anti-hierárquico, igualitário, sensível às questões de classe e anticapitalista, que prosperou nos anos 1960 e 70. À medida que a Nova Esquerda sucumbia, sua crítica estrutural da sociedade capitalista desapareceu, e o pensamento individualista e liberal característico de nosso país se reafirmou, abalando imperceptivelmente as aspirações dos “progressistas” e autodeclarados esquerdistas. O que selou o acordo, no entanto, foi o fato de tais acontecimentos terem sido simultâneos à ascensão do neoliberalismo. Um partido que apoie a liberalização da economia capitalista é o parceiro perfeito para o feminismo corporativo e meritocrático focado em

“assumir riscos” e “superar as barreiras da discriminação de gênero no trabalho”.

O resultado foi um “neoliberalismo progressista” que misturou ideais truncados de emancipação com formas letais de financeirização. Foi esta a mistura que os eleitores de Trump rejeitaram. Dentre os que foram deixados para trás neste admirável mundo novo e cosmopolita estão os operários, mas também gerentes, pequenos empresários, e todos aqueles que dependem da indústria do cinturão da ferrugem e do sul, bem como as populações rurais devastadas pelo desemprego e pelas drogas. Para estas populações, os danos causados pela desindustrialização foram acrescentados aos insultos do moralismo progressista, que os acusa frequentemente de serem culturalmente atrasados. Rejeitando a globalização, os eleitores de Trump também repudiaram o cosmopolitismo liberal que a ela associavam. Para alguns (embora de maneira alguma isto se aplique a todos), não foi difícil culpar, pela deterioração de suas condições de vida, a cultura do politicamente correto, as pessoas negras e as latinas, os imigrantes e os muçulmanos. Aos olhos deles, as feministas e os poderosos de Wall Street são figuras semelhantes, perfeitamente reunidas na pessoa de Hillary Clinton.

### **Como fazer uma cobertura jornalística sobre um fascista?**

#### **Álvaro García Linera: a globalização morreu**

#### **O que Obama representou e o que realizou**

O que tornou possível esta percepção foi a ausência de uma esquerda genuína. Apesar de comoções periódicas, como o Occupy Wall Street, que acabou não durando muito tempo, há décadas a esquerda não se apresenta como uma força estável na política dos Estados Unidos. Também não havia qualquer narrativa de esquerda compreensível, que poderia relacionar as queixas legítimas dos apoiadores de Trump a uma crítica abrangente da financeirização, por um lado, e a uma visão antirracista, antimachista e anti-hierárquica da emancipação, por outro. Igualmente devastador foi o fato de que as possíveis relações entre novos movimentos trabalhistas e sociais foram simplesmente ignoradas. Apartados um do outro, estes dois polos indispensáveis para uma militância viável de esquerda chegaram a ser vistos como antíteses.

Foi assim pelo menos até o início da notável campanha pelas primárias de Bernie Sanders, que lutou para reuni-los, embora tenha enfrentado certa resistência inicial da parte do movimento

Black Lives Matter. Dinamitando o senso comum neoliberal em vigência, a revolta de Sanders foi o equivalente democrata ao que ocorria com Trump entre os republicanos. Enquanto Trump ainda estava lutando pela aprovação do establishment republicano, Bernie chegou muito perto de derrotar a sucessora ungida de Obama, cujos lacaios controlavam todas as alavancas do poder no Partido Democrata. Entre si, Sanders e Trump obtiveram a aprovação da grande maioria dos eleitores americanos, mas apenas o populismo reacionário de Trump sobreviveu. Trump venceu com facilidade seus rivais republicanos, incluindo os que eram favorecidos por grandes doadores e chefes do partido, mas a insurreição pró-Sanders foi efetivamente minada por um Partido Democrata muito menos democrático. No momento das eleições gerais, uma alternativa de esquerda havia sido efetivamente solapada. O que sobrou foi o “pegar ou largar” da escolha entre o populismo reacionário e o neoliberalismo progressista. Quando a chamada esquerda se resolveu em prol de Hillary Clinton, o rumo dos acontecimentos já estava traçado.

Gage

Skidmore

/

Flickr

CC



"Um futuro no qual acreditar": apoiador em comício de Bernie Sanders, então pré-candidato presidencial pelo Partido Democrata, em janeiro de 2016

Esta é uma alternativa que a esquerda teria de recusar. Em vez de aceitar os termos apresentados a nós pelas classes políticas, que opõem emancipação a proteção social, deveríamos trabalhar no sentido de redefini-los, tendo como apoio a crescente repulsa da sociedade contra a ordem atual. Em vez de nos aliarmos ao ideal

da financeirização-com-emancipação contra a proteção social, deveríamos construir uma nova aliança entre emancipação e proteção social, contra a financeirização. Neste projeto, que se alinha ao de Sanders, emancipação não significaria diversificar a hierarquia corporativa, mas antes aboli-la. Da mesma forma, prosperidade não significaria aumento de valor acionário ou lucro corporativo, mas a disponibilização a todos os cidadãos dos requisitos materiais necessários para uma vida confortável. Esta combinação continua sendo a única resposta digna e vitoriosa na conjuntura atual.

Eu não derramo lágrimas pela derrota do neoliberalismo progressista. Certamente, há muito o que temer de uma administração Trump racista, anti-imigrantes e antiecológica. No entanto, não deveríamos entrar em luto nem pela implosão da hegemonia neoliberal, nem pelo desmantelamento do poder do clintonismo sobre o Partido Democrata. A vitória de Trump foi uma derrota para a aliança entre emancipação e financeirização. Mas sua presidência não oferecerá nenhuma resposta à crise atual, nenhuma promessa de um novo regime, nenhuma hegemonia segura. O que veremos, em vez disso, é um *interregnum*, uma situação instável de abertura em que novas mentes e corações poderão ser conquistados. Nesta situação, não há apenas perigo, mas também oportunidade: é a chance de construir uma nova nova esquerda.

Se isso ocorrerá ou não depende, em parte, de uma reflexão profunda da parte dos progressistas que apoiaram a campanha de Hillary Clinton. Eles terão de deixar de lado a cômoda, mas falsa narrativa de que perderam para um “grupo de deploráveis” (racistas, misóginos, islamofóbicos e homofóbicos) ajudados por Vladimir Putin e pelo FBI. Eles terão de reconhecer que têm sua parcela de culpa, ao sacrificar a causa da proteção social, do bem estar material e a dignidade da classe trabalhadora em prol de uma falsa compreensão de emancipação, definida em termos de meritocracia, diversidade e empoderamento. Eles terão de refletir profundamente sobre como podemos transformar a economia política do capitalismo financeiro, revivendo o chamado de Sanders por um “socialismo democrático” e descobrindo o que isto pode significar no século 21. Terão, acima de tudo, de se dirigir às massas que elegeram Trump – ao menos àquela parcela que não é composta por racistas ou extremistas de direita, mas é igualmente vítima de um sistema efetivamente “fraudado”. Estes cidadãos podem e devem ser recrutados para um projeto antineoliberal de uma esquerda renovada.

Isto não significa que teremos de nos calar sobre as urgentes questões colocadas pelo racismo e pelo machismo. O que teremos de fazer é mostrar como estas antiquíssimas formas de opressão encontram nova expressão e terreno nos dias de hoje por meio do capitalismo financeiro. Rebatendo a falsa noção de uma cisão irreconciliável, devemos relacionar os preconceitos sofridos pelas mulheres e por minorias étnicas às dificuldades enfrentadas pelos eleitores de Trump. Desta forma, uma esquerda revitalizada poderia lançar as bases de uma nova e poderosa coalizão, comprometida com a luta em prol de todos os oprimidos.

*\*Nancy Fraser é professora de filosofia e política na New School for Social Research (Nova York) e autora, mais recentemente, de "Fortunes of Feminism: From State-Managed Capitalism to Neoliberal Crisis" ("Fortunas do Feminismo: do Capitalismo de Estado à Crise Neoliberal", em tradução livre) pela editora Verso em 2013. Artigo publicado originalmente na revista [Dissent Magazine](#). Tradução: Henrique Mendes*

## **ESTADOS UNIDOS: O EFEITO BUMERANGUE**

Geniberto Paiva Campos (\*) – Brasília, 08 de janeiro, 2017

(...) “os Estados Unidos, onde se instituiu a primeira e a mais avançada democracia liberal, sofre o problema do declínio político de uma forma mais aguda do que em outros sistemas políticos democráticos” (Fukuyama,2014)

“Um fraco rei faz fraca a forte gente” – (Luis de Camões)

1. A VULNERABILIDADE DE UMA GRANDE POTÊNCIA  
Ao final da II Guerra Mundial, em 1945, quando emergiu como potência atômica, os norte-americanos resolveram usar seu poderio incontrastável do pós-guerra para intervir, direta ou indiretamente, nos países sob a sua presumida esfera de influência. Sempre na preservação dos interesses econômicos e geopolíticos da oligarquia financeira que comanda o país. Usando como pretexto a “defesa e expansão da democracia”. Assumindo o papel de “gendarme do mundo”. O qual foi consolidado e expandido nas últimas décadas. É bastante provável que tenham usado neste processo expansionista o mesmo critério aplicado na sua marcha interna em

direção ao Oeste do seu território, subjugando ou eliminando nações indígenas nativas. E quando se apropriaram, em definitivo, de valiosas terras do vizinho México, incorporando-as de forma abusiva, ao seu território. A esse tipo de intervenção denominam “Destino Manifesto”. O que esse estranho conceito possa significar. Os embates da Guerra Fria somente fizeram agravar a fúria intervencionista americana. Sempre com o pretexto de exportar a sua “democracia” para todo o Mundo. Submetendo governos e nações aos seus interesses. Ditaduras cruéis foram apoiadas pela Pax Americana, desde que fossem convenientes aos seus interesses econômicos e geopolíticos. Claro, sempre em defesa da “democracia”.

Desde a segunda metade do século XX as intervenções na política interna de povos e nações, em todos os quadrantes do Mundo, ocorreram num crescendo incontrolável. Tornando-se algo previsível e natural. Até o tempo presente. Irã, Coréia, Guatemala, Paraguai, Cuba, Vietnam, Chile, Brasil, Argentina, Bolívia, Uruguai. Até a queda do “Muro de Berlim”, seguida do esfacelamento da União Soviética em 1989, foram estes, entre outros, os países vítimas da “expansão democrática” dos americanos.

## 2. PROVANDO DO PRÓPRIO VENENO

O século XXI trouxe a diversificação do método intervencionista e a ampliação do leque de “inimigos” a serem neutralizados/eliminados. O atentado às “Torres Gêmeas”, de 11 de setembro de 2001, introduziu um componente inesperado na aparentemente tranquila democracia interna americana. E mostrou a vulnerabilidade do outrora inexpugnável território dos Estados Unidos em períodos de guerra ou a ataques de grupos “terroristas”. O “11 de setembro” deu início, portanto, a uma nova era na política externa americana. E a conveniente inclusão dos novos inimigos da democracia em sua lista: o Estado Islâmico, ou o “Eixo do Mal”, como o ex-presidente Bush Júnior o batizou. Como se os Estados Unidos tivessem assimilado todos os equívocos que disseminou pelo Mundo, a outrora admirada democracia americana vem sendo gradativamente solapada por intervenções autoritárias, originadas dos poderes constitucionais. (Vale lembrar por sua importância histórica, o “Comitê de Atividades Antiamericanas”, originário do Congresso Americano, iniciativa do senador Joseph McCarthy, na década de 1950. Talvez um dos subprodutos mais significativos da Guerra Fria. Esta fase da vida política iria ficar conhecida como Macartismo. Um dos períodos

mais estranhos e obscuros da política interna dos Estados Unidos. Um sinal do que estava para acontecer em tempos futuros). Para os observadores atentos, o declínio mais acentuado da democracia americana tem início na década de 1980 com a eleição, de certa forma inesperada, de Ronald Reagan. A qual marcaria a hegemonia do Neoliberalismo como doutrina adotada internamente, e que passaria a ser exportada pelos americanos: estado mínimo e lucros sem limites para o capital especulativo. A eleição de Reagan, antigo astro de Hollywood, causou espanto e preocupação em muitos setores, principalmente entre os estrategistas e intelectuais americanos. O que levou o escritor Gore Vidal a dizer, numa famosa entrevista, que Reagan não seria eleito. – “Por que?” perguntam os jornalistas. – “Porque aqui não é o Paraguai”, explicou Vidal. Eleito Reagan, os jornalistas voltaram a procurar Gore Vidal: - “Qual a sua explicação para a vitória do Reagan?” - Benvindos à Assunção...” respondeu o escritor. Com indisfarçado preconceito, pesada ironia, mas como se pode perceber, em tom profético. É provável que a partir daí a política doméstica norte americana tenha começado de uma forma mais evidente a sofrer influências de sua errática política externa. No seu dia-a-dia e no processo político eleitoral mais amplo. Por exemplo, na importante escolha dos seus presidentes.

Reagan, Bush Júnior, e agora Donald Trump seriam os mais prováveis e significativos modelos presidenciais de países “subdesenvolvidos” no governo norte americano. Pela estranheza das suas figuras de governantes e até pelos métodos utilizados para ganhar eleições. Os chineses costumam chamar essa inversão de papéis, aquela situação na qual “as moscas capturam o papel mata-moscas...” Para combater o extremista “Estado Islâmico” seriam necessárias medidas extremas, mesmo tangenciando o mais truculento e primitivo totalitarismo. E o mais grave, praticando atos terroristas em diversos países, a pretexto de “combater o terrorismo”. E trazendo de volta ao século XXI os campos de concentração nazistas. Com novos inquilinos. Daí a grotesca ideia de Guantânamo, base americana localizada em território cubano. Nesta “unidade especial” seriam permitidas sevícias e torturas contra os “inimigos islâmicos”. E os direitos humanos poderiam ser convenientemente abstraídos pelos americanos. Afinal, estava sendo travada uma guerra santa contra o eixo do mal. Assim determinava a doutrina do presidente Bush Júnior.

Guantânamo, curiosamente, não ganhou nenhuma denominação midiática de marqueteiros políticos. Como ocorreu à época de Guerra Fria: “muro da vergonha”; “cortina de ferro”; “mundo livre”; a “ameaça vermelha”.

Guantânamo continuou Guantânamo e ponto final. Ninguém ousou apelidar a base norte americana de “Nova Auschwitz”, por exemplo. Havia o silêncio cúmplice da Mídia americana e dos países simpatizantes...

Internamente, a democracia americana passou a sofrer sérios declínios, com restrições severas aos direitos individuais. Dessa vez, por iniciativa do Executivo. E o apoio do Congresso. O então presidente republicano Bush Júnior, como se fosse um tradicional caudilho latino americano, passou a decretar “atos institucionais”, facilmente aprovados pelo Congresso, restringindo outros direitos, em nome da “Segurança Nacional”. Criando, na prática, um estado autoritário, apenas com aparência de democracia. Com a justificativa – talvez mero pretexto – de combater o “Islamismo”, e outros inimigos.

Pela ordem, foram editados no governo Bush, na primeira década do século XXI, as seguintes medidas ou “atos institucionais” (Moniz Bandeira -1):

1. Suspensão do direito de habeas corpus para “combatentes inimigos fora-da-lei” e para aqueles que os ajudaram;
2. Os combatentes fora-da-lei aprisionados no Afeganistão e levados para Guantânamo estavam impedidos de recorrer, com base na Convenção de Genebra, às cortes americanas;
3. Deu ao presidente o direito de deter, indefinidamente, qualquer cidadão – americano ou estrangeiro – de posse de material de apoio a hostilidades antiamericanas e de autorizar o emprego de tortura em prisões militares secretas;
4. Bloqueio de qualquer ação legal que prisioneiros, detidos como “combatente inimigo” empreendessem, em virtude de danos e abusos sofridos durante a detenção;
5. Permissão aos militares americanos e agentes da CIA o engajamento em práticas de torturas. E autorização para o uso de depoimentos obtidos através de coerção;
6. Concedeu aos militares americanos e agentes da CIA imunidade contra processos por torturarem detidos capturados durante o ano de 2005.

Qualquer semelhança com caudilhos latino-americanos terá sido mera coincidência.

3. A ELEIÇÃO DE DONALD TRUMP E O FUTURO DA DEMOCRÁCIA AMERICANA .

A eleição recente de Donald Trump, para muitos inesperada, tornou mais evidente e mostrou ao Mundo a complicada situação interna da política americana. A qual vem causando grande perplexidade em todos os quadrantes do planeta. É bastante provável que os eleitores americanos tenham se cansado de tantas intervenções pelo mundo. E resolvido mudar o padrão.

É incrível o retrocesso da Democracia e dos padrões civilizatórios na vida americana. Uma sociedade outrora admirada em todo o mundo desenvolvido. Exemplo e modelo de convívio civilizado. A Política nem sempre acompanha as conquistas econômicas, científicas e tecnológicas dos povos e nações. É provável que a longa duração do regime escravocrata nos EUA tenha influenciado os seus futuros dirigentes. Mesmo analistas mais atilados, no caso americano, têm dificuldade em entender e interpretar para seus seguidores o que é e para onde caminha a política externa americana. Seus inúmeros equívocos e repetidas lambanças, nas quais os estrategistas de Washington são mestres insuperáveis. Absolutamente incapazes de aprender as lições da História. Desnecessário, talvez, listar em detalhes, os inúmeros locais onde os americanos se envolveram em “guerras” e intervenções nas últimas décadas. Onde conseguiram provar insuperável capacidade destrutiva. Com mínimos êxitos estratégicos: Iraque, Líbia, Afeganistão, Somália, Iêmen, Síria, no futuro, podem ser “apenas fotografias na parede” do Pentágono. Mas quantas vidas inocentes ceifadas. Quantas nações destruídas. Inutilmente. Quem sabe, apenas para atender os interesses do “complexo industrial-militar”. Longe, muito longe, das prioridades estratégicas e geopolíticas americanas.

Espera-se que alguns ensinamentos possam ter sido assimilados. Aguardemos. Mesmo com mínimas esperanças em Donald Trump. Que não é, exatamente, um Estadista. Mas, poderá surpreender.

(\*) Instituto Lampião

(1) Moniz Bandeira, in “A DESORDEM MUNDIAL” - O Espectro da Total Dominação - Ed. Civilização Brasileira , RJ - 2016

**El tsunami llegó a las costas de Estados Unidos**

Gilberto Lopes - gilberto.lopes@ucr.ac.cr

El tsunami provocado por el terremoto que, en 1990, acabó con la URSS, ha llegado a las costas de Estados Unidos. 26 años después, el desorden político surgido entonces, lejos de consolidar el papel de Estados Unidos como líder mundial, parece haber terminado por sumergirlo en el mismo caos provocado por el fin del orden político de posguerra.

Nunca vi mi país tan dividido en el día en que un nuevo presidente asumía su cargo. Ni “tan angustiado, ni tan temeroso, ni tan poco confiado en el rumbo que ha tomado”, dijo Dan Rather, reconocido periodista norteamericano, en un “elegante y trágico” texto sobre el discurso con que Donald Trump asumió el poder. Lo que no tiene verdaderamente precedentes en mi memoria, dijo Rather, es la magnitud de la aceleración de los latidos del corazón de millones de norteamericanos –de la mayoría en el país, si debemos creer en las encuestas–, sumidos hoy en el dolor y en el temor.

Y señaló: “hay una sensación profunda de que estamos entrando en un capítulo de la historia de nuestra nación distinto a cualquier otro que hayamos escrito”.

¡El tsunami ha llegado a sus costas de los Estados Unidos! Para comprobarlo, basta recorrer las miles de páginas publicadas en estos días sobre los cambios políticos ocurridos en el país.

“Hoy es el primer día de Trump como presidente de Estados Unidos. Es un cambio fundamental en ese país y en el mundo. Pero no sabemos cuál”, opinó Manuel Castells, sociólogo español, profesor en la Universidad de California, en Berkeley.

Para tratar de descifrar el camino, Castells sugiere echar una mirada al gabinete de Trump. Pero ese camino parece ofrecer también pocas luces. “La secretaria de Educación, Betsy DeVos, es una activista de la privatización de las escuelas públicas. Scott Pruitt, ligado a la industria del petróleo, que propuso suprimir la Agencia del Medio Ambiente, es ahora su director. Ben Carson, excandidato presidencial, es secretario de la Vivienda con el encargo de liquidar los programas públicos. Andrew Puzder, secretario de Trabajo, es un enemigo declarado de los sindicatos”.

La orientación del resto del gabinete tampoco ayuda a conformar una visión del rumbo que tendrá el gobierno de Trump. Los tres nombramientos fundamentales, dice Castells, son: “el del senador Jeff Sessions, racista y tolerante del Ku Klux Klan como secretario de Justicia, con el encargo de mantener una política de ley y orden legalizando la represión de la oposición popular y las deportaciones masivas; Reince Priebus, jefe de gabinete con el encargo de negociar con el Congreso republicano, y Stephen Bannon, el

consejero estratégico, para controlar los medios de comunicación, en su mayoría hostiles a Trump. Son estos tres los que darán cobertura política al resto”.

## America first

La orientación del presidente parece, sin embargo, sencilla: America First (Estados Unidos primero).

La propuesta genera perplejidad y desconfianza. Pero ese fue el tono del discurso de Trump el pasado 20 de enero: “Nosotros, los ciudadanos de los Estados Unidos, nos reunimos en un gran esfuerzo nacional para reconstruir nuestro país”. “Determinaremos el curso de los Estados Unidos y del mundo por muchos, muchos años en el futuro”.

Por muchos años, agregó Trump, hemos enriquecido la industria extranjera a costa de la industria norteamericana, subsidiado los ejércitos de otros países, mientras permitíamos una muy triste reducción del nuestro. Hemos defendido las fronteras de otras naciones mientras nos negábamos a defender la nuestras”.

Una visión que parece difícil de conciliar con la realidad de los enormes gastos militares norteamericanos, que superan el de todos sus principales rivales militares juntos, como destacaba, en discurso reciente, Joe Biden, vicepresidente durante la administración de Barack Obama.

De ahora en adelante todo será diferente, prometió Trump: será “Estados Unidos primero. Cada decisión sobre comercio, impuestos, inmigración, asuntos internacionales será tomada para beneficiar a los trabajadores norteamericanos y a las familias norteamericanas”.

¿Cómo hacerlo? El viernes está prevista la primera visita de un líder extranjero al nuevo presidente, en Washington. Será la primera ministra británica, Theresa May, con la que Trump aspira a repetir la exitosa alianza conservadora de los años 80, entre el expresidente Ronald Reagan y la primera ministra Margareth Thatcher. Fue cuando se produjo, como un terremoto político, el fin de la Unión Soviética.

Hoy, con Inglaterra negociando su salida de la Unión Europea y Trump enfocado en su programa de America first habrá que esperar el resultado del encuentro antes de poder imaginar los objetivos comunes que podrán acordar ambos gobernantes.

## Con México

La segunda visita internacional a Washington será la del presidente mexicano, Enrique Peña Nieto, anunciada por Sean Spicer, portavoz del gobierno Trump, en su primera comparecencia ante la prensa, solo 24 horas después de asumir el cargo.

“Con Trump comienza una era de incertidumbre e improvisación entre Estados Unidos y América Latina”, estimó Paula Durán, en el New York Times, el pasado 19 de enero. Era la víspera de la toma de posesión de Trump. “Nadie sabe muy bien qué esperar, ni qué resultará del choque entre sus pretensiones y la realidad”, agregó.

La semana que viene, el 31 de enero, según la información de Spicer, el “primer ministro Peña” se reunirá con Trump en Washington para hablar de comercio y de seguridad, entre otros temas. Se trata, en realidad, de una visita del presidente mexicano (y no del primer ministro) Peña Nieto, a la capital norteamericana. ¿Se hablará entonces del muro fronterizo que prometió Trump construir y cobrar a México? ¿Cómo lo va a cobrar? ¿Con un impuesto a las remesas? ¿De otra forma?

La hora de las conversas vacías se acabó, llegó la hora de la acción, anunció Trump en su discurso inaugural. Habrá que ver qué significa eso en un tema tan sensible como las relaciones con México, con quien Estados Unidos no solo tiene una frontera de casi 3.150 km, sino que es también su segundo socio comercial.

El año pasado, el comercio entre ambos países alcanzó poco más de 242 mil millones de dólares. Su intercambio con Estados Unidos representa para México 66% de su comercio exterior total, con un saldo positivo de casi 60 mil millones de dólares.

Trump ha anunciado su intención de abandonar al Tratado de Libre Comercio de América del Norte (NAFTA) que en enero de 1994 entró en vigencia, con México y Canadá. 22 años después de su entrada en vigencia, es evidente el efecto desestructurador de la economía mexicana del tratado que, sin embargo, ha permitido multiplicar varias veces el intercambio comercial entre ambos países. El gobierno de Trump tampoco está convencido de sus

bondades. ¿Lo irá a denunciar como lo prometió en campaña? ¿Discutirá con Peña Nieto la construcción del muro y el financiamiento de la obra?

## Protestas

Si las promesas de Trump sensibilizaron a amplios sectores del país, sobre todo los afectados por las políticas neoliberales de Reagan y Thatcher –seguida por los grupos más conservadores de América Latina– su discurso agresivo contra diversos sectores, como los inmigrantes, las mujeres o la prensa despertó una rápida reacción en la opinión pública norteamericana.

No pasaron ni 24 horas desde que asumió el poder para que millones de personas salieran a las calles en todo el país y en el exterior, para protestar.

Una ola está creciendo entre la oposición, ansiosa de dejar atrás la pasividad y pasar a la acción. Estamos viendo también un partido Demócrata más combativo que nunca en años, que está siendo alimentado por una energía que surge de las raíces, más que desde arriba, afirmó Dan Rather.

La “Marcha de las mujeres” para protestar contra Trump, una idea sugerida por una mujer en Hawai, prendió rápidamente y alimentó las protestas en todo el país.

El sábado 21, por la mañana, ya se habían manifestado en Australia y Nueva Zelanda; luego lo hicieron en Europa, en la costa este de Estados Unidos, para terminar en Seattle, Los Angeles y California. Diversas estimaciones hablan de casi tres millones de personas en las calles.

“Nosotros marchamos, estamos listas para la pelea”, oí una dirigente negra anunciar desde Washington. “Pelemos por lo que creemos”, dijo la senadora Elizabeth Warren, también presente en las protestas.

El cineasta Michel Moore propuso un detallado plan de resistencia. “No queremos a Donald Trump en la Casa Blanca”, afirmó.

De este modo, cada reivindicación se sumó a una protesta que anuncia, como pocas veces en la historia reciente norteamericana, una renovada lucha política en un país poco acostumbrado a esas confrontaciones.

Las protestas dejaron en evidencia que la pieza de Trump no encaja en el gran rompecabezas mundial. Sus antecesores tenían una que, con mayor o menor dificultad, siempre encajaban en algún escenario. La de Trump no parece encajar en ninguno.

Como dijo Briton Nicola Frith, profesora de la Universidad de Edimburgo sobre el discurso de Trump, “fue el más nacionalista que yo jamás oí. Es como si Donald Trump hubiese inundado toda la nación con su personalidad”.

El nuevo presidente tendrá ahora que empezar a limar sus aristas más agudas y negociar, con Theresa May y con Enrique Peña Nieto, algún escenario en el que encajarlas.

Pero tendrá que enfrentar también desafíos internos, inclusive con su propio partido Republicano, donde las propuestas de denunciar tratados comerciales (incluyendo el Acuerdo Transpacífico de Cooperación Económica – TTP) gozan de poco simpatía.

Y está pendiente todavía la ratificación por el Senado de diversos miembros del gabinete. La propuesta de que el exdirectivo de Exxon, Rex Tillerson, ocupe la Secretaría de Estado despierta inquietudes, del mismo modo que el nombramiento de Betsy DeVos en la cartera de Educación.

**FIN**

## Trump y el sistema

<http://blogs.elpais.com/contrapuntos/2017/01/trump-y-el-sistema.html>

**Pablo Gentili | 22 de enero de 2017**

Trump sorprende. Su capacidad para generar desconcierto suele verse amplificada por algunas peculiares interpretaciones sobre los motivos que explicarían su abrumador éxito político. Analistas y cronistas de los más diversos orígenes y orientaciones, sostienen estupefactos que el nuevo presidente norteamericano es una anomalía del sistema. La afirmación sirve para explicar las razones que justificarían la inconveniente evidencia de que un *outsider* ha asumido el principal cargo político del mundo. Algo ha fallado. La Casa Blanca ha sido invadida por un intruso que nunca debería haber llegado hasta allí. El mundo civilizado parece observar como los valores que siempre guiaron el progreso humano se desvanecen ante las grotescas bravuconadas de un energúmeno capaz de llenar sus bolsillos de dinero, pero no de gobernar los destinos del mayor imperio que ha existido sobre la faz de la tierra. Estamos en peligro.

La explicación parece tentadora, al menos en términos mediáticos. Anunciar que el mundo corre el riesgo de desintegrarse ante las fanfarronadas prepotentes de un psicópata nos hace sentir ciudadanos de Ciudad Gótica y nos obliga a añorar la presencia salvadora de Batman. Debemos, esa es nuestra meta, defender el sistema de sus enemigos.

Suena épico, aunque se trata de una interpretación limitada y simplista no sólo de la figura de Donald Trump, sino especialmente de las supuestas virtudes de un sistema que hoy parecería estar amenazado por un maligno demonio con peluca naranja.



**Donald Trump. Foto: Lucas Jackson (Reuters)**

Hace ocho años, aunque por razones diferentes, el asombro inundaba los medios de comunicación cuando la presidencia de los Estados Unidos era ocupada por primera vez por un político negro. Si hoy cunde el pánico, en aquel momento, las perspectivas eran de optimismo y confianza. El mundo estaba, finalmente, en buenas manos. De hecho, basándose quizás en esa esperanza, el Comité Noruego le concedió a Obama el Premio Nobel de la Paz. Aunque no había ningún motivo para hacerlo, se suponía que su presidencia sería un soplo de pacifismo en el mundo. El presidente norteamericano agradeció la generosidad nórdica aumentando el gasto militar y transformándose en el mandatario de su país que más tiempo ha permanecido en guerra. Superó así a Abraham Lincoln durante la Guerra de Secesión, a Franklin Roosevelt, en cuyo mandato se desarrolló la Segunda Guerra Mundial, a Lyndon Johnson y Richard Nixon, que comandaron la desastrosa incursión del país en la interminable Guerra de Vietnam, y al mismo George W. Bush, a quien Obama sustituyó prometiendo acabar con las guerras. ¿Devolverá ahora Obama el Nobel? No lo creo, aunque tampoco creo que ahora los noruegos se lo otorguen a Donald Trump. Al menos, eso espero.

Obama también fue una sorpresa, aunque no por los motivos que muchos esperaban. Prometió promover el crecimiento y disminuir la pobreza. Cumplió lo primero, pero no lo segundo. Tuvo tasas de crecimiento del 5%, aunque la deuda pública creció más del 85% en su mandato. En 2008, momento en que George W. Bush concluía la presidencia, 13,2% de la población vivía por debajo de la línea de la pobreza, Obama termina su mandato con una proporción ligeramente superior, 13,5%, lo que en números absolutos significa

más de 43 millones de pobres, 14 millones de ellos menores de edad, 3,3 millones más que los que había antes del inicio de su gestión.

Estados Unidos sigue siendo una de las naciones desarrolladas más desiguales del planeta, aunque debe reconocérsele a Obama, importantes esfuerzos en la creación de empleos ([11 millones de nuevos puestos creados en 8 años](#)) y en la defensa y promoción de una política que incluyó más de 16 millones de personas a la atención médica básica. El llamado [ObamaCare](#) permitía confiar que, en materia del derecho a la salud de su población, la más poderosa nación del planeta dejaría finalmente de pertenecer a la Edad Media. Fue una buena política, aunque duró poco. [El mismo día que asumió la presidencia, Trump ha firmado un decreto que comienza a desmontar su estructura de protección](#). Lo bueno dura poco, hasta en Estados Unidos.

Obama iba a acabar con el racismo, pero en Estados Unidos se intensificaron los conflictos raciales y la violencia, especialmente policial, contra la población pobre y negra que vive guetificada en los grandes centros urbanos. También **iba a ser una esperanza para los latinos, pero consiguió la proeza de ser el [presidente que más inmigrantes ha deportado en la historia norteamericana: 2,5 millones](#), muchos de ellos padres que dejaban a sus hijos o hijos que dejaban a sus padres en el país.**

Obama también era caracterizado como un antisistema, un *outsider*, pero de los buenos. Trump es un antisistema, un *outsider*, pero de los malos.

Ocho años de gobierno Obama han mostrado una elástica generosidad en el uso de las palabras “antisistema” y “outsider”. Creo que también lo es en el caso de Donald Trump, aunque sus declaraciones nos aprieten el estómago y nos causen las más diversas formas de náusea política y ética.

Trump es una persona detestable. Un sujeto verdaderamente retrogrado, aunque debo discrepar que represente cualquier forma de ejercicio antisistémico de la política. Menos aún que se trate de un [“hombre bebé”](#), como lo ha llamado el periodista inglés **John Carlin**. Comparar un monstruo político como Trump con un niño recién nacido es algo que me parece trivial, basado en la plena ignorancia de la psicología infantil, así como ofensivo con los niños y niñas del mundo. ¿Por qué cada vez que se quiere decir que alguien parece un verdadero imbécil se lo compara con un niño?

Del mismo modo, creo ofensiva y banal la comparación que algunos periodistas hacen entre Trump y los políticos o la política latinoamericana. Hemos tenido y aún tenemos en América Latina

dictadores despreciables. Pero sorprende que un periódico conservador, aunque generalmente serio, como La Nación, y una periodista conservadora, aunque generalmente seria, como Inés Capdevila, editora de la sección Mundo en dicho medio, haya usado el calificativo “latinoamericano” de forma despectiva para referirse al nuevo presidente norteamericano y a su particular discurso de asunción del cargo: [Un Donald Trump “latinoamericano” en su debut como presidente](#) o [Refundar EEUU, un plan a la manera latinoamericana](#). Capdevilla, también latinoamericana, no debe haberse inspirado en ningún periodista europeo para realizar semejante metáfora. Fue en Europa que se llevaron a cabo algunas de las mayores masacres de la humanidad. Fueron naciones europeas las que comandaron algunos de los peores genocidios. Hitler, Mussolini y Franco eran europeos. Y también lo son los brutales y reaccionarios líderes de la derecha fascista y neonazi que aspiran al trono de algunos de los países más desarrollados del continente europeo. Sin embargo, a ningún periodista de Europa se le ocurría, a pesar de semejantes antecedentes, sostener que Trump es un típico líder europeo.

Pero volvamos al supuestamente truculento y agitador antisistema que hoy ocupa la presidencia de los Estados Unidos.

Se supone que la naturaleza contestataria y agresiva de Donald Trump contradice las normas de un sistema mundial republicano y democrático. Se supone también que su estilo de hacer política, en rigor, su *antipolítica*, objeta, contradice y transborda las expectativas, referencias y márgenes en los que se han manejado, al menos hasta el momento, los líderes mundiales de las naciones más desarrolladas. Trump, dicen, nos pone ante la aterradora evidencia de que un exaltado fanfarrón tenga en sus manos la vida y los destinos de buena parte del mundo. El nuevo presidente norteamericano expresaría una nueva forma de *antiestablishment*, el de los hombres ricos que se hartaron de pagar impuestos y de ser gobernados por una burocracia corrupta, inepta y perezosa. El sistema tiembla y se sobrecoge ante la escalada de amenazas del nuevo presidente.

¿En qué consiste esa *anomalía* llamada Trump?

Según las crónicas, y como él mismo se encarga de demostrar en cada aparición pública que realiza, se trata de un hipermillonario egocéntrico y narcisista, de un personaje misógino y sexista, de un repugnante racista, de un xenófobo prejuicioso y discriminador, de un violento y agresivo personaje dispuesto a enfrentar militarmente a quien se interponga en su camino. Aunque es dudoso que exista algo que defina la normalidad en términos políticos, Trump es

un *subnormal* que se entrenó en el arte de la política conduciendo un *reality show* en el que se divertía despidiendo gente.

Entre tanto, no creo que sea necesario leer demasiada literatura anticapitalista para descubrir que **los atributos que definen la odiada personalidad del nuevo presidente norteamericano son, nada menos, que las principales características del sistema al que supuestamente él se opone: hiperconcentración de riquezas, egoísmo, cultura narcisista, sexismo, discriminación y violencia de género, racismo, guerras, opresión. No creo que haya cualquier disonancia entre la personalidad codiciosa y vehemente del millonario devenido en presidente y la enorme injusticia social, violencia y desigualdad que estructura y da sentido al desarrollo capitalista contemporáneo.**

Más allá de las historias heroicas que se cuentan en Davos, el capitalismo mundial es un sistema cuyo desarrollo se ha subordinado cada vez más al poder de hipermillonarios egocéntricos y narcisistas. El dominio del 1% de la población por sobre el resto de la humanidad ha alcanzado niveles de concentración del poder y de la riqueza como nunca antes existieron en la historia humana. Una de las noticias que más ha circulado en los últimos días es el contundente informe de Oxfam que muestra el inaceptable grado de injusticia al que ha llegado el mundo: 8 personas tienen más riqueza que la mitad de la humanidad, o sea, que 3.600 millones de seres humanos. El sistema que ha llevado a Trump a la presidencia se ha beneficiado inmensamente de esta concentración que contradice los principios éticos y políticos sobre los que debe edificarse cualquier democracia estable. El nuevo presidente norteamericano no contradice lo que ha sido un persistente endiosamiento de los hombres de negocios, de los millonarios que se supone que contribuyen a conducir los destinos del progreso humano.

¿Qué Trump es *antipolítico*? No lo creo. Hace política a su manera, despreciando a los políticos profesionales y criminalizando la acción colectiva. En suma, hace política valorizando al extremo la sabiduría que otorga el mundo de los negocios. Odia la democracia y aspira a construir una **CEOcracia**, un gobierno de gerentes que han sido capaces de amasar una inmensa fortuna personal y, por eso, son los que están en mejores condiciones de gobernar los destinos de una nación. La política mundial avanza en esa dirección. No parece que sea el Sr. Trump quien va a contramano. No es el presidente norteamericano que desprecia la política, es que de tanto machacar con el desprestigio de los políticos, de tanto sostener la necesaria despolitización de los asuntos públicos, la derecha, buena parte de

las principales y más poderosas corporaciones del mundo y algunos medios de comunicación, no han hecho otra que contribuir a que aparezca una figura como Trump. **Fue de tanto entonar el réquiem desentonado de la muerte de la política, que finalmente apareció el funebrero con un cirio sobre la cabeza.**

Trump es un narcisista. En su discurso de asunción del cargo sólo se citó a sí mismo. Nada sorprendente en un sujeto que tiene la particularidad de ejercer un culto a su propia inteligencia, sagacidad y picardía. Entre tanto, no ha sido Trump el creador de la cultura del narcisismo, del imperialismo ético que exalta el egoísmo y la auto referencia, cuestionando la solidaridad, el compromiso social, la lucha por el bien común y la igualdad entre los seres humanos. **Trump no es un traspié del orden moral dominante, sino la expresión más perversa del éxito de un sistema que valoriza al individuo y desprecia a la comunidad, que exalta el supuesto mérito de seres humanos que son capaces de acumular riquezas, mientras humilla y desprecia a los más pobres, a los abandonados y excluidos.**

¿Puede la misoginia y el sexismo ser considerados antisistémicos, en un mundo donde las desigualdades de género, donde la violencia sexista y el femicidio siguen imperturbables, discriminando, excluyendo y matando a miles de mujeres todos los días? El capitalismo siempre fue patriarcal, y, aunque la lucha del movimiento feminista y de las mujeres en el mundo ha conseguido revertir algunas de las más brutales formas de discriminación de género, las empresas siguen siendo machistas y le pagan más a los hombres que a las mujeres, como son machistas también casi todos los partidos políticos y los sindicatos, los parlamentos y los juzgados, la policía y el ejército, así como lo son casi todos los espacios en donde se ejerce el poder en nuestras sociedades. Antisistémico es el feminismo, antisistémica es la lucha por la igualdad de género, no un violento empresario machista que carga sobre sus espaldas denuncias de abuso sexual y que siempre ha considerado que las mujeres son un objeto de consumo.

Trump es un repugnante racista que gobernará un sistema que siempre se sostuvo gracias a la reproducción del racismo. Negros y negras pobres sufren cada día múltiples formas de discriminación y violencia en los Estados Unidos. También lo sufren en todo el planeta los que son discriminados por el color de la piel o por atributos que los vuelven inferiores, ante la perspectiva de los poderosos. El capitalismo y el racismo conviven, volviendo más profunda y más compleja la dominación de clase y las desigualdades que el sistema multiplica. En Brasil, por ejemplo, el

país con mayor población negra del mundo, después de Nigeria, cada 30 minutos un joven negro con menos de 24 años muere asesinado. En los primeros 15 días de 2017, más de 150 presos murieron en las prisiones brasileñas, casi todos decapitados. Más del 90% de ellos era negro.

**Lo que debería sorprendernos es que el mundo siga siendo tan racista, no que ahora haya un presidente norteamericano declaradamente racista.**

El egoísmo, el racismo y el patriarcado son el cemento cultural del sistema. Trump no parece ser otra cosa que la combinación más siniestra de estas formas de opresión que el capitalismo no ha conseguido eliminar y que, en determinados contextos, no ha hecho otra cosa que volverlas más sofisticadas e inhumanas.

Trump es un xenófobo que promete ser muy poco hospitalario con sus vecinos mexicanos y con los extranjeros que provengan de los países pobres. Sería algo alarmante que el presidente norteamericano pensara de tal forma, si no fuera esta la norma que han seguido casi todos los líderes mundiales contemporáneos, con muy raras excepciones. Que Donald Trump consiga que hasta **Angela Merkel** parezca progresista no es otra cosa que un problema de percepción, de intensidad en el ejercicio de su aversión a los extranjeros y al peligro que ellos representan para las grandes potencias mundiales. Pero Angela Merkel, es bueno recordarlo, nunca ha sido progresista y ella también representa de forma cabal un formato de liderazgo político conservador que ha sido valorizado por los votantes de las naciones más ricas del planeta, aquellas que suelen ver al resto de mundo como una amenaza a sus intereses y privilegios.

Más de 5 mil personas han muerto ahogadas el año pasado en las orillas de una Europa que no ha querido atender con decisión la urgencia humanitaria de los refugiados. Mientras escribo esto, miles y miles de seres humanos, muchos de ellos niños y niñas, sufren por el frío y por el hambre en campos y asentamientos precarios, mugrientos y sin otra ayuda que la de las organizaciones humanitarias. **Dicen que los refugiados mueren por la dureza del invierno, pero mueren por la indiferencia y la hipocresía de un mundo que mira hacia otro lado cuando se trata de comprender y de asumir cuál es la responsabilidad de cada uno en las guerras y en las atrocidades que obligan a millones de personas a huir de sus hogares.**

Claro que Trump es un xenófobo nauseabundo. Pero su presencia en la política de la nación más poderosa del mundo no expresa el fracaso sino más bien el catastrófico triunfo del desprecio hacia los

valores democráticos de protección, de acogida, de reconocimiento y de solidaridad con los extranjeros que viven en la pobreza o que sufren con las guerras y la opresión. Trump no es una anomalía monstruosa, es quizás quien mejor expresa el fracaso de una democracia que ha elegido sobrevivir construyendo muros. Podemos y debemos indignarnos cuando Trump dice que construirá una muralla para separar aún más a México de los Estados Unidos. Pero debemos recordar que parte de ese muro ya existe. Y que también existen otros que siguen siendo muy eficientes para preservar los beneficios de los que se arrogan a sí mismos el derecho a vivir con dignidad. Trump es el sucesor de Barack Obama, que fue llamado por la comunidad latina “**Deportador en Jefe**”. La *anomalía*, si existe, viene de antes y es mucho más profunda de lo que solemos estar dispuestos a aceptar.

Finalmente, que Trump parezca ser un sujeto violento, agresivo y, por transferencia directa, un peligroso belicista, debe ser motivo de extrema preocupación. Sin embargo, no ha sido el pacifismo ni la preservación de la paz mundial una característica del capitalismo contemporáneo. La violencia y las guerras crecen y se multiplican en el mundo. Ya mencionamos que Obama, un demócrata progresista, fue el presidente norteamericano que más tiempo permaneció en estado de guerra en toda la historia norteamericana. A pesar de su sensibilidad hacia la situación de los más pobres, el mandatario nunca dejó de aumentar los gastos militares, una industria que hoy domina la política mundial y que constituye la principal amenaza a los derechos humanos de todo el planeta.

Trump no es la causa, sino la consecuencia de un mundo cada más violento, donde las potencias militares siguen actuando como fuerzas coloniales de ocupación, invasión y multiplicadoras de guerras donde quiera que puedan.

**Comienza, sin lugar a dudas, una nueva era. Una era en la que los discursos no buscarán el amparo de lo políticamente correcto. Donde el poder se ejercerá sin concesiones ni eufemismos balsámicos para las conciencias, aunque inútiles para disminuir el sufrimiento de los más pobres y excluidos. Comienza una nueva era, no la de un presidente norteamericano que se ha vuelto *antisistema*, sino la de un sistema que, finalmente, ha decidido tener un presidente a la altura de su mandato de exclusión, de opresión, de muerte y dolor.**

- 
- 
- 
- 
- 
- 

- **openDemocracy**

- **oD-UK**

- **oDR**

- **oD 50.50**

- **democraciaAbierta**

- **Transformation**

- **OurBeeb**

- **More**

## **Donald Trump and the return of class: an interview with Francis Fukuyama**

<https://www.opendemocracy.net/francis-fukuyama-natalia-koulinka/donald-trump-and-return-of-class-interview-with-francis-fukuyama>

FRANCIS FUKUYAMA and NATALIA KOULINKA 20 January 2017

**“What is happening in the politics of the US particularly, but also in other countries, is that identity in a form of nationality or ethnicity or race has become a proxy for class.”**



USA/PA Images. All rights reserved. In 1989, the political scientist Francis Fukuyama's essay "The End of History?" for the *National Interest* declared the triumph of western liberal democracy: "what we are witnessing is not just the end of the Cold War, or a passing of a particular period of postwar history, but the end of history as such: that is, the end point of mankind's ideological evolution and the universalization of Western liberal democracy as the final form of human government." But for Fukuyama, Donald Trump's electoral defeat of Hillary Clinton marks [a new age of populist nationalism](#): "a watershed not just for American politics, but for the entire world order."

In the chorus of experts that seek to offer explanations for the US presidential election results, Fukuyama's analysis has forcefully engaged with the concept of class. On several occasions following the election, Fukuyama has uncompromisingly emphasised that a class division precedes all other divisions related to identity. In a recent article for the *Financial Times*, [he writes](#): "Social class, defined today by one's level of education, appears to have become the single most important social fracture in countless industrialized and emerging-market countries." Meanwhile, the US Democratic Party is now "the party of identity politics: a coalition of women, African-Americans, Hispanics, environmentalists, and the LGBT community, that lost its focus on economic issues."

**Natalia Koulinka:** Does the concept of class have a chance to return victoriously to academic as well as public discourse?

**Francis Fukuyama:** It is more complicated than that. My argument is that class really determines the way people think about politics. The anti-elite anger felt by people who have, at best, high school education, and who have done less well economically, is real. However, many of them do not see themselves as part of the proletariat. They do not think of themselves in economic terms altogether, but rather, in identity terms and foremost in terms of racial identity. So, what is happening in the politics of the United States particularly, but I also think in other countries, is that identity in a form of nationality or ethnicity or race has become a proxy for class. In short, these forms of identity substitute for a class identity.

---

**Identity in a form of nationality or ethnicity or race has become a proxy for class.**

---

Thus, many working-class people in the United States do not like Hillary Clinton and the Democratic Party because, these people say, this is a party of minorities – of African-Americans and Hispanics, gay and lesbians and so forth. These people may think, ‘all of these groups have big advantages over me. The system is giving them, not me, special treatment, because I am white’. From this line of reasoning, they conclude that it is they who are the minority that have been oppressed and discriminated against. In other words, a discrepancy exists between the fundamental reality, which is social class, and the way people actually think about it. By the way, this is not a new phenomenon. Recall the First World War. In 1914, the socialist and communists all hoped that workers of the world would unite, but instead, they all marched off as Englishmen, or Frenchmen or Germans. This is an example of the power commanded by a national identity, even though the class division retains a very strong power, too.

**NK:** An explanation for the greater attractiveness of national identity can lie in the fact that it readily lends itself to romanticisation. Socialism as a doctrine of the utmost egalitarian society is much more resistant to it.

**FF:** I agree.

**NK:** Could you elaborate more on the role you ascribe to education in your explanation of the US election results? Are you saying that it is a lower level of education and not, for example, the material conditions of people that should account for the vote result?

**FF:** No, no! Material conditions are important. However, how one does economically, what kind of job one can have in today's American economy depends completely on education. It is most probable than not that a higher education, especially in science and mathematics, will result in a good, well-paid job while lack of education promises little hope because most of such jobs have been overtaken by technology. To connect this back to politics, education acts on people's politics indirectly, through the economy, to shape the way people eventually vote.

**NK:** Many experts mention 'Brexit' in relation to the election results in the United States. But a more thorough look back into the past reveals similar events that took place much earlier. For example, in 1994, the attempts to implement a neo-liberal economic policy in Belarus met such strong resistance that it, too, determined the result of the first presidential elections in the country. In the less distant past, the presidential elections in Bulgaria and Moldova come to mind as well. All of these cases tell us the same story, but for some reason we have chosen to ignore it. You seem to point to a similar problem. "The real question," [you write](#), "should not have been why populism has emerged in 2016, but why it took so long to become manifest." How would you answer this question?

**FF:** In the United States, a culture of political entrepreneurship requires politicians to convince people that they are able to represent them, that they understand their problems and are going to fix these problems. In this regard, the point that I was making is that no candidate from either party had really done that for the working class. The Democrats had lost touch with the working class a long time ago. As for Republican Party, it is basically dominated by corporate America.

This is what happens in politics in plain terms: political entrepreneurs seize the opportunity to mobilise people around a particular issue. They start speaking to a particular group and then all of a sudden that group realizes, 'yes, we are victims of the system! Yes, the elites are conspiring against us!' I think that is what Donald Trump did. The same thing happened, for example, in

Serbia. Why did Serbia turn out so much worse than other countries in Eastern Europe? I think Milosevic was a political entrepreneur himself who saw that big opportunity to get people angry about the situation of the Serbs and get them all mobilised. That was how he rose to power. However, there is no inevitability in this. Sometimes events develop in this direction, sometimes they do not.

**NK:** Isn't it a tragedy for working-class people that they have to accept a billionaire as their representative?

**FF:** I do not think that matters. It is much more the message. I do not think they care that he is personally rich. I mean, it is just like in the 1930s, when Franklin Roosevelt headed the populist movement to create the modern welfare state and attacked Wall Street and all these big banks. At the same time, he himself was an aristocrat, came from a rich family, was very well brought up and educated. Nevertheless, people liked him because they thought that he understood their problems and was indeed their representative. To repeat, I do not think Trump's personal wealth is an issue really.

**NK:** You [write](#), "In the US, Britain, Europe and a host of other countries, the democratic part of the political system is rising up against a liberal part, and threatening to use its apparent legitimacy to rip apart the rules that have heretofore constrained behaviour, anchoring an open and tolerant world." Do you mean that there are two types of democracy?

**FF:** No, not two types of democracy but two big components to it. Its democratic part has to do with elections and popular choice in general, while its liberal component is about the rule of law, the protection of individual rights, that sort of thing. I am convinced that to have a full liberal democracy you have to have both of those. To put it differently, people have to be able to choose but their choice has to be limited by law and by a certain common understanding of the limits of politics. I see that populism is pushing against that.

---

**I do not think they care that he is personally rich.**

---

Consider, for example, cases with mass media. In all of these populist countries, the press is one of the first targets. The first thing that governments popularly elected with some kind of democratic

majority want to do is to shut down critical media voices. Donald Trump is not an exception. At his meeting with the *New York Times*, he got talking about crooked media. I think this is very similar to what Erdogan is doing in Turkey, Putin has done in Russia, and Orban in Hungary.

**NK:** So in proportion to the liberal component, how large is the democratic share of 'liberal democracy'?

**FF:** I think the elections proved that it is fundamentally democratic, even though we have a big problem with money in politics, and I think many Americans will accept that it is a problem. However, if money could have actually determined the outcome of elections, then Jeb Bush should have been the Republican nominee, while Bernie Sanders would not have had any chance against Hillary Clinton. Yet Sanders did extremely well and could have beaten Hillary Clinton, while Donald Trump ended up as president. The latter happened not because he spent a lot of his personal wealth on the campaign. He actually spent relatively little. All this proves, I think, that in the ultimate sense the American people still fundamentally decide.

At the same time, I have to say that money in politics distorts the representation of the popular will by giving certain groups more political clout than others. But this is true for most countries. I mean, poor people in most countries have very little political power because they do not know how to organise and push for their own interests. Corporations, labour unions, as well as many other groups, on the contrary, are well organised and know how to use the political system to their advantage. This is what substantiates my argument that the system is not fully representative. Nevertheless, it still remains democratic, I think.



Racist newspapers whipping up fear, fake news slanting elections – had enough? **Join openDemocracy** and hear from **Brian Eno, Caroline Lucas, Peter Osborne, Yanis Varoufakis, Paul Mason** & many more on [what happens next](#).

[Click here to support openDemocracy](#)→

### **WELCOME TO THE UNITED STATES OF EMERGENCY**

<https://theintercept.com/2017/01/20/welcome-to-the-united-states-of-emergency/>

[Dan Froomkin](#) -

January 20 2017, 1:11 p.m.

### **AND SO IT BEGINS.**

For those of us who believe in core progressive American values – multiculturalism, civil liberty and civil rights, free speech, a free press, truth in government, economic fairness, environmental protection, inclusiveness, equal justice, a humane society, the list goes on – today marks the first **day of a disaster** on a scale that until a few months ago was beyond our imagination.

The White House is now in the hands of a pathological liar and megalomaniac, a mutation spawned of our celebrity culture, a thin-skinned authoritarian whose only real constituent is himself, and

whose intentions, to the extent we can discern them, are to destroy a lot of the things that make this country (truly) great.

Plus he has no idea what he's doing. He's slowly collecting corrupt and venal misfits who hate government and thrusting them into positions of power, with the sickly acquiescence of a self-serving Republican leadership that until recently saw him as a madman. But even they don't know what they're saying yes to.

No matter what you may hear in the coming days from the mainstream press and other elite institutions, this is not normal. This is aberrational. This is crazy.

It's almost too painful to watch, but we all must watch. To the extent that we care about our core values, we must resist. And we need to figure out how to make things better when it's over.

If one thing is certain, it is that the solution will not come from the current leaders of either of our political parties. Both groups respond to money and power more than to the public will. Both put winning above values. True deliverance from this disaster will have to be people-powered.

Political observers who have not been blinded by partisanship have long recognized that Washington elites are addicted to corruption, cronyism, authoritarianism and international aggression. But like the proverbial frog in the warming pot of water, it's been a slow and gradual process. Now suddenly we're boiling – and boiling mad.

Donald Trump ran a long con on the American people, promising them to clean out Washington, make the economy work for them, and disentangle us from international quagmires. He is perhaps the least likely person in the world to do any of those things. But the best con men are astute at figuring out what their marks want most badly.

So on the bright side, perhaps we can use this moment to examine the corrupting influences now so plainly in sight, and reject them, so that whatever comes next, if we make it past this catastrophe, will be fundamentally different.

At The Intercept, we're already accustomed to viewing the claims of powerful people skeptically, and [finding sources](#) willing to reveal information the government wants to keep hidden but the public

has a right to know. That is how we will approach our coverage of the Trump administration: adversarially.

And we hope we'll be serving another purpose going forward, especially as the media elites feel the pressure to accept this as the new normal. We'll stay outraged. Because there is nothing normal about this.

Top photo: Preparations are made for the inauguration of Donald Trump at the U.S. Capitol on Jan. 20, 2017 in Washington.

[Economia](#)

# “Os EUA estão vivendo momentos de Brasil”, diz economista

Para Monica de Bolle, as incertezas sobre a política econômica de Trump e o voluntarismo das medidas cogitadas remetem ao governo da ex-presidente Dilma

Por **Marcelo Sakate**

access\_time 21 jan 2017, 09h00 - Atualizado em 22 jan 2017, 20h18

[chat\\_bubble\\_outline](#) [more\\_horiz](#)



Monica Baumgarten de Bolle, pesquisadora do Peterson Institute for International Economics (FERNANDO LEMOS/VEJA Rio/Dedoc)

---

O cenário de incertezas sobre a política econômica de um governo que se inicia pode parecer prosaico para os brasileiros, mas causa estranheza nos Estados Unidos. “É como se todos estivessem em um avião em turbulência, se segurando nos braços das poltronas e sem saber o que está por vir”, diz a economista Monica de Bolle, pesquisadora do Peterson Institute for International Economics, em Washington, e professora adjunta da Escola de Estudos Internacionais Avançados da Johns Hopkins University, em Baltimore. Desde a vitória nas urnas, Donald Trump e seus principais assessores lançaram mão de diferentes ideias em muitas áreas, endossaram e recuaram sobre o mesmo tema. Foi o que aconteceu em relação à proposta de reforma tributária. Na campanha, Trump prometeu cortar os impostos cobrados das empresas. Uma vez eleito, manteve a promessa, mas sinalizou apoio à proposta de seu partido de criar uma espécie de imposto de fronteira sobre as importações. Depois recuou. É um comportamento voluntarista e micro gerenciador que remete ao da ex-presidente Dilma Rousseff, diz

Monica, que conversou com VEJA por telefone na semana que passou, às vésperas da posse de Trump.

**Quais os impactos do início do governo Trump para a economia brasileira e a mundial?** O principal foco dos mercados e das tensões em relação ao Trump, deixando de lado as questões geopolíticas, é o efeito potencial sobre a trajetória dos juros americanos. Até que ponto vão subir mais rapidamente e com maior intensidade. E isso certamente continua a ser uma preocupação. Não há uma clareza em relação a isso e a qual independentemente continuará a ser o Federal Reserve (o Fed, o banco central americano). Trump já demonstrou ser um micro gerenciador à la Dilma. Ele gosta de se intrometer em qualquer assunto. Não dá para descartar um cenário em que, para impedir um fortalecimento do dólar que prejudique as exportações americanas, Trump queira fazer alguma ingerência no Fed. Essa incerteza é tão ruim ou pior do que se o Fed subir os juros com mais rapidez e maior intensidade como se imagina que vá acontecer. Isso cria uma incerteza sobre a política econômica, uma volatilidade, e pode vir a atrapalhar esse movimento de queda de juros pelo Banco Central brasileiro. Não de imediato, porque não acho que nada disso vá acontecer imediatamente, mas também não dá para saber. O Trump é muito imprevisível.

**Você tem alertado para os riscos advindos da proposta de reforma tributária. Quais os perigos?** Até a semana passada (a segunda semana de janeiro), estava na mesa a proposta – que não é nova e estava sendo discutida pelos republicanos há tempos – de redução dos impostos corporativos. Os deputados Paul Ryan e Kevin Brady divulgaram um rascunho que propõe reduzir a alíquota média do imposto corporativo de 35% para 20% e impõe um *Border Adjustment Tax* (BAT), um imposto de fronteira, que funciona ao mesmo tempo como uma tarifa sobre importações e um subsídio às exportações. Afeta empresas americanas ou estrangeiras que tenham operações nos Estados Unidos e sejam importadoras. Nesse caso, elas passam a pagar implicitamente uma tarifa sobre os seus produtos e insumos importados. O Trump fez vários tuítes falando sobre as empresas automotivas e levando a crer que os republicanos o haviam convencido de que essa era uma boa ideia, porque tem esse componente protecionista de afetar importações e exportações. Mas isso até a semana passada. O *The Wall Street*

*Journal* diz que o Trump considerou o BAT muito complicado. De novo, é incerteza. A única coisa que se sabe é que haverá uma redução expressiva dos impostos corporativos.

**Empresas brasileiras poderiam sair prejudicadas?** A dúvida grande é a seguinte: a ideia do Ryan e do Brady tinha implicações relevantes para algumas empresas. Por exemplo: a Embraer, que tem operações nos Estados Unidos e importa muito componentes. Para ela, esse *Border Adjustment Tax* teria potencialmente um efeito relevante. Sem o BAT, esse problema vai embora, mas fica a incerteza mais macro sobre o que será a política fiscal de Trump e, em que medida, isso vai levar a um déficit mais elevado e uma dívida mais alta. Com o BAT, a redução do imposto corporativo seria parcialmente compensada – ou até completamente compensada, dependendo da conta – pelo BAT, já que a base de incidência são as importações. E os Estados Unidos importam mais do que exportam.

**O que esperar das ameaças protecionistas no comércio exterior?** Parecia que o Trump iria substituir a retórica muito protecionista, de colocar tarifa em todo mundo, pela cobrança do imposto de fronteira. Isso aplacaria o viés protecionista. Porém agora volta à tona a questão das tarifas. Quem será mais afetado por isso? Claramente, China e México. E os outros países? Como isso afeta o comércio global? Certamente, não será bom. Há perspectivas de guerra comercial e de retaliações? Sem dúvida. Isso tem um efeito sobre o crescimento da economia mundial e respinga sobre todo mundo, incluindo o Brasil, que hoje está vulnerável a qualquer choque.

**As nomeações para a equipe econômica, em especial na área de comércio exterior, reforçam a expectativa de que ele será de fato**

**protecionista?** Transmite esse sinal com muito mais clareza. Havia a expectativa de que as ameaças protecionistas não passavam de retórica de campanha. Mas ele colocou o Peter Navarro no novo *National Trade Council*, que vai operar dentro da Casa Branca. Ele é o único economista, aliás, no time do Trump. O Navarro é extremamente anti-China e tem uma retórica muito forte – e é por isso que chamou a atenção do Trump. No Departamento de Comércio, o Wilbur Ross tem um perfil mais ou menos protecionista. E, apesar dessa retórica de que os Estados Unidos vão ter mais preocupação em negociar acordos bilaterais de comércio, a verdade é que

tanto o Ross como o Steve Mnuchin (secretário do Tesouro) nunca negociaram realmente. O histórico do Ross é comprar empresa falida no setor de aço. E o do Mnuchin é trabalhar em fundo ‘abutre’ (especializado em comprar empresas à beira da quebra) do Goldman Sachs. Uma coisa é negociar a compra de uma empresa quebrada. O poder de barganha está na sua mão. Negociar um acordo bilateral de comércio é muito mais complicado e complexo. Além disso, no USTr (a secretaria de comércio exterior), o nomeado foi o Robert Lighthizer, que também é protecionista e contrário aos acordos que ferem os interesses dos Estados Unidos, como se existisse acordo unilateral bom para um só país.

**O governo brasileiro dispõe de meios para se proteger de eventuais efeitos negativos da política econômica de Trump?** Eu acho um pouco difícil. A política econômica do Trump terá efeitos no mundo inteiro. Como o Brasil ainda está vulnerável, acaba se expondo mais. Não há como fugir muito disso. Mas o Brasil tem, na América Latina, uma posição relativamente boa – dada a maneira de pensar de quem está na equipe econômica americana – porque o país é deficitário com os Estados Unidos, tanto na conta corrente como na balança comercial. Ou seja, na visão de mundo desse novo governo, o Brasil é um país extremamente amigável. Nós compramos deles. Então é possível que ocorram alguns avanços. Mas isso vai depender também do que vai acontecer nas eleições de 2018 no Brasil, porque nada disso é imediato. Talvez existam questões a serem exploradas na área de facilitação de comércio. Nada muito grandioso, audacioso e ousado, mas mais setoriais. Por exemplo, na área de defesa ou em outras em que haja interesses em comum. Pode ser que o Brasil consiga trabalhar com a administração Trump. Mas nada disso terá uma repercussão enorme para o Brasil.

Outro ponto relevante a se destacar é que, dada a expectativa de que os Estados Unidos vão se voltar mais para dentro, talvez com a estratégia ambiciosa de gastos na área de infraestrutura, e com as taxas de juros subindo, isso naturalmente vai desviar recursos e fluxo de capital dos países emergentes para os Estados Unidos. E isso, sem dúvida alguma, terá efeitos negativos para o Brasil, inclusive porque nós também precisamos de recursos externos para financiar a infraestrutura.

**Ou seja, o Brasil não deve se beneficiar nem mesmo de um crescimento mais acelerado da economia americana?** Eu acho que não dá para afirmar (que isso vai acontecer). Provavelmente, não. Se o país conseguir tomar proveito na área de comércio, será algo marginal. Não será suficiente para impulsionar nada na economia.

**Alguns analistas dizem que o dólar já se valorizou demais e que não iria muito além dos atuais patamares, apesar da expectativa de aumento dos juros americanos. Você concorda?** Aí é que entra a história de como o Trump vai reagir quando vir os efeitos sobre o dólar de uma política fiscal expansionista em uma economia já aquecida. A tendência é o dólar se apreciar. E eu acho que o dólar ainda não se apreciou o suficiente para refletir todos esses impactos, até porque os mercados não sabem exatamente quais eles serão. Existe ainda uma dúvida enorme sobre o que será essa reforma tributária, se haverá a compensação com o *Border Adjustment Tax (BAT)*. Isso é relevante: saber se haverá financiamento para a redução do imposto. Então não tem como o mercado ter precificado esse efeito sobre o dólar de uma expansão fiscal em uma economia perto do pleno emprego. Se o dólar se apreciar, isso vai gerar um déficit maior em conta corrente e na balança comercial americana. Como Trump vai reagir? Isso será mais uma fonte adicional de incerteza. Se reagir com ainda mais protecionismo, será mais complicado ainda para o mundo.

**Esses efeitos em geral são de médio prazo? Ficam para 2018?** Eu acho que teremos respostas muito rapidamente em algumas áreas. Por exemplo, o plano fiscal. O que vai ser a proposta de redução de impostos, se vai haver o *Border Adjustment Tax (BAT)* ou não, isso tudo deve ser divulgado nos primeiros cem dias porque foi promessa de campanha. Além disso, para colher os frutos disso, que seria um crescimento maior no curto e médio prazo, o governo precisa colocar as medidas em vigor com uma certa celeridade. A inflação deve reagir rapidamente também porque a economia está perto do pleno emprego. E saberemos como o Fed vai mudar a sua postura, se é que isso vai acontecer. Tudo isso deve se refletir rapidamente também sobre o dólar. O déficit em conta corrente reage com defasagem.

**E você não acredita que, ao menos no curto prazo, tudo isso altere a forma como o Banco Central brasileiro tem reduzido a taxa de**

**juros?** Hoje, não. Mas vai depender de como ficará a volatilidade nos mercados, no Brasil, o câmbio, e como isso afetará os cenários de inflação com os quais o Banco Central brasileiro trabalha. Não dá para saber como tudo isso vai ficar daqui a quatro meses, por exemplo. Mas, em dois meses, o plano de voo do Banco Central não muda, a não ser que Trump faça algum anúncio completamente fora do que se ouviu até agora. É uma hipótese que não dá para ser descartada sendo o Trump quem ele é.

**É um grau de incerteza que preocupa também os economistas aí nos Estados Unidos?** Demais, demais. Os Estados Unidos estão vivendo momentos de Brasil. É impressionante. Não estou tão próxima dos mercados porque não estou em Nova York. Mas, aqui em Washington, no mundo da política, todos agem como se estivessem em um avião em turbulência, se segurando nos braços das poltronas e sem saber o que está por vir. Vai ter muita reviravolta pela frente. Vai haver mais turbulência do que as pessoas imaginam. É por isso que eu fiz essa analogia com a ex-presidente Dilma Rousseff. É muito parecido com o que vivemos. Eles propõem medidas que não foram discutidas e refletidas com profundidade. É aquela coisa do pensamento parcial: ‘ah, colocamos um imposto sobre as remessas. Isso resolve tudo e conseguimos financiar a construção do muro.’ E se o mexicano que mora nos Estados Unidos decide mandar dinheiro para a família dele por meio do Canadá? É um modo de agir imperativo, voluntarista e microgerenciador. É um viés muito forte no Trump. Como era na Dilma. Outro dia, o Trump deu uma entrevista e o jornalista perguntou sobre essa decisão de interferir na gestão das empresas por meio dos tuítes, com a GM, a Boeing, as empresas farmacêuticas... Ele respondeu que, se essa é a maneira que ele tem para influenciar e fazer com que os empregos fiquem nos Estados Unidos, vai continuar. Isso se chama interferência estatal. Dirigismo.

<http://veja.abril.com.br/economia/os-eua-estao-vivendo-momentos-de-brasil-diz-economista/>

## ***Trump ya tiene adversario: la resistencia civil***

[http://internacional.elpais.com/internacional/2017/01/21/estados\\_unidos](http://internacional.elpais.com/internacional/2017/01/21/estados_unidos)

[/1485034787\\_623650.html](#)

La marcha de Washington muestra la división de la sociedad estadounidense, pero también el nacimiento de un contrapoder  
**JAN MARTÍNEZ AHRENS** - Washington 21 ENE 2017 - 22:14  
BRST



Manifestación antitump en Washington. J.M.A.

América está dividida, pero no dormida. En el primer día de mandato de [Donald John Trump](#), las calles de Washington se llenaron como pocas veces de todo aquello que el nuevo presidente

ha apartado a manotazos de su camino. [La Marcha de las Mujeres](#), una manifestación en principio dirigida contra el machismo ideológico del magnate, se elevó muy por encima de sus objetivos iniciales y rompió sus propias expectativas. Bajo un cielo encapotado, en una ciudad abrumada, se vivió un estallido valiente y civil. Una ola pacífica que le recordó al 45 presidente de Estados Unidos que habrá ganado las elecciones, pero aún no el respeto de su pueblo.

Washington ha asistido sin saberlo a una revolución. El viernes, [el magnate alcanzó con un discurso populista y oscuro la cima del mundo](#). Veinticuatro horas después, las rectilíneas avenidas de la capital del imperio vieron surgir su anverso: la resistencia ciudadana. La esperanza o quizá el sueño de que no todo se ha perdido le dan aliento. En juego están los derechos de las mujeres, pero también de los inmigrantes, de las minorías y de avances sociales como el Obamacare.

Quizá por eso emergió este sábado [aquello que nunca aflora en los discursos de Trump](#): la pluralidad. Hubo hombres que se manifestaban por las mujeres, blancos por los negros; antiguos combatientes que rechazaban el rearme, empresarios que no renunciaban a la solidaridad; estadounidenses que defendían a mexicanos... El país más plural, aquel que no votó por el republicano, dio una lección al mundo. “Es un aviso. Aquí estamos hoy, y aquí seguiremos; Trump debe saber que no puede hacer lo que quiera”, decía Kate Wilson, jubilada negra. Una más entre cientos de miles.

A diferencia de la investidura, que congregó al corazón blanco y rural de Estados Unidos, el sábado se vio una nación de colores diversos. El rosa, símbolo de la manifestación, dio paso a un arco iris que devolvió un cierto optimismo a una sociedad desgarrada por unas elecciones que ganó quien menos votos obtuvo. “Somos un

país mucho más plural que Trump”, afirmaba Sherrill, abogada que acudió a la protesta con su hija y sus dos sobrinas. “¡Los inmigrantes hicieron a América grande!”, coreaban a su lado.

Trump no es Estados Unidos. Representa sólo una parte. Eso quedó claro en la marcha. Mientras el republicano asistía a un oficio religioso en la catedral de Washington, afuera dio comienzo una tormenta que difícilmente amainará si el presidente persiste en sus amenazas. [Trump ha dividido a su propia nación](#). Como hacía en los *reality shows*, ha segregado a los ganadores de los perdedores. A los primeros le ha prometido el cielo, a los segundos los ha relegado al olvido. Pero no callarán.

La marcha revela que millones de estadounidenses no se quedarán de brazos cruzados. Otras naciones, como México, posiblemente no hallen la fuerza para enfrentarse a la apisonadora populista del magnate. Tendrán que sufrir la humillación de sentirse bajo la bota de Trump y buscar una salida negociada. Pero en su propio país, el republicano ya tiene rival. Habrá de enfrentarse a una inmensa masa de descontentos. A amplios grupos sociales, cultos y altamente tecnificados, que van a luchar por sus derechos.

Muchos analistas estadounidenses recordaron este sábado las legendarias protestas contra Vietnam. Quizá no sea la comparación más exacta, pero habla del inmenso peso de este movimiento civil. Cuál será su extensión es un misterio. [Con Trump nada es previsible](#). Todo ocurre antes de tiempo. El vértigo es su fuerte. Pero ese mismo fenómeno ha empezado a ocurrir hoy al otro lado del espejo. No todo está dicho. En Estados Unidos hay quien va a dar la batalla. Son muchos y saben contra quién ir. Trump tiene un nuevo adversario.

## **Qual o maior perigo: Trump ou os inimigos de Trump?**

23/1/2017

Trump é considerado um perigo para a democracia. Mas os anti-trumpistas não parecem menos perigosos. Entre a mentira e o assédio, os anti-trumpistas vão fazendo o que dizem que Trump fez ou vai fazer.

Vivemos numa época de sanções preventivas: Obama teve um Prémio Nobel da Paz com uns meses de presidência, sem tempo para fazer fosse o que fosse; da mesma maneira, Donald Trump já está sentado no Tribunal de Nuremberg antes mesmo de tomar posse. O que é que tanta gente tem contra Trump?

Se bem se lembram, uma das coisas em desfavor de Trump durante a campanha foi a possibilidade de ele nunca aceitar a vitória de Hillary Clinton. Que mais clara prova podia haver de “fascismo” do que a tentativa de subverter uma eleição? Mas o mundo era assim quando a presidência parecia ganha para Clinton. Porque logo que Trump, contra toda a sabedoria científica e mediática, teve o desplante de vencer, o mundo mudou imediatamente, e passou a ser sinal de proibidade democrática resistir à escolha do eleitorado e pôr em causa a autenticidade do processo.

Não bastou aos anti-trumpistas considerar Trump um mau candidato, ou lamentar a sua eleição. Precisaram de o deslegitimar. Numa primeira fase, foi acusado de ser o presidente votado pelos pobres e pelos ignorantes. Não se percebia onde os anti-trumpistas queriam chegar: voltar aos regimes censitários do século XIX? Numa segunda fase, descobriram outra história: Trump não teria sido afinal eleito pelos americanos, mas nomeado por decreto de Vladimir Putin. Mais uma vez, não se percebe o objetivo: sugerir que, afinal, a democracia americana é um teatro de marionetas manipuladas à vontade pelo Kremlin? Quem é que, afinal, quer voltar os cidadãos contra o sistema democrático?

Tem sido costume rasgar as vestes por causa da ameaça de Trump à democracia. Mas os anti-trumpistas não parecem menos perigosos. Não é apenas a sua indisponibilidade para reconhecer eleições. É também o à-vontade com que, há umas semanas, citavam os relatórios “impossíveis de verificar” do BuzzFeed, porque, imagine-se, Trump também usara “notícias falsas”. A estratégia anti-trumpista é esta: acusar Trump de certos métodos maldosos, para depois recorrer aos mesmos métodos, com a desculpa criada pela acusação inicial. Viu-se ainda isso na orquestra de insultos e ameaças a que foram sujeitos os artistas alinhados para as festas da tomada de posse. A jovem cantora que aceitou cantar o hino tem uma irmã transgénero, que foi logo coberta de injúrias homofóbicas pelos anti-trumpistas. Ou seja, entre a intolerância, a mentira e o assédio, os anti-trumpistas vão praticando o que clamam que Trump fez ou fará mais tarde. Se estes são os defensores da democracia, então a democracia não precisa de inimigos.

No meio deste circo, vão passando, sem muito debate, as más ideias de Trump: as suas dúvidas sobre o comércio livre, que deixaram o líder do Partido Comunista Chinês como último advogado da globalização, ou as suas incertezas sobre as alianças dos EUA, que ainda podem tornar Putin mais ousado. Mas percebe-se porque não há grande discussão. É que essas são também as ideias dos anti-trumpistas, onde estão os grandes inimigos da liberdade económica e do “imperialismo americano”. Mais ainda: são ideias que correspondem, na sua essência, a inclinações de Obama, que entregou metade da Ucrânia e a Síria a Putin, ou a cedências de Clinton, que acabou a sua campanha prometendo afundar os grandes tratados de comércio. Se os EUA se distanciarem do mundo, pondo em causa os fundamentos internacionais da prosperidade e da liberdade, o primeiro capítulo da história desse distanciamento não será a presidência de Donald Trump.

É de bom tom preocuparmo-nos com Trump. Mas em que sentido é o novo presidente americano verdadeiramente preocupante? No sentido em que as más tendências e as péssimas ideias que agora toda a gente finge que são exclusivo de Trump não começaram com ele e não acabam nele.

(Rui Ramos, no O Observador)

---

## ALEMANHA

### "Eleição de Trump marca o fim de uma era", diz Steinmeier

Ministro alemão do Exterior afirma que a ordem mundial do século 21 "está totalmente em aberto" e que o mundo deve se preparar para tempos agitados.

<http://www.dw.com/pt-br/elei%C3%A7%C3%A3o-de-trump-marca-o-fim-de-uma-era-diz-steinmeier/a-37231729>



O ministro alemão do Exterior, Frank-Walter Steinmeier, afirmou neste domingo (22/01) que a eleição de Donald Trump marca o fim de uma era e que o governo alemão pretende manter uma cooperação transatlântica estreita e de confiança, baseada em valores comuns com a nova administração americana.

"Com a eleição de Donald Trump, o velho mundo do século 20 ficou definitivamente para trás", escreveu Steinmeier num artigo para o jornal alemão *Bild am Sonntag*. "Qual ordem vai se impor no século 21, como será o mundo de amanhã, isso não está definido, é algo que está totalmente em aberto."

O ministro advertiu que o mundo deve se preparar para tempos agitados. "Como sempre em situações de mudança de poder, há incertezas, dúvidas e perguntas sobre o curso a ser adotado

pela nova liderança. Mas, nestes tempos de uma nova desordem mundial, muito mais está em jogo."

Steinmeier reiterou que o governo alemão buscará o diálogo com o novo presidente dos Estados Unidos e deixará claro seus interesses, posições e valores.

"Livre-comércio, intercâmbio e um mundo aberto, união contra o extremismo e terrorismo, uma cooperação transatlântica estreita e com confiança, baseada em valores comuns, fazem parte das prioridades da nossa agenda", escreveu.

Neste sábado, a chanceler federal alemã, Angela Merkel, reagiu com cautela ao discurso de posse em tom desafiador de Trump. "A relação transatlântica não será menos importante nos próximos anos do que foi no passado. Vou trabalhar para isso", declarou.

Para Merkel, Trump, mais uma vez, expôs suas ideias durante o discurso, mas será melhor para todos se houver uma ação conjunta com base em valores comuns.

"Isso vale para a ordem econômica internacional e o comércio e também para a defesa", disse, acrescentando que, mesmo quando há opiniões diferentes, é mais fácil chegar a um acordo quando as conversações se dão com respeito.

FC/lusa/dpa/efe/ots

---

### **Opinião: Trump é Trump e sempre será Trump**

**Quem esperava um tom conciliatório pode jogar fora suas ilusões: primeiro discurso deixa claro que magnata não recuou um milímetro de suas posições nacionalistas e isolacionistas, afirma a correspondente Ines Pohl.**

**<http://www.dw.com/pt-br/opini%C3%A3o-trump-%C3%A9-trump-e-sempre-ser%C3%A1-trump/a-37226150>**



Ines Pohl é correspondente da DW em Washington

Donald Trump é Donald Trump é Donald Trump é Donald Trump. E quem esperava que o empresário nova-iorquino fosse mudar seu tom agressivo depois de prestar juramento foi brutalmente decepcionado. O primeiro discurso do 45º presidente dos Estados Unidos não deixa margem a especulações: Trump, na condição de ocupante do cargo político mais importante do mundo, não pensa nem de longe em reduzir seu arsenal verbal.

Ao contrário: ele repetiu as frases feitas já usadas durante a campanha eleitoral e prometeu, por meio de uma política econômica e de defesa isolacionista, ajudar os Estados Unidos a recuperar a antiga grandeza. Prometeu – ele, o multimilionário, com o seu governo de multimilionários – transformar o país num lugar mais justo. Ele quer garantir uma melhor educação e principalmente mais empregos acabando com a influência de forças estrangeiras. E, durante o seu mandato, os Estados Unidos deverão se ocupar apenas do bem-estar imediato do próprio país.

Que, com isso, ele abra mão do papel dos Estados Unidos como poder garantidor da ordem mundial é algo claramente calculado, e de maneira alguma um problema para um homem que coloca as vantagens para o próprio país acima de tudo.

Assim, não se ouviu nada de novo do presidente durante sua cerimônia de posse. E, mesmo assim, a situação tem uma outra dimensão. Mesmo que até o poder do presidente americano seja limitado, no fim das contas é ele que influencia o clima político no país. E isso pôde ser visto no júbilo dos cerca de 500 mil apoiadores de Trump que vieram para Washington de todos os cantos. Trump não recua de suas promessas de campanha. E, com

essa mesma convicção, seus adversários marcham para protestar contra essa nova linha política.

As longas primárias dos Estados Unidos fazem com que um novo presidente encontre um país ferido e dividido. É sempre assim, mesmo que essa batalha eleitoral tenha alcançado um nível baixo até então desconhecido com a retórica divisória de Trump. Por causa dessa divisão, os primeiros gestos de um novo presidente na Casa Branca, há décadas, sempre foram de reconciliação. Até nesse ponto Trump abriu uma exceção.

Ele não acredita no poder da reconciliação, mas no poder do homem durão. Cada palavra e gesto desse primeiro dia no cargo sinaliza que ele quer atacar. Nisso, ele continuará seguindo as regras dos demagogos, que definem o "estrangeiro" como uma ameaça e aproveitam os medos criados para obter mais apoio. Assim, Trump cria muitas ciladas para os americanos liberais e tolerantes, que desejam um país completamente diferente e se veem como parte de um mundo livre, pelo qual é necessário lutar e se empenhar.

Mesmo que 54% dos americanos tenham escolhido um outro presidente e que um sistema eleitoral ultrapassado tenha dado a vitória ao candidato que teve 3 milhões de votos a menos: as preocupações e necessidade de muitos dos apoiadores de Trump são reais. E é fatal e arrogante ignorar essa realidade. É uma vergonha que muitas pessoas num dos países mais ricos do mundo vivam irremediavelmente na pobreza, que muitas crianças, desde o nascimento, não tenham nenhuma chance real na vida por terem nascido na família e no sistema educativo errados, que privilegia sobretudo os privilegiados, que muitas pessoas se sintam ignoradas e esquecidas. Há muitos motivos compreensíveis para que os apoiadores de Trump não acreditem mais nas elites políticas.

Só nos Estados Unidos algo como Donald Trump pode acontecer. Mas não só nos Estados Unidos a arrogância e a ignorância abrem as portas do poder para os nacionalistas perigosos.

---

## Opinião: O ódio está no ar

<http://www.dw.com/pt-br/opini%C3%A3o-o-%C3%B3dio-est%C3%A1-no-ar/a-37240081>

**Trump e populistas europeus expõem as lições aprendidas pelo mundo ocidental depois da Segunda Guerra ao ridículo. É hora de a democracia mostrar sua força: nos Parlamentos, nas ruas, na imprensa, opina Volker Wagener.**



Jornalista da DW Volker Wagener

"O Velho Mundo do século 20 já é, definitivamente, passado": o ministro do Exterior e futuro presidente alemão, Frank-Walter Steinmeier, não é alguém que deixaria escapar tal frase irrefletidamente – mesmo assim, ele foi direto ao ponto. E justamente Marine Le Pen, líder da legenda francesa Frente Nacional, lhe dá razão: "Estamos testemunhando o fim de um mundo e o nascimento de um novo", disse ela, a 800 populistas de direita reunidos em Koblenz, oeste da Alemanha, no último sábado (21/01).

Lamentar pouco ajuda, reclamar não resolve nenhum problema. O Brexit, a saída do Reino Unido da União Europeia (UE), é uma realidade, assim como Trump. Uma metamorfose política no mundo ocidental está em andamento. O populismo está em alta. Nada vai

continuar como (ainda) é. Em breve, haverá eleições em países centrais: na França, na Holanda, na Alemanha.

Enquanto isso, os EUA se despedem do papel de protetor da ordem mundial. Na Síria, eles já abandonaram o campo em prol de Putin. E, cada vez mais, Washington se concentra em Israel. A transferência da embaixada americana de Tel Aviv para Jerusalém Ocidental – uma promessa de campanha – não implica nenhuma decisão organizacional, mas uma declaração política. E daquelas: uma mudança equivaleria ao reconhecimento, de fato, de Jerusalém como a única capital de Israel. Algo tão pouco perigoso como uma procissão de velas através de um posto de gasolina.

E o novo presidente americano não precisa nem se preocupar com a Europa: isso já está sendo feito pelas Petrys, Le Pens e Wilders da vida – seus parentes espirituais em formato de bolso, respectivamente, na Alemanha, França e Holanda. Voltados egoisticamente para si, o objetivo dos populistas de direita europeus são megalomaniacos Estados nacionais e uma cópia da atitude de Trump: "America first". Não é de admirar que a premiê britânica, Teresa May, tenha sido a primeira política do Velho Continente a cumprimentar o novo presidente americano. Para Trump e para todos os populistas europeus, a saída dos britânicos da UE é um prato cheio para espalhar a sua malícia frente a todas as alianças supranacionais.

É como se quase todas as lições aprendidas pelo mundo ocidental depois da Segunda Guerra Mundial fossem expostas ao ridículo: política de alianças, princípio da solidariedade, ajuda econômica. O Brexit mobilizou os eurocéticos – os demais ficaram em casa, segundo o lema: vai ser possível evitar a saída da UE, mesmo sem meu voto. Trump se beneficiou do sistema de delegados no colégio eleitoral, que em votos absolutos representam menos da metade dos americanos.

E as legendas populistas de direita Alternativa para a Alemanha (AfD) e Frente Nacional ainda são, atualmente, oposição. O que torna perigosos a guinada da política para a direita, a correção dos padrões de valores e o clima social nos EUA e na Europa é o ódio subliminar dos populistas contra o Estado, a democracia, as elites sociais, a existente multinacionalidade e os meios de comunicação.

Mas o último fim de semana também reflete – de Washington, passando por Nova York, Boston, Sydney, Londres, Paris e também Koblenz – outra realidade: as manifestações, os protestos em massa contra mentalidades pueris, visões de mundo simplistas e incitadores repugnantes. Se o destino da democracia é ser mais que uma palavra acadêmica na sala de aula, então ela tem que provar agora a sua força. Por todas as partes: nos Parlamentos, nos meios de comunicação, nas ruas.

**Nacionalismo ataca oligopolização global. Política sobrepõe sua vontade ao capital**

<http://independenciasulamericana.com.br/2017/01/nacionalismo-ataca-oligopolizacao-global-politica-sobrepoe-sua-vontade-ao-capital/>

**Cesar Fonseca em 24/01/2017**



**A política ancorada nas urnas pelo voto popular impõe sua vontade sobre a economia dominada pelos oligopólios das elites. Trump materializa ficção de Jack London em Tação de Ferro.**

**Os antinacionalistas entreguistas que tomaram o poder democrático no Brasil mediante golpe jurídico-parlamentar-midiático para barrar o desenvolvimento nacionalista brasileiro, a fim de agradar os Estados Unidos, estão quebrando a cara diante de Donald Trump.**

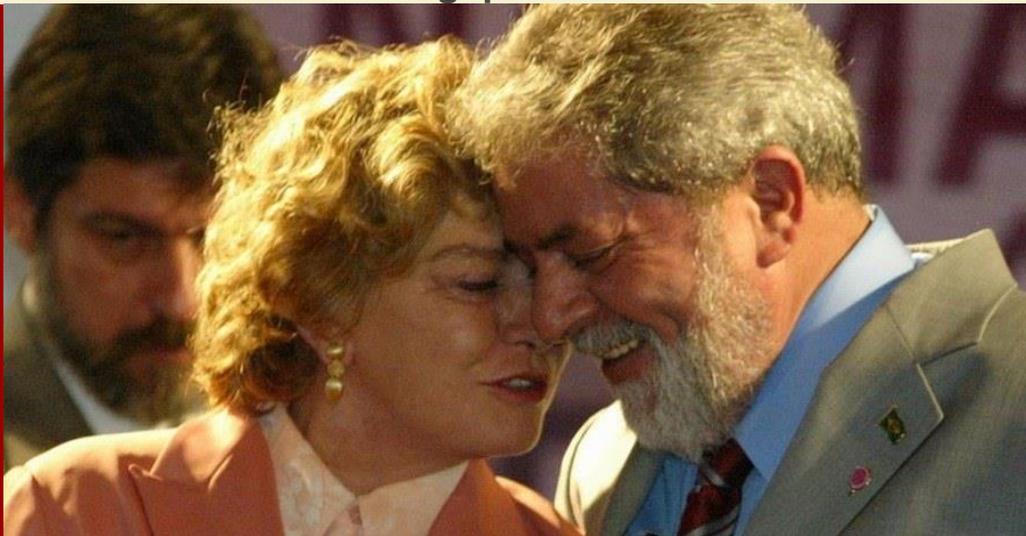
**O novo presidente americano, com discurso nacionalista-roosevelteano-varguista, está fazendo justamente o contrário do que o pessoal tupiniquim colonizado faz: une empresários e trabalhadores na Casa Branca para tocar a infraestrutura econômica americana, fortalecendo o mercado interno, como Lula e Dilma fizeram.**

**Não caiu, como Temer, na armadilha neoliberal de cortar gastos públicos primários, para (des)ajustar a economia, coisa para colonizado.**

**Ao mesmo tempo, ataca a globalização patrocinada pelos grandes grupos industriais e financeiros, especuladores, suprimindo megas acordos comerciais, favoráveis somente aos poderosos.**

**O nacionalista Trump deu uma canetada contra o Transpacífico, acordo urdido pelo ex-presidente Barack Obama, uma decepção histórica, com o qual os grandes oligopólios internacionais projetavam substituir regras estabelecidas pelos estados nacionais.**

**Por meio dessa ação imperialista, as fronteiras nacionais seriam totalmente rompidas, para serem estabelecidas regras gerais fixadas para favorecer, essencialmente, o setor privado oligopolizado.**



**Lula seguiu o caminho certo. Se estivesse errado não estaria sendo violentamente perseguido, alvo de ódio que agora afeta sua família, com D. Mariza, sob ataque de violenta AVC nessa terça feira.**

Apostou no mercado interno poderoso por meio de políticas sociais. 40 milhões de pobres viraram consumidores. Uma Argentina. Os socialmente excluídos passaram a comer melhor, a viajar de avião, despertaram para novos sonhos, novas expectativas. Quem ganhou com isso? Os capitalistas tupiniquins, que, burros, ajudaram a dar o golpe e, agora, perdem mercado, sem o qual estarão falidos. Os próximos passos da Era Lula assustaram os golpistas. Marchava-se para reforma política capaz de democratizar o poder. A elite conservadora alarmou-se. Pediu socorro aos seus sócios maiores internacionais para juntos darem o golpe. Estão agora no poder mas não sabem o que fazer com ele. O Brasil virou campo de caça dos abutres. Lula que se cuide. Pode ter o destino de Teori Zavascki.

As consequências já haviam sido cantadas em prosa e verso: aumento da concentração de capital e a centralização do poder capitalista privado, de um lado, e pauperização econômica das periferias, de outro, submetidas às imposições dos oligopólios em marcha inexorável.

Contra esse oligopólio global privado (1% dos mais ricos correspondendo às rendas dos 50% mais pobres, como destaca Pikety), capaz de destruir regras fixadas pelos estados nacionais, reagiu o principal Estado capitalista, os Estados Unidos, comandado por Trump.

Rebelou-se o bilionário contra a globalização oligopolizada prejudicial aos trabalhadores americanos.

Na prática, em nome do interesse público, Trump ergueu contra o oligopólio privado o oligopólio estatal pelas mãos de um presidente nacionalista nos Estados Unidos. Naturalmente, ele vira, de agora em diante, alvo dos poderosos pretendentes a destruir o estado nacional, como Temer e cia Ltda estão fazendo no Brasil, para favorecer abutres internacionais.

Trump, cuja força está nas urnas, que responderam a pregação dele em favor do breque à oligopolização financeira, materializa a ficção de Jack London, grande escritor socialista americano, em Tacão de Ferro, prefaciado por Trotski.

Somente uma força, na avaliação dele, seria capaz de enfrentar a tendência do capitalismo mundial à superconcentração de riqueza e à centralização sem limite do poder, em contrapartida à pauperização geral decorrente da exclusão social produzida por elas: o oligopólio estatal em nome do interesse público.

O poder do Estado americano, em mãos de um capitalista riquíssimo, vira força de resistência ao oligopólio privado em nome do interesse público.

O interesse público, ameaçado pela disseminação do desemprego, produzido pela tecnologia, comandada pelo interesse privado restrito, em sua busca pelo lucro incensante como prioridade absoluta, emergiu como justificativa da qual Trump lançou mão para ressuscitar forte, nos Estados Unidos, o nacionalismo.

O que se destaca, nesse movimento histórico, poderia se dizer, diante da plateia de empresários e sindicalistas, reunidos na Casa Branca, é a consciência política abruptamente desperta do capital produtivo e do trabalho sob perigo de deperecimento de ambos frente ao capital financeiro especulativo, responsável pela última grande crise capitalista de 2008.

**A sobreacumulação excessiva de capital financeiro especulativo, estimada, incertamente, em cerca de 700 trilhões, para um PIB mundial de 75 trilhões, sinalizou, para os capitalistas produtivos e os trabalhadores sindicalizados, o óbvio: o lucro extraído na moeda, especulativamente, dispensa o trabalho como criador de valor, tornando-o, meramente, acessório.**



**Os entreguistas estão na contramão da história. Aplicam modelo neoliberal recomendado pelos derrotados nas eleições americanas.**

**Os poderosos banqueiros e industriais, donos do mundo, os que estão por trás dos mega acordos comerciais, de modo a estabelecer suas próprias regras de ocupação do mercado, por meio de ações oligopolizadas, tendo como avalista o poder militar, transformaram-se, na prática, nos inimigos centrais da humanidade.**

**São eles, como diz Jack London, o Tacão de Ferro. A preferência essencial deles para ocupar o poder americano era Hillary Clinton, candidata de Obomba.**

**Trump, para eles, representava pura caricatura. A grande mídia, serviçal desse status quo eleitoralmente derrotado, expressa, nesse momento, todo o ódio contido à democracia, em forma de desprezo pelo nacionalismo trumpiano.**

**As mais diversas opiniões, puro chute, surgem loucamente sem maiores bases na realidade.**

**A manchete de O Globo, hoje, certamente, para agradar os poderosos derrotados e inconformados, nas urnas, diz que a saída dos Estados Unidos do mega-acordo global favorece Brasil e China.**

**Será?**

**Brasil, no embalo neoliberal conservador reacionário de Temer e Cia Ltda, vai se tornando cada dia mais agro, a nova sofisticação da TV Globo para identificar a economia como simples exportadora de matérias primas e produtos primários agrícolas.**

**Se a China vai vender menos manufaturados para os Estados Unidos, que resolvem ser mais protecionistas, como disporá de renda para aumentar o intercâmbio com o Brasil?**

**Teria o manufaturado brasileiro, hoje, exportado para EUA, mercado na China, maior exportadora de manufaturado do mundo?**

**O que vai pintar, naturalmente, é um sacolejão do caminhão de melancia dado por Trump, para acomodar a situação na qual vê os Estados Unidos em desvantagem, apelando para o nacionalismo, também, praticado pelos chineses.**

**O que os chineses já falam?**

**Apostar no mercado interno poderoso da China, é claro. É nisso que, também, deveria apostar o Brasil, diante das novas circunstâncias abertas por Trump.**

**Lula e Dilma, diante da crise de 2008, fizeram isso e se deram bem.**

A crise é mundial; dela vai escapular quem possui vantagens comparativas; o Brasil tem seu mercado interno, cujo dinamismo depende de renda disponível para o consumo e não de congelamento de gastos públicos primários, enquanto o oligopólio bancário fica de fora de qualquer ajuste fiscal. Temer e Cia Ltda estão na contramão do que venceu a eleição americana atirando contra os oligopólios, como alternativa de sobrevivência.

### **Trump Inaugural: "This American Carnage" Annotated**

By William Boardman, Reader Supported News

24 January 17

<http://readersupportednews.org/opinion2/277-75/41568-trump-inaugural-qthis-american-carnageq-annotated>

#### ***Hints and contradictions punctuate President Trump's short speech***

As advertised, Trump's inaugural featured a strong promise to put America first, without really articulating just what that means. The original America First movement in the late 1930s was dedicated to staying out of war with Nazi Germany. Whether Trump wants to stay out of any war, or disengage from the multiple wars we've been fighting since 2001, is far from clear (and mostly goes unaddressed). Nothing Trump says smacks of isolation, and his opening sentence addresses the "people of the world."

The next sentence can be read as a warning to the people of the world: that Americans are rebuilding, restoring America's promise, and together "will determine the course of America and the world for many, many years to come."

The New York Times, in its own annotated version of the inaugural, calls Trump's opening "a hopeful message designed to appeal to all Americans," without taking any note of how American dominance might not appeal to all the people of the world. But the Times's annotations don't pretend to offer any serious critical analysis. In this instance, presumably, the Times has no objection to an exceptional America continuing to try to determine the course of the world. The annotations that follow pick up on points the Times skipped over in its effort to be a polite fact-checking courtier.

**“We will face challenges. We will confront hardships, but we will get the job done.”**

Is this a conscious echo of President Kennedy’s 1961 inaugural promise in Cold War hyperbole: “Let every nation know, whether it wishes us well or ill, that we shall pay any price, bear any burden, meet any hardship, support any friend, oppose any foe to assure the survival and the success of liberty.” This is the philosophy that, most obviously, sustained the US support for corrupt military dictatorships in South Vietnam (1955-1975) or corrupt elected governments in Afghanistan (2001-2017). Four years ago Trump tweeted: “Let’s get out of Afghanistan. Our troops are being killed by the Afghanis we train and we waste billions there. Nonsense! Rebuild the USA.” Now the “America First Foreign Policy” page on the White House website is silent about specific countries or wars, as Trump was in his inaugural.

**“... we are transferring power from Washington, D.C., and giving it back to you, the people.... January 20, 2017, will be remembered as the day the people became the rulers of this nation again.”**

Is there ANY possible truth in this promise from a candidate who lost the popular vote, the vote of the people? What mechanisms have Trump even hinted at that would provide for greater local government control anywhere? Trump’s determination to cut back on regulations is designed to empower corporations, not local governments, and certainly not individuals. Trump’s denial of climate change only makes it harder for the American people, and the people of the world, to defend themselves against almost unthinkable future devastation. This is a shell game in which the people never get to see the pea. Millions marched against the con the day after the inaugural. They know that they are not “the rulers of this nation again” any more than they ever were. The Republican Party despises most of what the majority of Americans want and Trump has named a cadre of government officials not known for their inclination to surrender one iota of power to anyone. How long can the true believers go on believing they have any real chance to find the pea?

**“This American carnage stops right here and stops right now”**

This is the most arresting, and strangest line in Trump’s very odd speech. Taken literally, it is instantly false. Taken metaphorically it’s opaque to the point of meaninglessness. (The Times in its manic

sobriety noted here that “The United States remains far safer than it has been in generations.”)

The context in which Trump delivered this line makes it even more unhinged. After talking for a paragraph about “mothers and children trapped in poverty,... rusted-out factories,... an education system flush with cash,... and the crime and the gangs and the drugs that have stolen too many lives and robbed our country of so much unrealized potential” Trump then says, “This American carnage stops right here and stops right now.” How? What interest has Trump shown in mothers in poverty, never mind children? More jobs? Rolling back child labor laws? And an education system flush with cash, where is that? Crime, gangs, drugs are mostly issues past their peak. In that sense, Trump is declaring an end to American carnage that is already in decline.

But there is a new American carnage about which the new president has long been silent. He has no objection to police shooting unarmed citizens, especially black ones. He offers to shelter, no hope to millions of homeless people (even though they are now among “the rulers of this nation again”). And he promises no end to the American carnage visited on wedding parties and funerals by presidential drone assassinations. He promises no end to the American carnages visited on the populations of Afghanistan, Iraq, Syria, and all the other countries the US attacks directly and indirectly. He promises no end to the American-Saudi genocidal war in Yemen. American carnage promises to go on flourishing at home and abroad.

**“For many decades we’ve enriched foreign industry at the expense of American industry, subsidized armies of other countries while allowing for the very sad depletion of our military.”**

It is pure wonderland to speak of “foreign industry” and “American industry” in an age of corporate globalization of which Trump is an active participant.

Subsidizing armies of other countries is mostly a mirage. With US military forces deployed in roughly 140 countries, that’s a “subsidy” that comes at a pretty high price tag for the supposed subsidee.

Talking about the “depletion of our military” is simply delusional. Granted, it’s a longstanding Republican delusional talking point, but delusional nonetheless. (Even the Times tagged this one, noting that the US military budget is about \$600 billion a year and that that amount is more than the combined military expenditures of the next six largest military spenders combined. The Times does not note that it’s actually the next SEVEN military budgets, or that they are, in declining order, China, Saudi Arabia, Russia, UK, India, France, and Japan (together about \$567 billion in military expenditures). US military spending represents more than one third of what the rest of the world spends on the military.

The new “America First Foreign Policy” page does not acknowledge that America is already first by a huge margin. Instead it says: “Next, we will rebuild the American military. Our Navy has shrunk from more than 500 ships in 1991 to 275 in 2016. Our Air Force is roughly one third smaller than in 1991. President Trump is committed to reversing this trend, because he knows that our military dominance must be unquestioned.” Who thinks American military dominance is questioned?

The Trump administration is still trying to make the same dishonest budget cuts the Reagan administration wanted to make. The dishonesty lies in ignoring half the budget – the military half – while doggedly going after economically meaningless peanuts like Planned Parenthood, the National Endowment for the Arts, the National Endowment for the Humanities, and the Corporation for Public Broadcasting (the latter three cost about \$741 million a year, or about one tenth of one per cent of the military budget). These are not intended to be meaningful economic cuts made in good faith. They are the usual savage culture war cuts designed to cause social and intellectual carnage.

**“Together we will make America strong again. We will make America wealthy again. We will make America proud again. We will make America safe again. And, yes, we will make America great again.”**

This concluding litany is a fair measure of the confusion the country faces.

America IS strong by almost any measure. America is so strong that it remains comfortable being inhumane by important social measures such as infant mortality, health care, food insecurity, and the futility of pursuing happiness even at its most reduced level.

America IS wealthy. (The Times acknowledges that “America has never been wealthier.”) Even on a per capita basis, America is the ninth wealthiest country in the world (behind Qatar #1, Luxembourg, Singapore, Kuwait, Brunei, UAR, Norway, and Switzerland). Here’s the rub, according to Fortune Magazine: “America is the richest, and most unequal, country” in the world.

America IS proud, sometimes absurdly so, perhaps exceptionally so.

And America IS safe, relatively speaking. Domestically, there are random dangers from citizen shooters and rogue cops. In 2014, 55 soldiers were killed by terrorists, 269 killed themselves. Veterans commit suicide at twice the national rate. Life has always been inherently dangerous and unfair, but it’s less so now in this country than it is in most of the countries we’re busy “protecting.” Internationally, there is no serious threat from any country, and not even a near-threat from any country that we are not provoking. For Americans, the “terrorist threat” comes mostly from the fear-mongering mouths of politicians.

So it’s clever, what Trump has done, promising to make America strong, wealthy, proud, and safe, when we already pretty much are all of those things. He has set himself a low bar in some ways, although it won’t be that easy for him to achieve something to make us deservedly proud. And the wealth thing – which requires addressing wealth inequality, of which he and his appointees and his pals are primary beneficiaries – what are the odds he’ll get very far on that?

---

*William M. Boardman has over 40 years experience in theatre, radio, TV, print journalism, and non-fiction, including 20 years in the Vermont judiciary. He has received honors from Writers Guild of America, Corporation for Public Broadcasting, Vermont Life magazine, and an Emmy Award nomination from the Academy of Television Arts and Sciences.*

Reader Supported News is the Publication of Origin for this work. Permission to republish is freely granted with credit and a link back to Reader Supported News.



## Comments

### **We are going to return to our original fully-moderated format in the comments section.**

The abusive complaints in the comment sections are just too far out of control at this point and have become a significant burden on our staff. As a result, our moderators will review all comments prior to publication. Comments will no longer go live immediately. Please be patient and check back.

To improve your chances of seeing your comment published, avoid confrontational or antagonistic methods of communication. Really that is the problem we are confronting.

We encourage all views. We discourage ad hominem disparagement.

Marc  
Founder, Reader Supported News

Ash



+1# CDMR 2017-01-24 19:01

As Boardman suggests, nothing Trump says seems to have been carefully thought through. It is just campaign talk. That is very bad on one level, but possibly comforting on another level. It appears that trump will pull back from the US wars that are smoldering all over the world. Trump sent an observer to the talks among Russia, Turkey, Syria and Iran about how to end the war in Syria. He seems to be content taking a back seat.

The Chinese foreign minister has said clearly that the US has no business telling China what it can do with islands in its back yard. Obama was committed to making this a "causus belli." Trump seems more withdrawn.

It would be good for the US to withdraw from the world and turn its focus toward the "homeland." There are enough problems here to occupy trump for 4 or 8 years.



**-8# Winston Smith II** 2017-01-24 19:34

Boardman -- "This American carnage stops right here and stops right now'

This is the most arresting, and strangest line in Trump's very odd speech. Taken literally, it is instantly false. Taken metaphorically it's opaque to the point of meaninglessness . (The Times in its manic sobriety noted here that "The United States remains far safer than it has been in generations.")

Why can't Boardman understand the reference to "carnage." Here's the context:

"Mothers and children trapped in poverty in our inner cities, rusted out factories scattered like tombstones across the landscape of our nation, an education system flush with cash, but which leaves our young and beautiful students deprived of all knowledge and the crime and the gangs and the drugs that have stolen too many lives and robbed our country of so much unrealized potential. This American carnage stops right here and stops right now. "

I'm sure the NYTimes knows nothing about US inner cities and cares less; Boardman, too. I work in inner city Baltimore. I know the conditions. They are carnage. Trump was thinking about Chicago with all of its murders and shootings.

Trump follows the carnage statement with this: "We are one nation and their pain is our pain. Their dreams are our dreams and their success will be our success. We share one heart, one home and one glorious destiny."

I wish he meant this. I wish some government would care for poor neighborhoods as they do rich ones. Good he said it.

## **Primeiro o imobiliário, depois a capa da Playboy: como Trump conquistou os Estados Unidos**

19 Janeiro 2017 O [“Trump Revelado”](#), de Michael Kranish e Marc Fisher (Planeta)

Um capítulo da biografia "Trump Revelado" que explica os passos decisivos nos negócios em Manhattan e a transformação do novo presidente dos EUA numa estrela pop financeira.

1. Um Trump na cidade
2. Mostrem-me o dinheiro
3. New York, New York
4. Uma família mais ou menos às direitas
5. Subir ao alto da Torre
6. Um passeio no parque
7. Última estação

*A obsessão por Nova Iorque e os planos que levaram à construção de um dos mais famosos arranha-céus da cidade: a Trump Tower. O negócio do Hyatt, do Commodore e as histórias à volta da Penn Station. O casamento com a primeira mulher, Ivana, o divórcio e o luxo que rodeava uma vida de ambição. Sempre com os olhos postos no poder e com dedos apontados aos imigrantes.*

*Este é o capítulo da biografia “Trump Revelado”, agora publicado em português pela Planeta — e assinado pelos jornalistas Michael Kranish e Marc Fisher — que recorda os momentos fundamentais na transformação de Donald Trump num dos nomes mais influentes do negócio do imobiliário a nível mundial. Chegar à capa da Playboy em março de 1990 tornou-se quase inevitável.*

“A cidade de Nova Iorque estava desesperada por dinheiro e em perigo de insolvência. No início dos anos de 1970, a cidade perdeu 250 mil empregos, o que esventrou a sua base de coleta de

impostos, apesar de os custos dos serviços na cidade terem subido em flecha<sup>1</sup>. O assessor de imprensa do presidente Gerald Ford, Ron Nessen, comparou a dependência da cidade da ajuda federal a «uma filha rebelde viciada em heroína». Era uma época miserável para se ser construtor. Em 1971, o ano em que Donald se mudou para Manhattan, a ocupação hoteleira caiu para 62 por cento, o ponto mais baixo desde a Segunda Guerra Mundial. Em 1975, cortes obrigaram a cidade e o Estado a parar a construção de novas casas subsidiadas, a base do negócio da família Trump. No escritório do pai, na Avenue Z, Donald estava desejoso de se libertar da construção de casas básicas para famílias de classe média nos subúrbios. Quando Fred Trump se expandiu para lá de Brooklyn, foi para comprar terrenos baratos de vendedores desesperados da Califórnia, do Nevada, do Ohio e da Virgínia. Donald queria algo maior. Há muito que instava o pai a aceder às dezenas de milhões de dólares que tinha de capital próprio acumulado em mais de 80 edifícios de apartamentos, para usar esse valor para investir em Manhattan, onde estava a ação. Donald andava pela rede urbana, a avaliar edifícios, a sonhar acordado com aquilo que faria com cada lote.

**Fred Trump era cauteloso sobre a despesa e a dificuldade de construir em Manhattan, mas Donald não conseguia afastar-se do sítio que o cativava desde a infância.** Enquanto a cidade de Nova Iorque se desmoronava, ele viu a oportunidade que iria mudar-lhe a vida. A Penn Central, a outrora gigante das estradas de ferro, estava afundando-se. Em 1970, naquele que era, na época, o maior caso de falência na história dos Estados Unidos, a empresa de estradas de ferro tinha precisado de um resgate de emergência de \$300 milhões, de 53 bancos. Agora, os credores estavam desejosos de desmembrar a Penn Central e de vender as suas partes mais lucrativas, incluindo alguns dos maiores traçados ao ar livre de Manhattan: muitos estaleiros de trens no meio da cidade e em Upper West Side. A falência da sociedade de estradas-de-ferro despertou o interesse de xeques árabes, de banqueiros e de quem procurava terrenos para hotéis. Mas alguns sítios eram mais atraentes do que outros. A Penn Central possuía quatro outrora bons hotéis no centro da cidade, que há muito que tinham entrado em degradação. Foram feitas muitas ofertas por algumas das propriedades, mas o decrepito e infestado Hotel Commodore, cheio de ratos, na East 42 St., mesmo ao lado do terminal da Grand Central, não recebeu nenhuma oferta.

Três das propriedades da Penn Central tinham cativado a imaginação de Trump: uma faixa junto ao rio Hudson, das ruas 59 à 72, um estaleiro invulgar na 34, e o Commodore, o hotel mais deplorável, que Trump acreditava que era uma jóia subvalorizada. No Verão de 1974, Trump começou a apresentar propostas para estas propriedades, dizendo ao The New York Times que planeava comprá-las por mais de \$100 milhões. Embora o Times o tratasse como um «importante construtor de Nova Iorque», ele ainda não tinha o dinheiro para comprar as propriedades. Mesmo assim, começou a cortejar o homem que estava encarregado de vender os bens da Penn Central. Trump até lhe enviou uma televisão como presente de Natal, entregue pelo motorista. O funcionário recusou o presente. Trump teve mais sorte a usar a reputação do pai. Donald coordenou uma reunião com o homem dos caminhos-de-ferro e o mayor de Nova Iorque, Abe Beame, um amigo de longa data do pai. Beame abraçou ambos os Trump e afirmou: «Em tudo aquilo que Donald e Fred desejarem, têm todo o meu apoio».

Trump era um novato na construção, mas já era perito a dar a volta aos opositores. David Berger, um advogado que representava os acionistas das estradas-de-ferro, opôs-se inicialmente a vender a Trump o Commodore, mas, num momento crucial das negociações, Berger passou a apoiar a proposta de Trump. Uns anos mais tarde, investigadores federais questionaram se a mudança súbita de Berger estava relacionada com a decisão de Trump de o ajudar num processo não relacionado, de \$100 milhões, interposto pelos senhorios de Nova Iorque contra nove grandes empresas petrolíferas por estas combinarem os preços do combustível para aquecimento. A investigação federal acabou sem haver acusados. Tanto Trump como Berger negaram ter havido qualquer contrapartida.

Em Março de 1975, um juiz questionou se os mandatários da Penn Central tinham dado aos outros construtores que queriam os terrenos dos caminhos-de-ferro a mesma oportunidade que tinham dado a Trump. Mas o tribunal aprovou, mesmo assim, um acordo que dava a Trump uma opção para desenvolver a propriedade na 34th St., onde ele planeava construir um centro de convenções financiado pela cidade e 20 mil apartamentos, criando de uma só vez um império rival ao do pai. **O plano dos apartamentos colapsou rapidamente, mas Trump avançou com o centro de convenções ao usar um conhecimento na política.** Em 1974, contratou Louise Sunshine, na altura a principal angariadora de

fundos para a campanha de Hugh Carey para governador, para o ajudar a persuadir os líderes da cidade a construir o seu centro de convenções nos estaleiros das estradas-de-ferro de que Trump tinha agora opção. Donald e o pai eram grandes apoiantes de Carey, tendo doado mais de \$135 mil (o equivalente a quase \$390 mil em 2016) à campanha, mais do que qualquer outra pessoa, excepto o irmão do candidato.

Em 1978, a cidade decidiu construir o seu centro de convenções na 34th St. e Trump defendeu que a sua opção sobre a propriedade lhe dava o direito a uma comissão de mais de \$4 milhões. Mas ofereceu-se para abdicar desse valor se a cidade chamasse às instalações Centro de Convenções Fred C. Trump.

Donald conheceu Sunshine quando, depois de Carey ter sido eleito governador, Trump pensou que ela lhe poderia conseguir uma matrícula personalizada com as suas iniciais – na altura um raro privilégio. Tinha razão. Todas as manhãs, Donald ia de Manhattan a Brooklyn, agora numa limusina Cadillac com motorista e matrículas a dizer DJT – a sua versão do Cadillac azul do pai, com as iniciais FCT. Sunshine tornou-se uma das mais eficazes defensoras do jovem construtor. «Toda a gente pensava que Donald era um jovem insolente e agressivo», disse Sunshine. «Era eu que fazia o Donald entrar em todo o lado [...] independentemente de quem fosse, porque eles não conheciam realmente o Donald. Eu era o factor de credibilidade do Donald.»

Trump não tinha vergonha de usar os conhecimentos políticos de Sunshine. Ele tinha a ideia de comprar o World Trade Center, que era propriedade da Port Authority of New York. Pediu para se encontrar com o director executivo, Peter Goldmark, e durante o almoço no café dos executivos da Port Authority, no quadragésimo terceiro andar, Goldmark pressionou Trump para lhe dar pormenores sobre que tipo de negócio tinha em mente. Trump ficou-se pelas generalidades. Sendo um novo jogador na cidade, Trump era um candidato improvável para tomar conta das icónicas torres e muitos outros promotores imobiliários já tinham demonstrado interesse nos edifícios. Mas as hipóteses de Trump dispararam em flecha quando ele começou a usar os seus conhecimentos. «Ele ameaçou: “Não se aguentava muito no seu cargo se o governador Carey decidisse que não estava a fazer as coisas da forma correcta neste caso”», recordou Goldmark. «“Tem de saber que eu tenho muito peso em Albany”.» Trump usou o

nome de Sunshine. «Assim que ele fez as ameaças, deixei claro que não queria continuar a conversa», disse Goldmark. **«Ele esperava que eu ficasse a tremer.» Trump nega a versão de Goldmark, dizendo: «Eu não falo dessa maneira.»**

## **Um Trump na cidade**

Em 1978, a cidade decidiu construir o seu centro de convenções na 34th St. e Trump defendeu que a sua opção sobre a propriedade lhe dava o direito a uma comissão de mais de \$4 milhões. Mas ofereceu-se para abdicar desse valor se a cidade chamasse às instalações Centro de Convenções Fred C. Trump. A cidade estava a considerar a ideia quando, um mês depois, um funcionário reviu o contrato de Trump com a Penn Central e reparou que, na realidade, ele tinha direito a receber um décimo daquilo que estava a exigir. A cidade acabou por pagar a Trump \$833 mil de comissão quando comprou o terreno para o Centro de Convenções Jacob K. Javits. Trump não negou este relato, mas disse: «Se alguém tivesse vindo ter comigo da forma correta, eu teria abdicado da minha comissão sem pedir que pusessem o nome do meu pai no edifício. Mas não vieram.»

Ao ganhar o direito de reconstruir o Hotel Commodore, Trump ganhou uma esquina de Grand Central, um bairro arruinado que até ele acreditava que era um desastre. O crime estava em crescimento no centro da cidade e cada vez menos passageiros usavam as linhas de metro sob a Grand Central. O edifício Chrysler, o marco de art déco do bairro, mesmo em frente ao Commodore, acabou por fechar. A Texaco, o seu principal inquilino, acabou por seguir algumas outras das maiores empresas norte-americanas que fugiram para os subúrbios. **O hotel de 1900 quartos, um dos maiores de Nova Iorque, era uma tristeza para os olhos, após o negócio ter sido esmagado pela substituição pós-guerra dos comboios de luxo pelos aeroportos e as auto-estradas.** Quando abriu, em 1919, o hotel – designado em honra do «Commodore» Cornelius Vanderbilt, o barão ladrão que se tornou um dos primeiros magnatas celebridade na América – exibia um lobby palaciano e o maior quarto de Nova Iorque, adornado ao estilo de um pátio italiano, incluindo uma cascata interior. No lounge, funcionários afixavam nas paredes os preços actualizados das acções e noutra sala havia uma orquestra.

Modernizar o Commodore ia ser uma tarefa gigantesca. O hotel não tinha garagem. As fundações, atravessadas por duas linhas de

metro, não podiam ser acrescentadas. Os quartos eram demasiado pequenos para converter em apartamentos e não tinha instalação moderna de gás nem de electricidade. Os quartos estavam vazios metade do tempo e as poucas lojas para a rua incluíam uma questionável casa de massagens chamada Relaxation Plus (relaxamento mais). («Ninguém falava sobre o que o Mais significava»<sup>36</sup>, brincava Trump.) Um perito imobiliário estimou que o edifício valia «o verdadeiro valor do terreno menos o custo da demolição» – noutras palavras, nada. A perder \$1,5 milhões por ano, o encerramento do hotel estava previsto para o Verão de 1976, por volta da altura em que a cidade devia receber a Convenção Nacional Democrática, em Madison Square Garden.

Fred Trump tinha dúvidas sobre o plano do filho. O pai nunca tinha compreendido a atração de Manhattan, que originava alguns dos mais elevados preços de terreno do mundo e as maiores chatices de construção. «Comprar o Commodore numa altura em que o Chrysler Building está em liquidação judicial», disse ele, «é como lutar por um lugar no Titanic.» Mas Donald estava determinado. **«Sou basicamente um optimista», disse ele, «e vi o problema da cidade como uma grande oportunidade para mim. Por ter crescido em Queens acreditava, talvez até um grau irracional, que Manhattan ia ser sempre o melhor lugar para viver – o centro do mundo.»** Apesar das dúvidas, Fred apoiou-o, disponibilizando o seu próprio capital para o sucesso do filho – um sinal de que embora o pai não tivesse qualquer interesse em investir em Manhattan, ele ficaria sempre ao lado do filho, ajudando-o em momentos cruciais nos anos de formação da carreira de Donald. Fred seria sempre também fiador dos empréstimos do Manufacturers Hanover Trust, garantindo que os banqueiros seriam pagos mesmo que os negócios de Donald colapsassem.

Para o plano de Donald ter sucesso, a Penn Central tinha de lhe vender o hotel, a burocracia de Nova Iorque tinha de aprovar a sua abordagem e dar-lhe isenção fiscal, uma empresa de gestão tinha de se associar a ele para administrar o hotel e os bancos tinham de lhe avançar o dinheiro para pagar tudo. Donald cortejou a Hyatt, a cadeia de hotéis da riquíssima família Pritzker, para gerir o remodelado Commodore. Desde que abrisse o seu primeiro hotel perto do aeroporto de Los Angeles, a empresa tinha explorado a sua popularidade, mas ficava atrás dos seus rivais num aspecto fundamental: não tinha nenhum hotel em Nova Iorque. Trump

lançou uma ofensiva de charme. Antes de almoçar com Ben Lambert, um investidor imobiliário amigo dos Pritzker, Trump deu ao potencial parceiro uma carona na sua limusina (que na realidade era alugada pela empresa do pai). No banco traseiro, tinha disposto rascunhos do plano de renovação. Trump sugeriu que o hotel beneficiaria de impostos imobiliários muito reduzidos – uma ideia atraente, mas um negócio que ele ainda não tinha assegurado.

Trump em novembro de 1990, na Quinta Avenida, Nova Iorque

Trump enganou a cidade, os vendedores e a cadeia de hotéis uns a seguir aos outros, utilizando um para alavancar o acordo com o outro. Assegurou aos negociadores da Penn Central que tinha um negócio sólido com o Hyatt quando não tinha e os caminhos-de-ferro deram-lhe uma oportunidade exclusiva e não vinculativa para comprar a propriedade de \$10 milhões. Trump não tinha os \$250 mil de que necessitava para assegurar a posição, quanto mais o dinheiro para financiar o projecto de \$70 milhões. O pai até tinha tido de lhe adiantar dinheiro para ele contratar um arquitecto. Mas em Maio de 1975, Trump convocou mesmo assim uma conferência de imprensa. Ao lado do co-fundador do Hyatt, Jay Pritzker, Trump apresentou as elaboradas alterações da renovação do Commodore: 1400 quartos, 6,5 mil metros quadrados de espaço, um deslumbrante átrio ao estilo Hyatt e paredes de espelho a revestir o esqueleto envelhecido do hotel. Trump anunciou que tinha um contrato assinado com a Penn Central para comprar o hotel. Estava assinado, mas apenas por ele, porque ainda precisava de pagar 250 mil dólares. Depois, fez um truque de ilusionismo de que mais tarde se haveria de gabar. Quando um funcionário da cidade lhe pediu provas do compromisso da Penn Central, Trump enviou aquilo que parecia um acordo com os vendedores. Trump depois usou a consequente autorização da cidade para concretizar o negócio com a Hyatt.

### **Mostrem-me o dinheiro**

Agora, Trump precisava de dinheiro. Sem garantias para apoiar a dívida, teve dificuldade em persuadir os bancos a adiantar-lhe um empréstimo para construção. Após uma rejeição, Trump quis desistir. Disse ao seu agente imobiliário: «Vamos pegar neste negócio e enterrá-lo.» Mas Trump, que cresceu a ver o pai a construir um império baseado em empreendimentos subsidiados, foi

salvo pela primeira isenção fiscal de Nova Iorque a uma propriedade comercial. **A Urban Development Corporation – uma agência quase na falência, lançada em 1968 para construir habitações integradas – tinha o poder de isentar as propriedades de impostos. Podia comprar o hotel por 1 dólar, depois arrendá-lo a Trump e à Hyatt por 99 anos** – um acordo que pouparia a Trump uns estimados \$400 milhões durante os 40 anos seguintes. Sunshine ajudou Trump a conseguir uma reunião com o presidente da UDC, Richard Ravitch, que tinha crescido no sector da construção. O pai de Ravitch, Saul, era o fundador da HRH Construction, que Fred Trump tinha contratado para construir a Trump Village. Agora, Ravitch viu que o jovem Trump tinha uma forma diferente de fazer negócios. Donald foi ver Ravitch e disse-lhe que tinha comprado o Commodore para o converter num Grand Hyatt. «Quero que me dê uma isenção de impostos», disse Trump.

Um Hyatt seria óptimo para a cidade, respondeu Ravitch, mas o projecto não se qualificava para uma isenção fiscal porque seria provavelmente viável por si próprio. Trump levantou-se e repetiu o pedido: «Quero uma isenção.» Quando Ravitch voltou a negar dar apoio à ideia, Trump disse: «Vou fazer com que seja despedido», e saiu do escritório, contou Ravitch. (Trump negou o relato de Ravitch e chamou-lhe «uma pessoa altamente sobrestimada».) Hoteleiros rivais concordaram com Ravitch e opuseram-se àquilo que viam como um acordo chorudo para Trump. A Hotel Association of New York disse que os membros pagavam mais de \$50 milhões por ano em impostos imobiliários e perguntou por que um jovem construtor impertinente, que nunca tinha construído um hotel e que não ia investir nenhum dinheiro próprio, merecia ajuda.

No dia anterior à influente autoridade nova-iorquina sobre o uso dos terrenos, o Board of Estimate, votar a isenção fiscal, três legisladores de Manhattan convocaram uma conferência de imprensa à porta do hotel para exigir que a cidade procurasse um acordo melhor. **Quando os políticos terminaram, Trump, que tinha aparecido para refutar os seus argumentos, disse aos jornalistas que se a cidade não aprovasse a ajuda, ele retirava-se e o Commodore ficava a apodrecer.** Para dramatizar o quão decrépito o Commodore ficaria sem ele, Trump tinha instruído os seus funcionários para substituírem as tábuas limpas que cobriam os vidros do hotel por madeira velha e suja.

Na realidade, havia outros investidores interessados no hotel, que se tinham oferecido para o renovar, pagar mais em impostos e partilhar mais dos lucros com a cidade do que Trump. Mas as ofertas alternativas foram ignoradas por causa do contrato que Trump tinha com a Penn Central – embora esse acordo ainda não estivesse assinado e concluído.

Em última análise, a opção de compra de Trump, a sua energia, os conhecimentos políticos e as promessas de partilha de lucros viraram a desesperada cidade a seu favor. Algumas semanas depois de os últimos turistas saírem do Commodore, o Board of Estimate concordou em abdicar de todos os impostos imobiliários, desde que o projecto de Trump fosse gerido como um hotel de «primeira classe». Trump exibiu a sua vitória no Times, gabando-se da sua «criatividade financeira» ao poupar nos impostos e deixando clara a distinção entre o sucesso do pai e as suas próprias ambições em Manhattan: **«O meu pai conhecia Brooklynn muito bem e conhecia Queens muito bem. Mas agora essa psicologia acabou.»** Trump tinha garantido ao Times que valia mais de \$200 milhões, embora um ano antes os negociadores da Penn Central tivessem estimado que o capital próprio da família Trump era de cerca de \$25 milhões, todos sob o controlo de Fred. Em Dezembro de 1976, um mês depois de aquele artigo ser publicado, Fred Trump abriu oito fundos para os filhos e netos e transferiu 1 milhão de dólares para cada um. Durante os cinco anos seguintes, Donald recolheria \$440 mil de juros só desse fundo.

Apesar de ter vencido a batalha do Commodore, Trump mantinha um ressentimento contra aqueles que se lhe tinham oposto. Cinco anos depois da reunião contenciosa de Trump com Ravitch, o Conselho da Metropolitan Transportation Authority, onde Ravitch se tinha tornado presidente, disse-lhe que o advogado buldogue de Trump queria que a MTA gastasse fundos dos contribuintes para ligar o Commodore à estação de metro da 42nd St. Ravitch era contra. Na manhã seguinte, o mayor Ed Koch chamou-o e perguntou-lhe: «O que é que você fez ao Donald Trump? Ele quer que eu o despeça.» Ravitch referiu aquilo que o mayor já sabia: Ravitch tinha sido nomeado pelo governador. Ele mantinha o cargo.

Trump não atravessou a ponte apenas para construir um negócio. Ele também queria o estilo de vida de Manhattan. Tinha agora três quartos e vivia nos apartamentos Phoenix, na 65th St., a um

quilómetro e meio de distância do Commodore, em direcção à alta da cidade.

Em 1977, enquanto Trump lutava para arranjar empréstimos, a cidade de Nova Iorque continuava a decair. A crise financeira tornou-se mais grave. Um assassino em série, conhecido como Filho de Sam, aterrorizava a cidade. Durante uma vaga de calor em Julho, um apagão histórico deixou a cidade na escuridão, dando origem a incêndios devastadores, pilhagens de lojas e detenções. Mas a verdadeira ameaça a Trump era bem mais subtil. **O mayor Beame, um amigo de longa data de Fred Trump e um forte apoiante do projecto de Donald, perdeu a reeleição para Koch, um assumido adversário da generosidade e do favoritismo políticos.** A redução fiscal de Trump estava de repente em risco. Mas foi salva de novo quando Trump descobriu um aliado fundamental em Stanley Friedman, o número dois de Beame. Com a sua barbicha e um charuto Te-Amo Toro sempre entre os dentes, Friedman era uma caricatura de Hollywood de um manda-chuva da cidade. O seu ADN tinha lá escrito Nova Iorque. Cresceu no Bronx, era filho de um taxista chamado Moe, andou na escola pública, no City College e na Brooklyn Law School. Em Trump, Friedman viu outro tipo dos subúrbios a tentar estabelecer-se em Manhattan, onde já se tinham cruzado em sítios como o Le Club e o Maxwell's Plum.

Na última semana do mandato de Beame, em 1977, Friedman trabalhou intensamente, com maratonas de reuniões, para selar o acordo do Commodore. Na altura em que Beame abandonou o cargo, o apoio pago pelos contribuintes ao hotel de Trump tinha sido tornado à prova de bala – e Friedman tinha encontrado um novo emprego, na firma de advogados de Roy Cohn. «O Grand Central estava a transformar-se no Times Square – um bairro moribundo», disse Friedman. «Independentemente de quem fosse o dinheiro que ele ia usar – o da cidade, o seu próprio ou o da Hyatt –, ele ia pegar num edifício de porcaria e criar uma operação de primeira classe. Era a coisa mais importante feita na cidade nos últimos anos.»

## **New York, New York**

Trump não atravessou a ponte apenas para construir um negócio. Ele também queria o estilo de vida de Manhattan. Tinha agora três quartos e vivia nos apartamentos Phoenix, na 65th St., a um quilómetro e meio de distância do Commodore, em direcção à alta

da cidade. **Quando Mike Scadron, o amigo da academia militar, o visitou, ficou surpreendido pela pouca mobília que havia no apartamento** – uma parede de espelho, um tapete felpudo, uma pequena mesa de vidro e uma representação do Commodore. A atenção de Trump estava focada em ser bem-sucedido na grande cidade. Disse a Scadron que ia ultrapassar o sucesso do pai ao conquistar Manhattan, onde Fred Trump nunca tinha colocado um tijolo. Noutra altura, no escritório da Avenue Z, Scadron tinha assistido ao confronto entre pai e filho, «a falarem um por cima do outro. Podiam estar em salas separadas. Donald tinha algo a provar.» Mas, de regresso ao apartamento de Donald, havia um outro objecto com destaque: uma foto da nova namorada de Trump.

A história de como Trump e Ivana Zelníbková Winklmayr se conheceram tem duas versões. Trump lembra-se de os dois se terem visto pela primeira vez nos Jogos Olímpicos de Verão de Montreal, em 1976. Ivana, de acordo com a história oficial, tinha sido membro da equipa checa olímpica de esqui em 1972, em Sapporo, no Japão. Ambos os Trump o referiram a determinada altura. Mais tarde, Trump escreveu que Ivana era uma substituta na equipa olímpica. Mas quando a revista Spy entrevistou o secretário do comité olímpico checo, ele disse que não tinha essa pessoa nos seus registos.

A história mais popular sobre como o casal se conheceu tem Trump a apresentar-se a Ivana na fila à porta do Maxwell's Plum, o famoso bar de Warner LeRoy para solteiros, em East Side, atafalhado de candeeiros Tiffany e encimado por um tecto de vitral. Ivana estava em Nova Iorque durante uma semana para um desfile de moda que promovia os Jogos Olímpicos que se aproximavam. **Estava com as amigas à espera de entrar no bar quando Trump lhe tocou no ombro, lhe disse que conhecia o dono e que as conseguia fazer entrar. Entraram. Trump pagou as festividades da noite, levou as senhoras ao hotel e depois encantou Ivana, no dia seguinte, com três dúzias de rosas.**

Ivana, que cresceu na Checoslováquia sob o regime comunista, era filha única, uma modelo que emigrou para o Canadá antes de ir para os Estados Unidos. Assim que ela e Trump começaram a namorar, a história da vida dela tornou-se tão cheia de superlativos Trump como muitas das suas propriedades. Ivana era «uma das maiores modelos do Canadá», escreveu Trump. Ela tinha desfilado em lojas de Montreal e posado para peleiros. Também tinha sido

casada, durante pouco tempo, com Alfred Winklmayr, um esquiador austríaco. Mas esse casamento desapareceu da narrativa oficial, não sendo mencionado nas memórias de Ivana, de 1995, *The Best Is Yet to Come: Coping with Divorce and Enjoying Life Again*. Winklmayr tinha ajudado Ivana a mudar-se para o Oeste e o casamento acabou imediatamente depois.

Aos 30 anos, Trump estava pronto para assentar. O casamento dos pais era o seu modelo. «Para um homem ter sucesso, precisa de apoio em casa, tal como o meu pai tinha da minha mãe, não de alguém que está sempre a reclamar e a queixar-se», disse Trump. Ivana, uma imigrante como a mãe de Donald, parecia caber no molde. «Encontrei a combinação quase inacreditável de beleza e miolos», disse ele. «Como muitos outros homens, fui ensinado por Hollywood que uma mulher não pode ter as duas coisas.» **Ivana viu Trump apenas como «um rapaz típico americano, alto e esperto, com muita energia, muito inteligente e muito bem-parecido».** Ela definiu Trump por aquilo que ele ainda tinha de alcançar. Ele «não era famoso» e «não era incrivelmente rico».

Na passagem de ano de 1976, Trump pediu Ivana em casamento, oferecendo-lhe mais tarde um anel de diamante com três quilates, da Tiffany. Mas antes de poder haver um casamento, menos de um ano depois de se conhecerem, houve o acordo pré-nupcial – algo com quatro ou cinco contratos. As negociações entre Trump e Ivana – Roy Cohn aconselhou Donald a começar a vida de casado com acordos financeiros codificados – seguiram um padrão que veio a definir o Trumpismo: ostentação de riqueza e de influência, demonstrações muito públicas de desgosto e uma batalha dramática encenada nas colunas de mexericos e nos tribunais. O casamento começaria – e mais tarde explodiria – com o acompanhamento de advogados. Cohn negociou o acordo pré-nupcial, que foi assinado duas semanas antes do casamento. Ivana foi representada por um advogado que Cohn tinha recomendado. Numa sessão de negociação, em casa de Cohn, Cohn usou apenas um roupão de banho. Ivana estava preparada para assinar o acordo, mas recuou quando soube que a proposta de Cohn contemplava que ela devolvesse todas as prendas de Donald em caso de divórcio. Em resposta à fúria dela, Cohn adicionou algumas linhas que permitiam que ela ficasse com as roupas e as prendas. Com o consentimento de Trump, Cohn também adicionou um fundo para «uma emergência», de 100 mil

dólares. Ivana podia começar a usar o fundo um mês após o casamento.

Numa conferência de imprensa, sobre o divórcio de Ivana, em 1990

Ao mesmo tempo que Cohn ajudava Donald e Ivana a preparar o casamento, conduzia-os pelo mundo hedonístico e movido a drogas da disco do final dos anos de 1970. Embora prezasse a sua reputação de abstémico, Donald adorava participar, pela noite dentro, na mistura de destacáveis e de mulheres bonitas. Em Abril de 1977, Trump e Ivana foram à noite de inauguração da Studio 54, a discoteca que se tornaria o icónico lar do movimento disco. Os donos, Steve Rubell e Ian Schrager, confiaram em Cohn para lhes dar aconselhamento legal e, em troca, ele servia como um porteiro informal, passando os ricos e os famosos à frente da fila de pessoas desesperadas para entrar na festa onde se encontravam pessoas como Andy Warhol, Liza Minelli, Truman Capote, Margaux Hemingway e David Bowie. Cohn também usou a sua influência para conseguir a entrada de grupos de jovens homossexuais. Embora Cohn sempre tivesse afirmado ser heterossexual, os amigos sabiam que não era assim.

(Apesar da sua sexualidade, Cohn manteve-se fortemente anti-homossexual em termos de políticas. Convidado para representar um professor despedido por ser homossexual, Cohn recusou, dizendo a um grupo de activistas gay que «os professores homossexuais são uma ameaça séria para as nossas crianças e não devem poluir as escolas da América».)

**Trump tornou-se uma presença habitual na discoteca e, mais tarde, contou: «Vi lá acontecerem coisas que até hoje nunca mais vi outra vez.»** «Vi supermodelos a ser comidas, supermodelos bem conhecidas a ser comidas num banco no meio da sala. Eram sete e cada uma delas estava a ser comida por um tipo diferente. Isto era no meio da sala. Hoje em dia isso não podia acontecer, por causa dos problemas de morte.»

No sábado antes da Páscoa, Donald e Ivana foram casados pelo reverendo Norman Vincent Peale – autor do bestseller motivacional de 1952, O Poder do Pensamento Positivo, um pilar da cultura norte-americana de auto-ajuda, e pastor da Marble Collegiate Church de Nova Iorque, que os pais de Donald frequentavam

ocasionalmente. Peale era a única pessoa, para além do pai, que Donald chamava de mentor (resistia a usar esse termo em relação a Cohn, insistindo que o advogado era «apenas um advogado, um advogado muito bom»). Peale «dava os melhores sermões, era um fantástico orador», disse Trump. «Ele achava que eu era o seu melhor aluno de sempre.» Os pais de Trump levaram-no pela primeira vez a ouvir os sermões de Peale nos anos de 1950, quando o pastor estava no auge da fama, com uma coluna no jornal e um programa de rádio que chegava a milhões de pessoas. «Sei que com a ajuda de Deus eu consigo vender aspiradores», disse uma vez Peale, numa perspectiva que agradava aos empreendedores, incluindo Fred Trump e o filho. Quando Donald Trump obteve êxito, Peale previu que Donald se tornaria «o maior construtor do nosso tempo». **Trump, por seu lado, dava crédito a Peale por o ter ensinado a vencer, por pensar apenas no melhor dos resultados: «A mente pode vencer qualquer obstáculo. Nunca penso na negativa.»**

A boda de Donald e Ivana realizou-se no 21 Club, anteriormente um bar clandestino famoso pela sua clientela de celebridades. Foram convidadas cerca de 200 pessoas, incluindo o mayor Beame, Cohn e um grupo de políticos e de advogados de Trump. Apenas um membro da família de Ivana, o pai, Milos, apareceu.

A 31 de Dezembro de 1977, um ano após o noivado, Ivana deu à luz Donald John Trump Jr., o primeiro dos seus três filhos. Ivanka chegou em 1981 e Eric em 1984. A nova família mudou-se para um apartamento de oito assoalhadas no número 800 da Fifth Avenue, decorado de forma moderna e com poucos dos excessos que eventualmente se tornariam uma imagem de marca do estilo Trump. Depressa ofereceram aos fotógrafos uma sessão fotográfica com a deslumbrante modelo-esquiadora e o rapaz-maravilha do imobiliário. «Ele entrava numa sala e toda a gente olhava para ele», disse Stanley Friedman. **«O mundo inteiro girava à volta de Donald. Ele era sempre o tipo que estava a falar contigo, mas a olhar por cima do ombro à procura da próxima pessoa. Sempre a trabalhar. [...] Estava sempre à procura do próximo negócio, estava sempre à procura da próxima alguma coisa.»**

### **Uma família mais ou menos às direitas**

Essa próxima coisa geralmente envolvia mais o trabalho do que ser pai. Tal como o seu próprio pai tinha feito, Donald via os filhos sobretudo no escritório, onde eram sempre bem-vindos. «Eu estava

sempre lá para os meus filhos quando eles precisavam de mim», disse ele. «Agora, isso não significa empurrar o carrinho de bebé pela Fifth Avenue durante duas horas». Trump «não sabia o que fazer com os miúdos quando eles eram pequenos», disse Ivana. «Ele amava-os, beijava-os e pegava-lhes ao colo, mas depois entregávamos porque não fazia ideia do que devia fazer». Os filhos acabariam por recordar estes primeiros anos com uma forte confiança no amor do pai e uma certa melancolia sobre as suas prioridades. «Não era uma relação pai-filho do género: “Ei, vamos brincar à apanhada no quintal”», recordou Donald Jr. «Era: “Ei, chegaste da escola, vem ao meu escritório.” Por isso, eu sentava-me no escritório, brincava com camiões no chão do escritório, ia pedir doces ou travessuras no escritório. Portanto, passava muito tempo com ele, mas nos termos dele. [...] Nunca se escondia de nós, nunca era distante, mas nos seus termos. Sabe, essa tende a ser a forma como ele faz as coisas.»

Trump adicionou rapidamente Ivana ao seu pessoal no escritório, colocando-a a trabalhar como vice-presidente com responsabilidades sobre a decoração de interiores no Commodore, e mais tarde na Trump Tower, no Plaza Hotel e num dos casinos de Donald em Atlantic City. «**Nunca se tinha ouvido falar num empresário que, nestes círculos, desse à mulher, à sua nova mulher, alguém que não tinha estado por ali toda a vida, tão grandes responsabilidades**», disse Nikki Haskell, uma amiga de ambos os Trump. «Muitos homens ricos não deixam as mulheres ir ao escritório. Muitas mulheres não sabem o que os maridos fazem.»

«Donald e Ivana eram farinha do mesmo saco», disse Louise Sunshine. «Eles eram exactamente o mesmo tipo de pessoa – muito, muito determinados, focados, muito espertos [...] muito sinérgicos e muito parecidos, demasiado parecidos. Era difícil diferenciá-los. Podiam ter vindo do mesmo esperma.»

Trump controlava agora o contrato de arrendamento do edifício que ele considerava ter «a melhor localização em todo o mundo» – mas precisava de duas outras peças: do terreno por baixo, que era da gigante dos seguros Equitable, e dos direitos para construir em altura, que eram controlados pela Tiffany & Co.

No Commodore, Ivana entrava muitas vezes em conflito com o capataz da obra. Mas quando o trabalho encontrava obstáculos, Trump tendia a culpar o gestor de projecto e os assistentes, não a mulher. O Commodore era um trabalho difícil, enorme, com a

reabilitação dos seus 26 andares a ser mais complicada do que qualquer coisa que o pai dele tivesse tentado. Quando as equipas de demolição chegaram ao trabalho, em Maio de 1978, encontraram piores condições do que esperavam. Estavam sem-abrigo a viver na casa das caldeiras, quente e livre de piolhos. A moldura de aço sobre a qual Trump queria construir estava enferrujada e em perigo. Nas caves, os trabalhadores largaram gatos para caçar as hordas de ratos do tamanho de coelhos. Os gatos morreram e os ratos sobreviveram. Os custos rapidamente engrossaram. Vinte e seis andares de pedra exterior eram para ser forrados a espelho. Pisos inteiros eram para ser eviscerados. Os fornecedores e os empreiteiros estavam ansiosos para ser pagos. Quando Barbara Res, uma assistente de projecto da HRH Construction, a empresa que Trump tinha contratado para gerir as coisas, chegou ao local das obras, o patrão entregou-lhe o contrato e deu-lhe instruções para tomar nota de todos os segundos de trabalho que tinham de ser pagos: «Lê isto e decora-o. [...] Estas pessoas vão matar-te. Mantém registo de tudo.»

**A liderar o seu primeiro projecto, Trump era muito «insolente e extremamente autoconfiante», disse Res, mesmo quando muitas das suas decisões pareciam amadoras para os experientes trabalhadores de construção.** Os arquitectos e os empreiteiros tinham medo de o desafiar, criando aquilo a que Res chamou uma «combinação fatal: [...] uma pessoa agressiva e poderosa a mandar, que também é inexperiente». Com os credores a observar, Trump tentava poupar. Acreditava que podia recuperar alguns dólares salvando os velhos canos e o aço do Commodore. A ideia foi copiada do pai, um lendário forreta que uma vez se gabou de ter poupado 13 mil dólares num dia, ao convencer o empreiteiro a baixar o preço da pintura de 13 mil apartamentos em um dólar cada. A tentativa de poupança de Donald saiu-lhe pela culatra. Os trabalhadores sindicalizados passaram muitas horas a pintar códigos de cor em cada objecto de metal – vermelho para o lixo, verde para guardar – atrasando imenso o ritmo das obras.

Como arquitecto, Trump tinha recrutado Der Scutt, uma estrela em ascensão no design modernista de Nova Iorque, que fumava cachimbo. Após o seu primeiro encontro, numa sexta-feira à noite no Maxwell's Plum, Trump convidou Scutt para ir ao seu apartamento. Tal como Trump, Scutt tinha a sua própria mistura de excentricidades motivadas pelo ego: tinha mudado o primeiro nome, de Donald para a palavra alemã «o». Estava perturbado pela

técnica de venda «extremamente agressiva» de Trump e pela sua tendência para exagerar. Ainda assim, sentia-se cheio de energia devido às exigências imparáveis de Trump. «Ele não se importa de me telefonar às sete da manhã num domingo e dizer: “Tenho uma ideia. Encontramo-nos no escritório daqui a 40 minutos.”», disse Scutt. «E vou sempre.»

O modernizado Grand Hyatt abriu a 25 de Setembro de 1980, seis anos depois de Trump ter desejado o Commodore pela primeira vez. Criado inicialmente para servir os viajantes de classe média, o hotel de 1400 quartos tinha ganhado um luxo considerável, com acessórios de latão e preços de quarto que começavam nos 115 dólares por noite (o equivalente a cerca de 330 dólares em 2016). **Para celebrar a abertura, o Grand Hyatt organizou uma festa cheia de estrelas, no salão de baile, em que participaram o governador, o mayor, o anterior mayor, Cohn e outros membros da elite do imobiliário de Nova Iorque.** O Grand Hyatt seria a prova do estilo com que Trump desenvolveria os seus projectos: com generosas isenções fiscais, grande ousadia financeira e um toque de magia, alavancando os diferentes interesses em conflito. Trump defendeu que o hotel ajudou a dinamizar o bairro de Grand Central e a começar uma nova época de glamour em Manhattan. Trump disse que o projecto lhe mudou a vida: «Se eu não tivesse convencido a cidade a escolher o meu local, na 34th St., para o centro de convenções e depois avançado para desenvolver o Grand Hyatt, provavelmente estava hoje em Brooklyn, a recolher rendas.»

A ruína que Trump tinha previsto para o bairro nunca chegou a concretizar-se. Quando começaram os trabalhos no Commodore, uma dúzia de outros projectos de escritórios, apartamentos e hotéis estavam já a surgir nos quarteirões circundantes – sem a ajuda governamental que Trump disse que era essencial para fazer alguma coisa naquela zona degradada. Agora, com os visitantes do hotel a entrar em grande número, ele apertou a bolsa naquilo que tinha sido uma das poucas concessões que tinha feito para conseguir a isenção fiscal. Em 1987, Trump disse aos contabilistas para alterarem os seus métodos de relatório, limitando a quantia que, segundo o acordo de partilha de lucros do Hyatt, deveria entregar à cidade. Quando a auditora geral da cidade, Karen Burstein, analisou os registos do hotel, descobriu que as «aberrantes» práticas de contabilidade tinham retirado à cidade milhões de dólares em impostos. Questionado anos mais tarde

sobre essas alterações, Trump disse que não se lembrava da investigação.

Nos anos seguintes, Trump iria entrar muitas vezes em conflito com a família que geria a Hyatt, incluindo um processo desagradável que acabou com os Pritzker a concordarem, em 1995, pagar \$25 milhões para fazer renovações. **Lutando contra enormes dívidas, enquanto o império se expandia, Trump acabou por vender a sua parte do Hyatt à família, em 1996, acabando o seu envolvimento no projecto que lançou a sua carreira.** Trump ficou com cerca de 25 dos 142 milhões de dólares do preço de venda, mas a maioria do dinheiro acabaria por ir para o pagamento de parte dos milhares de milhões que os seus negócios deviam na altura, incluindo centenas de milhões que Trump tinha dado pessoalmente como garantia.

### **Subir ao alto da Torre**

Nesses dias, Trump e Sunshine andavam a passear por Manhattan, na limusina de Trump, à procura de potenciais projectos. Um dia, passaram na Fifth Avenue pela Bonwit Teller, uma grande loja cara de roupa de mulher, que estava a passar por maus momentos. «Oh, adoro aquela localização, vamos descobrir quem é o dono e vamos deitar o edifício abaixo», disse Trump. Este, decidiu Trump, seria o local para o seu projecto emblemático, a Trump Tower, uma cintilante afirmação na avenida mais majestosa de Nova Iorque. Sunshine direccionou Donald até um dos maiores accionistas da Genesco, o conglomerado proprietário do contrato de arrendamento da Bonwit Teller. Em Novembro de 1978, quando Trump soube que a empresa estava disponível para vender, ele garantiu, sem pagar nada, uma opção que lhe permitia comprar o contrato de arrendamento por 25 milhões – uma enorme oportunidade num dos mais importantes quarteirões do centro de Manhattan. Quando os construtores rivais souberam do negócio e ofereceram preços melhores, Trump lutou, ameaçando ir a tribunal se os administradores não honrassem a sua palavra.

Trump controlava agora o contrato de arrendamento do edifício que ele considerava ter «a melhor localização em todo o mundo» – mas precisava de duas outras peças: do terreno por baixo, que era da gigante dos seguros Equitable, e dos direitos para construir em altura, que eram controlados pela Tiffany & Co., a icónica joalheria, no edifício ao lado, cuja montra Audrey Hepburn namora no filme “Boneca de Luxo”, e onde Trump tinha comprado o anel de noivado

de diamante para Ivana. **Com o Grand Hyatt construído e aberto, Trump já não tinha de lutar pelos empréstimos.** O Chase Manhattan adiantou-lhe fundos para comprar os direitos por cima e por baixo da Bonwit Teller, mais \$100 milhões para a construção. Trump persuadiu a Equitable, um dos credores do Grand Hyatt, a vender-lhe o terreno em troca de 50 por cento das acções do projecto.

Der Scutt foi de novo contratado como arquitecto e desenhou um imponente edifício de contornos serrilhados que, visto de lado, parecia uma escadaria. Os apartamentos superiores da Trump Tower teriam duas vistas da cidade, uma razão para Trump cobrar preços mais elevados. A crítica de arquitectura do Times, Ada Louise Huxtable, elogiou a torre de vidro escuro, «uma estrutura dramaticamente atraente», com «28 lados brilhantes». As leis da cidade teriam bloqueado uma torre tão alta num terreno tão pequeno, mas Trump usou de forma inteligente os direitos de construção em altura da Tiffany e outras regras menos rigorosas dos projectos combinados de escritórios, lojas e residências, para se expandir para cima. A torre também aproveitou uma cláusula que permitia maior altura se o construtor providenciasse espaços públicos, como átrios. Os planeadores da cidade tinham-se tornado desconfiados sobre os novos arranha-céus, sobretudo numa altura em que o público se manifestava contra a falta de sol em Manhattan. Mas o desenho de Scutt e a capacidade de negociação de Trump venceram. Os responsáveis da cidade reduziram o projecto de 63 para 58 andares, mas Trump ficou com a última palavra, renomeando simplesmente os pisos para, no total, contabilizarem 68.

Primeiro, a elegante fachada da Bonwit Teller tinha de desaparecer. Mas alguns nova-iorquinos adoravam o edifício art déco, sobretudo o trabalhado em bronze sobre a entrada e um par de esculturas em baixo-relevo de quatro metros e meio, com deusas quase nuas a dançarem sobre a Fifth Avenue. («Um mau anúncio, poderia pensar-se, para uma loja dedicada a roupa de senhora», escreveu um colunista de arquitectura da New Yorker, em 1930.)

Robert Miller, dono de uma galeria de arte do outro lado da rua, e Penelope Hunter-Stiebel, a curadora do Metropolitan Museum of Art, acreditaram que conseguiam convencer Trump a preservar as peças, ao doá-las ao museu a troco de uma avaliação generosa – estimada em mais de \$200 mil – que ele poderia usar para

descontar nos impostos. Hunter-Stiebel tinha experiência a apelar ao sentido de história dos senhorios: o MET tinha adquirido do Rockefeller Center um elevador dos anos de 1930 que representava o estilo de arte moderna. Talvez Trump também cooperasse. Ele pareceu entusiasmado. «Isto vai ser um ótimo negócio!», disse Trump quando se encontraram no escritório dele.

Mas a 5 de Junho de 1980, Miller telefonou a Hunter-Stiebel da sua galeria e disse-lhe que podia ver os trabalhadores de construção em andaimes à porta da Bonwit Teller. Estavam a rebentar com as esculturas. Hunter-Stiebel, grávida de nove meses, saiu a correr do MET, saltou para dentro de um táxi e, quando ficaram presos no trânsito, correu os últimos 10 quarteirões até à Bonwit Teller. Entretanto, no local, Miller ofereceu dinheiro ao capataz para poupar as esculturas. **O capataz recusou, dizendo-lhe: «O jovem Donald disse que há uma mulher estúpida na alta da cidade, num museu, que as quer e que nós temos de as destruir.»** Hunter-Stiebel chegou a arfar com «um horror incrível», recordou ela. «Estavam com um martelo pneumático a arrancar o pescoço de uma das figuras. Era inacreditável.»

Friedrich Trump, avô de Donald, imigrou para Nova Iorque aos 16 anos e mudou-se para a costa oeste, onde prosperou na corrida ao ouro, antes de regressar a Nova Iorque e constituir família

«Construtor destrói as esculturas Bonwit», lia-se na manchete de primeira página do Times da manhã seguinte. O artigo citava «John Baron», um «vice-presidente da Trump Organization», que explicava que a empresa se tinha decidido pela demolição após três avaliadores independentes terem concluído que as esculturas não tinham «mérito artístico», valiam menos de \$9 mil e teriam custado 33 mil a remover. John Barron – geralmente escrito com dois r – era um pseudónimo que Trump usava com frequência, quando não se queria identificar perante um jornalista. Dois dias depois, Trump, a usar o seu verdadeiro nome, falou sobre o incidente, dizendo que a remoção das esculturas teria custado mais de 500 mil dólares. «O meu maior receio era a segurança das pessoas que passavam na rua», insistiu ele. «Se uma dessas pedras tivesse resvalado, podiam morrer pessoas.»

O incidente tornou-se o primeiro fracasso de relações públicas de Trump. **«O Sr. Trump pode assumir que o vandalismo estético**

**desaparece depressa da memória cívica», escreveu o Times no editorial.** «Mas aquilo que ele destruiu com as esculturas foi a imagem pública que estava a construir com o seu novo arranha-céus da Fifth Avenue.» Kent Barwick, presidente da Comissão para a Conservação de Monumentos Históricos de Nova Iorque, disse que a demolição estabelecia Trump como «um mau tipo, afinal de contas, certa ou errada, havia uma questão de confiança». Trump manifestou mais tarde «arrependimento» pela demolição e argumentou que tinha de avançar depressa com a demolição para evitar longos atrasos causados pelos conservacionistas históricos. Porém, no livro *Trump: The Art of the Deal*, disse que estava encantado com a reacção negativa da imprensa, porque tinha gerado publicidade grátis e ajudado a vender apartamentos. Nos anos de 1980, Trump disse que as esculturas «não eram nada» e eram «lixo». Uma década depois, visitantes da sua penthouse de 53 quartos repararam numa peça particularmente notável de baixo-relevo na sua sala de jantar de dois andares: um painel de marfim esculpido.

A Bonwit Teller estava tão bem inserida entre os edifícios da Fifth Avenue que as equipas de construção não podiam usar ferramentas tradicionais de demolição, como a bola de demolição ou a dinamite. Em vez disso, o edifício histórico teve de ser desmantelado, peça a peça. Para realizar este extenuante trabalho, Trump recorreu à Kaszycki & Sons Contractors, que tinha dado um orçamento muito baixo. O trabalho foi feito por centenas de imigrante polacos sem documentos, conhecidos como a «brigada polaca». Os homens trabalharam durante a Primavera e o Verão de 1980 com martelos e maçaricos, mas sem capacetes, 12 a 18 horas por dia, sete dias por semana, a dormir muitas vezes no chão da Bonwit Teller. Ganhavam menos de cinco dólares à hora e às vezes recebiam em vodca. Muitos acabaram por não ser pagos e eram ameaçados com a deportação se se queixassem. Em 1983, no ano em que a Torre de Trump abriu, membros do sindicato Housewreckers Local 95 processaram Trump, acusando-o de ter imigrantes ilegais a trabalhar na torre. John Szabo, um advogado de imigração que representava os trabalhadores, disse que um Sr. Barron – esse nome outra vez – lhe tinha telefonado da Trump Organization e o tinha ameaçado com um processo se os trabalhadores não abandonassem as exigências de ser indemnizados. Em 1990, após anos de adiamentos, Trump testemunhou que não sabia que os trabalhadores não tinham documentos. Culpou a Kaszycki & Sons.

O juiz decidiu contra Trump e o empreiteiro, dizendo que um dos principais assistentes de Trump na obra, Thomas Macari, «estava envolvido em todos os aspectos do trabalho de demolição». Trump apresentou recurso e conseguiu uma inversão parcial, mas o tribunal decidiu que Trump «devia saber» sobre os trabalhadores polacos. O caso acabou em 1999 com um acordo. **Anos mais tarde, Trump chamaria à imigração ilegal «uma bola de demolição apontada aos contribuintes dos Estados Unidos».**

Com a Bonwit Teller demolida, começou a sério a complicada construção da Trump Tower. Alguns dias depois da festa de inauguração do Grand Hyatt, Donald e Ivana tinham convidado Res para ir ao cintilante apartamento da Fifth Avenue. A sala de estar tinha uma vista deslumbrante sobre o Central Park e a mobília, as cortinas e os tapetes combinavam, com o mesmo tom de branco. Quando Ivana ofereceu a Res um sumo de laranja, ela recusou, com medo de deixar alguma nódoa. No Grand Hyatt, Res – com 1,65 metros, cabelo castanho pelos ombros, muitas vezes vista com um capacete, camisa de flanela, calças de bombazina e botas de trabalho – tinha-se aguentado como uma das poucas mulheres na obra, onde os trabalhadores urinavam livremente contra as colunas e cobriam as paredes com desenhos grosseiros dela e de Ivana nuas. Mas embora Res soubesse que tinha ganho o respeito de Trump, não estava à espera do pedido que Donald lhe fez.

«Quero que tu construas a Trump Tower por mim», disse ele. O arranha-céus teria as lojas mais glamorosas, escritórios topo de gama e os apartamentos mais luxuosos. Trump não tinha tempo para estar tão envolvido como tinha estado no Grand Hyatt. Precisava de alguém que fosse os seus olhos e ouvidos, uma «Donna Trump», como lhe chamou, encarregue da construção do «mais importante projecto do mundo». Res tornar-se-ia a engenheira-chefe da torre, responsável por toda a construção, quando tinha apenas 31 anos. Era uma de muito poucas mulheres com uma função executiva no sector imobiliário, na altura, e Donald nomeou-a apesar da objecção do pai de que aquele tipo de trabalho não era para mulheres.

**Nos primeiros cinco andares da torre ficava uma galeria comercial. Sobre esta haveria 11 andares de escritórios, 38 andares de apartamentos de luxo e vários pisos de manutenção, para manter tudo a funcionar.** Trump queria que a torre, ao contrário da maioria dos arranha-céus com estrutura de

ação, fosse construída sobretudo com betão reforçado, permitindo uma gestão mais flexível dos andares. A construção, disse Res, foi elaborada para ser de «alta velocidade», com equipas começando a trabalhar ainda antes de os desenhos estarem completos. As equipas trabalhavam seis dias por semana, colocando um piso de betão a cada dois dias. Um responsável pelo betão, Eddie Bispo, disse que o planeamento de construção era tão exigente que ele ia para o trabalho às seis da manhã e por vezes não saía antes das onze e meia da noite.

Os inquilinos diziam que Trump tentou intimidá-los para os forçar a sair. Ele propôs trazer pessoas sem-abrigo para viverem dentro de pelo menos 10 apartamentos que estavam vagos, mas a cidade declinou a generosa proposta.

A decisão de acelerar o trabalho obrigou Trump a cruzar-se com o poderoso «clube de betão» de Nova Iorque, um cartel de sindicatos controlados pela Máfia e de empreiteiros que conspiravam para fazer subir os preços, bloquear os adversários e punir, com greves dispendiosas, os construtores que resistiam. Muitos outros construtores de Nova Iorque sentiam-se, na altura, obrigados a entrar no mesmo tipo de acordos. O betão da Trump Tower vinha da S&A Concrete, na altura propriedade dos líderes de duas famílias do crime de Nova Iorque: «Fat» Tony Salerno, da família Genovese, e Paul «Big Paul» Castellano, dos Gambino (Castellano foi assassinado em 1985, à porta da Sparks Steak House, no East Side de Manhattan, num ataque da Máfia organizado pelo mafioso John Gotti). Roy Cohn tinha representado Salerno e outras personalidades da Máfia e conhecia outro chefe, John Cody, que mandava no sindicato Teamsters, que controlava os camiões de cimento. Documentos citados pelo Subcomité para a Justiça Criminal, em 1989, chamaram a Cody «o maior extorsionário de mão-de-obra, a aproveitar-se da indústria da construção em Nova Iorque».

**Em 1982, quando as greves sindicais congelaram as obras pela cidade, a construção da Trump Tower não parou um segundo.** Quando a torre abriu, no ano seguinte, foram vendidos a Cody e à sua namorada, Verina Hixon, três enormes duplex nos pisos 64 e 66, mesmo por baixo da penthouse de Trump. Apartamentos esses que levaram dispendiosos melhoramentos, incluindo a única piscina interior da torre. Os engenheiros de estrutura de Trump fizeram o trabalho, incluindo desenhar uma

moldura especial para acomodar a piscina. Durante seis meses após se instalar, Hixon teve 30 a 50 homens a trabalhar nos seus apartamentos todos os dias, a instalar cedros e roupeiros lacados, grandes espelhos e uma sauna, num custo total de \$150 mil. Quando Trump resistiu a um dos pedidos de Hixon, ela telefonou a Cody e as entregas de materiais de construção no edifício pararam até as obras no apartamento recomeçarem.

Hixon destacava-se entre a clientela incrivelmente rica dos apartamentos da Trump Tower. Num depoimento, em 1986, conduzido após ela ter falhado os pagamentos de um empréstimo de \$3 milhões, Hixon disse que nunca tinha tido um emprego ou possuído uma conta bancária com dois dólares, e que não tinha poupanças, acções ou propriedades para além do seu apartamento na Trump Tower. Disse que o ex-marido, um empresário rico do Texas, lhe dava 2000 dólares por mês de pensão de alimentos, pagava os 7800 de custos de manutenção mensal do apartamento e a escola do filho de 16 anos de ambos. Hixon disse que o seu apartamento estava na maioria por mobilar, com apenas um par de cadeiras e «mesas muito usadas», para condizer com a piscina interior. Tinha outra mobília armazenada, mas não se lembrava onde: «Algures na América, Brooklyn, sabe-se lá para onde estas coisas vão?» Ela disse que nunca comia em casa e que preferia comer em bons restaurantes, incluindo o La Côte Basque, o La Grenouille e o 21. Como pagava isso tudo? «Tenho amigos ricos», disse ela. «Eles adoram convidar-me.» Depois de Cody ter sido condenado por acusações de extorsão, em 1982, e enviado para a prisão, Trump levou Hixon a tribunal. Depois de ela ter falhado o pagamento de 300 mil dólares de manutenção dos apartamentos, Hixon abriu falência e os credores ficaram com os apartamentos na Trump Tower.

Intimado pelos investigadores federais, em 1980, Trump negou ter cedido os apartamentos para manter o projeto em construção. Cody, entretanto, disse que «conhecia Trump muito bem», acrescentando: **«Donald gostava de negociar comigo através de Roy Cohn.» Após a morte de Cody, em 2001, Trump chamou-lhe «um filho-da-mãe psicótico» e «escumalha».**

### **Um passeio no parque**

Ainda a torre estava a ser construída, já Trump estava a avançar com planos para construir um enorme complexo de apartamentos na ponta sul de Central Park. Em 1981, comprou dois edifícios

velhos – o Barbizon Plaza Hotel e um edifício de apartamentos de 15 andares ao lado, no número 100 de Central Park South – por \$13 milhões. Comprou-os para os demolir, mas encontrou forte resistência dos inquilinos, desejosos de manter as suas casas de renda controlada. Trump descreveu os seus adversários como «milionários de casacos de vison e a conduzir Rolls-Royce». Alguns dos resistentes eram sêniores com rendimentos fixos, outros eram, realmente, estrelas bem na vida.

Os inquilinos diziam que Trump tentou intimidá-los para os forçar a sair. Ele propôs trazer pessoas sem-abrigo para viverem dentro de pelo menos 10 apartamentos que estavam vagos, mas a cidade declinou a generosa proposta. Os encarregados da manutenção ignoravam as torneiras pingando e os eletrodomésticos estragados e cobriam as janelas dos apartamentos vazios com folhas de alumínio feias. Um grupo de inquilinos acusou Trump de assédio, mas ele negou tudo. «Deixem-me dizer-lhes uma coisa sobre os ricos», disse ele. «Têm uma resistência muito baixa à dor.»

Após um impasse de cinco anos, Trump abandonou os planos de demolição e disse que ia reconverter o número 100 de Central Park South em 26 apartamentos de luxo. Os atuais inquilinos podiam ficar. O Barbizon Plaza Hotel estava fechado, portanto, os seus 950 quartos podiam ser convertidos em 400 apartamentos de luxo. No início de 1983, antes de Trump iniciar a reconversão, perguntou a Stephen N. Ifshin, um vendedor de imóveis comerciais de nicho, se ele conseguia encontrar um comprador tanto para o Barbizon Hotel como para o prédio ao lado. Ifshin estava convencido de que conseguia.

Em 1991 com a noiva, Marla Maples, no Open dos EUA

– Quero 100 milhões de dólares pelos dois edifícios juntos – disse Trump.

– É muito dinheiro – disse Ifshin, surpreendido por aquele preço tão elevado. Era um valor nunca antes visto no setor imobiliário de Manhattan, mesmo como um valor oficioso para pôr a circular entre clientes ricos, o chamado «número sussurro». Mas ser intermediário de uma venda destas poderia representar vários milhões de comissão para Ifshin, portanto, ele espalhou palavra de que os edifícios podiam ser comprados. Sherman Cohen, um negociador

duro no mercado de propriedades de Manhattan, mostrou interesse e Ifshin marcou uma reunião no escritório de Trump. Antes de se sentar à mesa de conferências de Trump, Cohen acendeu um cigarro. Mas quando agarrou o cinzeiro que estava no meio da mesa, este não se mexeu.

– Donald – disse Cohen –, tem esta coisa aparafusada?

– Esta mesa de conferências vem do meu hotel, o Barbizon – disse Trump –, e nós aparafusámos todos os cinzeiros porque as pessoas estavam roubando como lembranças.

O sorriso de auto-satisfação de Trump sugeria que ele estava apenas a proteger o seu investimento. Começaram a negociar e Trump anunciou, de forma firme, que os edifícios estavam à venda por 100 milhões de dólares.

– Quando refiro um preço, esse é o preço – disse ele.

Cohen respondeu que não tinha 100 milhões de dólares para oferecer, mas que podia chegar aos 90 milhões.

Eles estavam quase, mesmo quase, pensou Ifshin. Agora podia começar uma negociação a sério. Mas Trump agradeceu simplesmente a Cohen e repetiu o preço, 100 milhões, nunca menos. Cohen não disse mais nada. Trump não disse mais nada. E ficaram a olhar um para o outro, num impasse. A reunião acabou em menos de meia hora. Cohen foi-se embora, mas Ifshin ficou perplexo.

– Porquê? – perguntou a Trump. – Porquê recusar uma oferta daquelas? Vocês estavam perto.

– Não era o que eu estava pedindo – disse Trump. – Nunca vendo por menos do que aquilo que peço.

Que absurdo, pensou Ifshin. Há sempre uma negociação. E depois Ifshin percebeu que tinha sido usado.

– Donald – disse ele. – Esta foi a sua forma de obter uma avaliação informal, de ver se alguém mordida o isco e por quanto. – Trump negou, mas Ifshin reagiu: isto tinha sido só um estratagema para saber quanto os edifícios podiam valer no mercado, e agora Trump sabia que valiam, pelo menos, 84 milhões.

– Deve-me uma comissão por lhe ter arranjado uma avaliação informal do meu comprador – disse Ifshin. – Deve-me 10 mil dólares.

Trump olhou para ele como se ele estivesse louco, mas disse-lhe que o recompensava com um favor no futuro. Isso nunca aconteceu. Ifshin nunca mais lidou com Trump e Trump não vendeu os edifícios. «Ele não foi frontal», disse Ifshin. **«Ele escondeu as suas intenções. E foi isso que me aborreceu – foi muito esperto, mas não correto.»** Ifshin concluiu que Trump era alguém em quem não se podia confiar, que não se importava com relações de longo prazo e que usava as pessoas. Trump ficou com os edifícios. O Barbizon foi mais tarde renomeado Trump Parc East e passou a ter lareiras a lenha, e o edifício de apartamentos tornou-se o Trump Parc. Três décadas depois, o filho de Trump, Eric, viveu no décimo terceiro andar.

Era suposto o primeiro filho de Fred Trump, Freddy, suceder ao pai no negócio de família. Com os dois primeiros nomes do pai (Frederick Christ), Freddy era o primeiro foco das altíssimas expectativas do pai. (Freddy era o segundo filho, a seguir a Maryanne, a filha mais velha.) Freddy andou numa escola episcopal em Long Island, depois entrou na Lehigh University, onde a sua paixão era a aviação. Depois de se licenciar, em 1960, regressou ao escritório da Avenue Z e juntou-se ao pai. Fred era um chefe rígido e o afável Freddy esforçava-se para conseguir estar à altura das exigências do pai. Quando Freddy instalou janelas novas num edifício velho, durante a renovação, o pai repreendeu-o por ser gastador. Freddy queixou-se aos colegas da fraternidade que o pai não lhe dava valor.

**Donald admirava o irmão mais velho. No início dos anos de 1960, Freddy levava Donald, na altura no liceu, em viagens de Verão para pescar na sua lancha Century.** No dormitório da academia militar, Donald tinha uma fotografia com o irmão ao lado de um avião. No início, ao crescer na sombra do irmão, Donald competia pela afeição do pai. Mas assim que viu que o irmão não conseguia obter a aprovação do pai, Donald achou que faltava ao irmão a dureza para sobreviver na sua competitiva família. «O Freddy não era um matador», disse Donald, repetindo o termo que o pai gostava de usar para um filho bem-sucedido.

Depois de um empreendimento proposto pelos Trump para o Steeplechase Park, em Coney Island, não ter avançado, Freddy

deixou o negócio e foi trabalhar como piloto da Trans World Airlines. Aos 23 anos, casou com uma aeromoça e o casal teve dois filhos, Fred e Mary. Freddy parecia muito mais feliz do que tinha sido sob o jugo do pai. Donald, no entanto, não resistia a emburrar com a falta de ambição de Freddy e perguntava-lhe: «Qual é a diferença entre aquilo que fazes e conduzir um ônibus?» O consumo de tabaco e de bebida de Freddy, que piorou quando tinha 20 e poucos anos, levaria Donald a evitar os cigarros e o álcool para o resto da vida. Freddy divorciou-se e deixou de voar. No final dos anos de 1970, voltou a viver com os pais e era supervisor de uma equipa de manutenção num dos complexos de apartamentos do pai, em Brooklyn. Em 1977, Donald pediu a Freddy para ser o padrinho do seu casamento com Ivana, dizendo que acreditava que seria «uma coisa boa para ele».

**A 26 de Setembro de 1981, Freddy, oito anos mais velho do que Donald, morreu de ataque cardíaco após anos de alcoolismo. Tinha 43 anos.** Freddy foi enterrado em Queens, no talhão da família, num cemitério luterano. Donald chamou à sua morte «a coisa mais triste» por que já tinha passado. Disse que aprendeu com o fracasso do irmão a «manter-se 100 por cento à defesa». «O homem é o mais perigoso de todos os animais e a vida é uma série de batalhas que acabam em vitória ou em derrota», disse Trump dois meses após a morte do irmão. «Não podemos deixar que as pessoas façam pouco de nós.»

Trump espalhou o rumor, publicado nos jornais de Nova Iorque, de que a família real britânica – Carlos, príncipe de Gales, e a mulher, a princesa Diana – estavam interessados em gastar 5 milhões de dólares para comprar um apartamento de 21 quartos, um piso inteiro da Trump Tower. Eles nunca apareceram.

A Trump Tower foi um êxito. Os seus 266 apartamentos, que começaram a ser vendidos no final de 1982, com preços a partir de \$500 mil por um apartamento com um quarto, renderam no total \$277 milhões, o suficiente para pagar todo o investimento ainda antes de o primeiro inquilino se instalar. Os compradores interessados encontravam-se com Sunshine e Trump, que por vezes os levavam a dar uma volta pelo edifício. As brochuras de venda elogiavam uma entrada escondida para a 56th St., «totalmente inacessível para o público». Trump explicou a sua estratégia para conquistar os compradores dos apartamentos: «Vendemos-lhes uma fantasia.» Muitas unidades foram vendidas

como apartamentos corporativos ou como segunda habitação para estrangeiros ricos. Mas para a satisfação promocional de Trump, várias celebridades também compraram, incluindo Steven Spielberg, Michael Jackson e Johnny Carson, que acusaria dois trabalhadores da construção de lhe roubarem o seu casaco de lã de vicunha. Depois de Trump ter despedido os homens, Carson encontrou o casaco no roupeiro.

Trump espalhou o rumor, publicado nos jornais de Nova Iorque, de que a família real britânica – Carlos, príncipe de Gales, e a mulher, a princesa Diana – estavam interessados em gastar 5 milhões de dólares para comprar um apartamento de 21 quartos, um piso inteiro da Trump Tower. Eles nunca apareceram. **Trump não confessou ter criado o rumor, que o Times atribuiu a «alguém do sector imobiliário», mas disse: «O rumor de certeza que não nos prejudicou.»**

Para aumentar a imagem da torre, Trump procurou marcas de renome mundial para a galeria comercial. Os primeiros 48 inquilinos de retalho incluíam a Mondri (roupa), a Botticellino (moda), a Charles Jourdan (sapatos), a Buccellati (joalheiro italiano), a Ludwig Beck (cadeia alemã), a Harry Winston (joalheria) e a Asprey (joalheiro de Londres), e alguns pagavam rendas que chegavam a \$1 milhão por ano. Nos primeiros anos, alguns dos inquilinos iniciais saíram, com dificuldades em ter lucro com os muitos turistas americanos de classe média que visitavam a torre.

Ao mesmo tempo que a fama da Trump Tower crescia, aconteceu a mesma coisa com os mitos sobre Trump. Em 1982, Trump entrou na primeira lista da Forbes das 400 pessoas mais ricas da América, com a revista a estimar que ele valia \$100 milhões. Embora os negócios de Trump estivessem a aumentar a sua fortuna, o seu rendimento continuava muito modesto. Os investigadores de Nova Jérquia que o avaliaram para uma licença de cassino disseram, em 1982, que Trump ganhara \$100 mil por trabalhar para o pai, \$1 milhão de comissão do Grand Hyatt, que tinha \$6 mil em poupanças e uma linha de crédito de \$35 mil no Chase, obtida com a ajuda do pai.

A torre, que alguns tradicionalistas de Manhattan desdenhavam como sendo um exemplo berrante dos excessos dos novos-ricos, ganhou defensores, com o crítico de arquitetura do Times, Paul Goldberger, admitindo que tinha assumido que o edifício «seria ridículo, pretensioso e mais do que um bocadinho vulgar». Em vez

disso, achou o átrio «caloroso, luxuoso e até emocionante [...] o espaço público interior mais agradável que tinha sido construído em Nova Iorque nos últimos anos». **Nos primeiros tempos da torre, havia sem-abrigo nos bancos de mármore do átrio para ouvir a música. Trump arranjou seguranças e deu instruções aos jardineiros para cobrir os bancos com vasos de flores.** Foi «algo cómico», recorda Res. «Todo este vidro e mármore na mais opulenta das torres, um músico brilhante a tocar no seu piano de 50 mil dólares, e os cidadãos mais pobres da cidade sentados nos seus sacos de papel a passar o dia.»

A Trump Tower enraizou Trump, o seu nome e a sua fama no firmamento de Manhattan, tal como ele tinha sonhado em criança, a olhar sobre a ponte de Queens. Ele mudou-se para um escritório cor de mel no piso 26, onde trabalharia nas décadas seguintes, com a secretária de mogno feita à medida coberta de revistas com artigos sobre ele, as paredes cheias de prémios e tributos e uma vista espectacular do Plaza e do Central Park. Ivana mudou-se para o escritório ao lado, pelo menos durante algum tempo (na fase de design, Trump pediu aos arquitecto para desenhar um segundo apartamento apenas para Donald, no caso de o casamento acabar). Em Março de 1984, os Trump – Donald, Ivana e os três filhos – mudaram-se para a penthouse de três andares. O triplex de 53 quartos tinha uma sala de estar com nove metros de altura, instalações para as empregadas domésticas, murais no teto com querubins renascentistas, lustres de cristal, uma fonte romanesca com controlo remoto, ónix azul da «África mais profunda e mais escura» e o seu próprio elevador. O casal tinha cada um o seu banheiro: a de Donald era em mármore castanho-escuro e a de Ivana em ónix cor-de-rosa translúcido. Trump reservou um apartamento por baixo da penthouse, com lareira, para os pais. Eles estavam quase sempre em Queens.

A capa da Playboy de março de 1990

O Grand Hyatt tinha tornado Trump famoso em Nova Iorque. A Trump Tower tornou-o famoso em todo o lado. A GQ avaliou as suas mãos («pequenas e bem tratadas»), a sua estatura («elegante, mas bem alimentado») e os seus instintos («eu sei o que as pessoas querem»). No programa Lifestyles of the Rich and Famous, o colosso da televisão, Robin Leach, disse que a mansão de Trump em Greenwich, no Connecticut, valia \$10 milhões – três

vezes mais do que ele tinha pago por ela «Acredito em gastar mais dinheiro do que as outras pessoas considerariam racional», disse Trump para a câmara.

**Os bancos estavam finalmente a emprestar o suficiente para satisfazer o apetite de Trump. Em 1985, comprou uma mansão de 118 quartos, em Palm Beach, chamada Mar-a-Lago, com um empréstimo de \$8,5 milhões.** «Todos os financiadores eram obcecados com celebridades», disse Jon Bernstein, um antigo sócio da Dreyer & Traub, o principal escritório de advogados dos anos de 1980. «Todos eles queriam estar ligados a Donald Trump de qualquer forma que conseguissem.»

### **Última estação**

Nesse mesmo ano, Trump regressou a um dos primeiros pedaços de imobiliário por que se tinha apaixonado em Manhattan – o grande terreno da Penn Central em Upper West Side. Comprou a propriedade a outro construtor, por \$115 milhões, e declarou a sua intenção de construir o edifício mais alto do mundo, uma torre de 150 andares com vista para o rio Hudson, acompanhada por seis torres de 76 andares, 8 mil apartamentos, um centro comercial, 8500 espaços para estacionamento, 162 mil metros quadrados de parques e uma sede para a National Broadcasting Company, que Trump esperava atrair do Rockefeller Center. «A Cidade da Televisão» era, como dizia no comunicado à imprensa, «o mais grandioso dos planos do mestre construtor.»

Os vizinhos não iam admitir isso. Prometeram uma luta fortíssima. O Times chamou à proposta de Trump uma «tentativa de imortalidade». Os adversários alinharam-se para barrar o caminho a Trump, criando uma organização sem fins lucrativos chamada Westpride, que realizou uma angariação de fundos que atraiu celebridades como o apresentador de televisão Bill Moyers, a feminista Betty Friedan e Robert Caro, o biógrafo de Lyndon Johnson. Passado um ano de batalha, Trump mudou de arquitetos e encolheu a sua planta. Ele e Koch entraram numa guerra verbal, com o construtor a chamar ao prefeito de «idiota» e um «desastre» para Nova Iorque. «Se Donald Trump está a guinchar como um porco entalado, devo ter feito alguma coisa bem», declarou Koch, antes de acrescentar: «Porquinho, porquinho, porquinho.»

**Sob pressão financeira, Trump acabaria por desistir da sua ambição de construir o edifício mais alto do mundo. Aceitou o**

plano alternativo dos adversários, com menos de metade da densidade que Trump tinha proposto. Trump elogiou o novo plano numa reunião com Roberta Gratz, uma proeminente adversária, dizendo: «Isto é brilhante! Os meus arquitectos têm estado a desperdiçando o meu tempo durante anos.» Espantada por ouvir tal cedência, Gratz respondeu: «Donald, um dia quero ouvi-lo dizer isso em público.» Trump agitou-se na cadeira e não respondeu.

A 28 de Maio de 1986, Trump escreveu uma carta a Koch: «Caro Ed, durante muitos anos observei com espanto como Nova Iorque falhava repetidamente as suas promessas de terminar e abrir o Wollman Skating Rink.» Há anos que Trump olhava pela janela do escritório para o rink encerrado em Central Park, chocado com a incapacidade da cidade de recuperar aquela instalação pública. Agora, ele estava disposto a fazer aquilo que a cidade não conseguia e, já agora, suplantar o prefeito. A construção do rink, prometia a Koch, «que essencialmente envolve colocar uma base de cimento, não deve demorar mais de quatro meses».

Trump ofereceu-se para pagar a construção e gerir ele próprio o rink.

Koch escreveu-lhe no mesmo dia, a dizer que ficaria «encantado» se Trump fizesse a obra de reparação, mas a rejeitar a sua oferta para gerir o rink. E o prefeito desencorajava Trump a tentar dar o seu próprio nome ao rink: «**Lembre-se, a Bíblia diz que aqueles que fazem a caridade de forma anónima ou, se não for de forma anónima, sem requerer o uso dos seus nomes, são duplamente abençoados.**»

Trump rapidamente transformou o projeto Wollman numa mina de ouro de tempo de antena gratuito. Deu meia dúzia de conferências de imprensa enquanto os trabalhos decorriam, o que irritou os responsáveis da Câmara. Quando o comissário dos Parques, Henry Stern, chegou à primeira conferência de imprensa, encontrou uma placa que dizia «Proprietário: Trump Ice, Inc.». Ordenou ao seu pessoal que removesse a placa. Em vez de dar o nome de Trump ao rink, Stern ofereceu-se para plantar uma árvore em sua honra. Os funcionários dos parques escolheram um pinheiro japonês de três metros, a que chamaram Árvore Trump. Por acaso, o construtor estava a chegar ao rink na altura em que se preparavam para plantar a árvore. Furioso, gritou: «Digam ao Ed Koch e ao Henry Stern que podem enfiar a árvore nos rabos.» Trinta anos mais

tarde, quando Trump estava concorrendo à Presidência, a árvore, agora com 12 metros, continuava ao lado do rinque.

Livre dos regulamentos burocráticos que tinham frustrado os esforços da cidade para reconstruir o rinque, Trump terminou-o dois meses antes do previsto e abaixo do orçamentado, conquistando a batalha de relações públicas contra o mayor – e os corações de muitos nova-iorquinos.

Em público, Trump tinha-se tornado aquilo que sempre quisera ser: uma estrela. A revista Playboy chamou-lhe um dos homens mais sexy da América e, em Março de 1990, ele foi capa da Playboy, encostado a uma modelo que o olhava com adoração.

Trump transformou aquela boa vontade numa nova onda de celebridade, retratando-se como um negociador que consegue fazer coisas, alguém com gostos exuberantes de bilionário e com uma queda populista para conversa directa. O magnata da imprensa, Si Newhouse, reparou que as vendas da sua revista GQ dispararam quando Trump apareceu na capa, por isso, apresentou a Trump uma ideia: escrever um livro para a editora dele, a Random House. Escrito, na realidade, por Tony Schwartz, *Trump: The Art of the Deal* transformava a celebração de Trump do ego, da excelência e das ambições de expansão nos negócios num livro fácil de ler com receitas de sucesso. A sua bíblia de negócios incluía a alegria das reduções nos impostos, do poder de uma história sensacionalista e da importância de jogar com as fantasias dos clientes. O livro desfazia os críticos (a administração de Koch era «tanto amplamente corrupta como totalmente incompetente») e fomentava o seu currículo («os negócios são a minha forma de arte. Adoro fazer negócios, de preferência grandes negócios»). Fazendo eco do «pensamento positivo» do reverendo Norman Vincent Peale, Trump oferecia uma fórmula de 11 passos para o sucesso. No primeiro passo («Pense em grande»), Trump dizia que «muitos empreendedores de imenso sucesso» possuíam um nível de concentração a que ele chamava «neurose controlada».

**Os críticos menosprezaram o livro, considerando-o superficial, arrogante e de autopromoção. Um crítico do The Washington Post disse: «A falta de gosto do homem é tão grande quanto a sua falta de vergonha.»** Mas nas primeiras semanas após o lançamento, o livro escalou para o topo das listas dos mais vendidos. Vendeu mais de um milhão de exemplares, em parte devido a um bombardeamento de publicidade que parecia uma

campanha presidencial: Trump fez anúncios de página inteira nos jornais a exigir uma política de negócios estrangeiros mais dura nos EUA, fez um discurso em New Hampshire no auge da época das eleições primárias e distribuiu autocolantes a dizer «Eu adoro Donald Trump». Mas essa campanha não era para ser eleito, era para vender livros – e a ele próprio. «Foi tudo para ter muita visibilidade», disse Peter Osnos, que editou o livro na Random House. «Trump tinha esta necessidade de ser um nome realmente grande, por isso, cultivava a fama. Mas o estilo de vida dele era surpreendentemente pouco glamoroso. Ele é muito disciplinado em algumas coisas. Não fuma, não bebe, vive por cima da loja. Ele não foi uma grande figura do social em Nova Iorque, nunca foi. Ele gostava, simplesmente, de subir as escadas e ver televisão. Aquilo que lhe interessava era a fama e os negócios – construção, imobiliário, jogo, wrestling, boxe.»

Enquanto o império de Trump crescia, algumas das pessoas mais próximas dele notaram uma mudança. Tornou-se mais distante, por vezes petulante, por vezes explosivo. Nos dias do Grand Hyatt, a Trump Organization, por maior que parecesse, vivia com um pequeno escritório e uma equipe reduzida: Sunshine, o advogado e conselheiro de Trump, Harvey Freeman, e um grupo restrito de agentes imobiliários, de advogados e de secretárias. A vaidade de Trump instilou um forte tribalismo na sua equipe: os funcionários, dizia ele várias vezes, eram os melhores. Embora mais tarde ficasse conhecido pela frase «Estás despedido!», Trump geralmente sentia-se pouco à vontade a livrar-se de um empregado. Se tinha de ser feito, ele preferia delegar a tarefa num subalterno. «Sentimos sempre que se a pessoa estivesse suficientemente próxima dele para ter de ser ele a fazê-lo, então a pessoa tinha um emprego para toda a vida», disse Res.

No início dos anos de 1980, Res caminhava pelos passeios com Trump até às reuniões, a fazer conversa fiada sobre edifícios ou negócios. No final da década, quando Trump ia almoçar com outros executivos, ia rodeado por três guarda-costas. O escritório tinha sido sempre competitivo, mas a porta para a sala de Trump ficava sempre aberta, mesmo quando estava fazendo telefonemas sob o falso nome de John Barron. Mas após os primeiros grandes sucessos, o humor em torno de Donald começou a mudar. Rodeou-se, disse Res, de bajuladores que aplaudiam tudo o que fazia, em vez de questionarem a sua lógica. **«Não era o mesmo Donald com que nos podíamos sentar na cavaqueira», disse**

**ela. «Já não queria que o questionassem. Era uma estrela demasiado grande.»** Começou a beber os refrigerantes diet por uma palhinha e só quando lhe eram entregues pela sua assistente, Norma Foerderer, porque tinha demasiado medo dos germes das outras pessoas. Os executivos começaram a chamar a Norma «o barómetro». Se Donald estava no escritório com um humor especialmente conflituoso, ela parava os visitantes, dizendo: «Não entrem aí.»

As exigências de Trump entraram numa espiral. Uma vez, por volta das duas da manhã, quando passava pelo Trump Parc de limusina, Trump viu uma lata de refrigerante caída no passeio perto da entrada. Telefonou a Blanche Sprague, responsável pelo desenvolvimento de projetos, e disse-lhe: «Telefone-me quando já lá não estiver.» Ela pediu a um empregado da manutenção para tratar disso e depois telefonou a Trump a informá-lo. «Depois voltei a dormir até às seis horas, quando o Donald me telefonou sobre outra coisa qualquer», disse ela. Ao mesmo tempo que os negócios cresciam e se tornavam mais complicados, o mau feitio de Trump disparou. Após lhe terem dito que um projeto estava atrasado, ele pontapeou uma cadeira da sala de conferências. «Ele tem sempre de ter as coisas à sua maneira», disse Scutt, o arquitecto.

**Alguns dos seus executivos mais próximos começaram a sair: o principal advogado de Trump em Nova Iorque, o responsável de vendas, o conselheiro financeiro, e até Res, a engenheira que tinha levantado o nome dele para o céu, a mulher que ele tinha nomeado «Donna Trump».** Mas isto era tudo nos bastidores. Em público, Trump tinha-se tornado aquilo que sempre quisera ser: uma estrela. A revista Playboy chamou-lhe um dos homens mais sexy da América e, em Março de 1990, ele foi capa da Playboy, encostado a uma modelo que o olhava com adoração. A mulher de Trump não se manifestou contra a foto, pelo menos em público, mas algumas mulheres nos escritórios de Trump estavam desiludidas. «Acho que foi o princípio do fim de ele ser um homem de negócios sério», disse Res. «Ele passou a ser um desenho animado.» Arrojado, Trump adorou a publicidade. «O espectáculo é Trump», disse ele, «e as atuações estão esgotadas em todo o lado.»

## O governo Trump será um sucesso?

Antes de qualquer coisa quero dizer que não sou simpatizante do Donald Trump, não compactuo em nada com sua visão de mundo, nem com a forma que ele trata as diferenças. Dito isto, vamos olhar para as variáveis da economia norte-americana e, principalmente, para pontos que sinalizados pelo atual presidente podem gerar o tão esperado crescimento da economia, do emprego e da renda nos EUA.

Durante a campanha e em seu discurso de posse no último dia 20 de janeiro, o 45º presidente da história dos EUA - Donald John Trump foi enfático: “Gastamos trilhões e trilhões de dólares além-mar, enquanto a infraestrutura dos Estados Unidos caiu em degradação e deterioração”. É por aí que vem o crescimento e posteriormente poderá vir a recessão. Mas vou tentar explicar melhor o meu raciocínio.

Quando olhamos alguns indicadores da economia americana, segundo dados da Bureau of Economic Analysis (BEA) e pela Bureau of Labor Statistics (BLS) e compilados no último Guide to Markets do banco JP Morgan: a Taxa de Investimento dos EUA em relação ao PIB é de 12,4%. No Brasil essa relação é atualmente de 16% e na China chegou a quase 50% do PIB. Os Investimentos em Infraestrutura durante o governo Obama chegaram no máximo aos 3,0% do PIB e a Idade Média dos Ativos Fixos Privados atingiu 11,4 anos em 2015. Ou seja, em um país do tamanho dos EUA cuja infraestrutura possui relativo grau de obsolescência, há uma grande oportunidade para o operador de política econômica promover um crescimento econômico considerável e produzir grandes consequências.

Mas como o Governo Trump poderia promover mais crescimento e uma sensação de riqueza na sociedade americana? Afinal, no último trimestre a economia dos EUA cresceu 3,5% em termos anualizados e a taxa de desemprego está em 4,7%. A resposta é a boa e velha política do Partido Republicano, já antecipada pelo novo presidente e usada por Reagan e os Bushes em anos anteriores: baixar impostos, investir em infraestrutura (via setor privado e público), atrair investimentos industriais com algum tipo de subsídio e depois... Yes we can! A economia entra em um processo de aquecimento ou até um superaquecimento.

Assim, promover um “superaquecimento” em uma economia do tamanho da dos EUA com uma grande restrição à entrada de imigrantes e uma declarada elevação de taxa de juros por parte do FED (Banco Central dos EUA) poderá gerar efeitos de crescimento consideráveis de curto prazo e um desequilíbrio estrutural no médio prazo.

O nosso cenário base é: imaginemos o aumento da taxa de investimento e da ampliação da infraestrutura privada em solo americano. Como a taxa de desemprego é baixa, a consequência é o aumento real de salários das classes de trabalhadores menos produtivos e com menor qualificação, o que deverá irradiar por toda economia. E como o salário é um preço e um insumo, e a demanda estará aquecida, teremos um aumento da inflação de demanda clássico!

Atualmente a inflação nos EUA é de 2,1% a.a. e já é a maior evolução pelo quinto mês consecutivo desde junho de 2014. Só no quesito custo da energia a inflação subiu 5,4% em dezembro e já havia subido 1,1% em novembro de 2016.

Enfim, o crescimento da economia via formação bruta de capital fixo vai promover um aumento de salários reais e, por consequência, um aumento de preços e ainda o mais desejado pelo setentão Donald Trump: uma sensação da retomada nostálgica do *american way of life*, que será capitalizado rapidamente para demonstrar o sucesso de seu governo reacendendo o slogan de campanha “*America Great Again*”. Tudo isso, se bem coordenado, pode durar até 2020, fazendo do primeiro governo Trumpista um sucesso. Assim, poderemos ter um Trump Again - mas mesmo que o magnata consiga com dificuldade ser reeleito, o sucesso não deve durar por muito tempo.

O principal risco, por mais incrível que pareça, é interno. O independente banco central dos EUA o *Federal Reserve*, deverá ser mais prudente do que vem sendo e pretende evitar um “superaquecimento” da economia americana sendo mais restritivo na política monetária. As expectativas do mercado é que os juros americanos podem chegar a 3% a.a. em 2018, sendo que atualmente a taxa é de 0,75% a.a.. Entretanto, se a inflação mostrar sinais de aceleração, a autoridade monetária poderá agir com mais rigor e desacelerar a economia e os planos de Trump, produzindo efeitos de valorização do dólar.

**E por fim e não menos desprezível, há o risco comercial externo. Donald Trump acredita que uma economia cada vez mais fechada (acho que ele não leu David Ricardo), comprando e vendendo de si mesma, principalmente manufaturados, poderá blindar os EUA dos efeitos externos da disputa comercial internacional. E é nesse quesito que ele comete um dos seus maiores erros de discurso e acredito de avaliação. O isolacionismo e o protecionismo tendem a ampliar custos de transação e de produção que devem promover mais inflação interna, criando perda competitiva e gerando novos desequilíbrios na estrutura produtiva norte-americana, pois nas relações internacionais de comércio, o inferno não necessariamente são os outros.**

Thobias Silva

**Economista-chefe da Federação das Indústrias de Pernambuco-FIEPE e Conselheiro Econômico da Veneza Investimentos.**

**Fontes:**

<https://am.jpmorgan.com/us/en/asset-management/gim/adv/insights/guide-to-the-markets>

<http://data.worldbank.org/>

<https://research.stlouisfed.org/>

<http://www.tradingeconomics.com/>

<https://www.whitehouse.gov/transitionsplash/>